

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

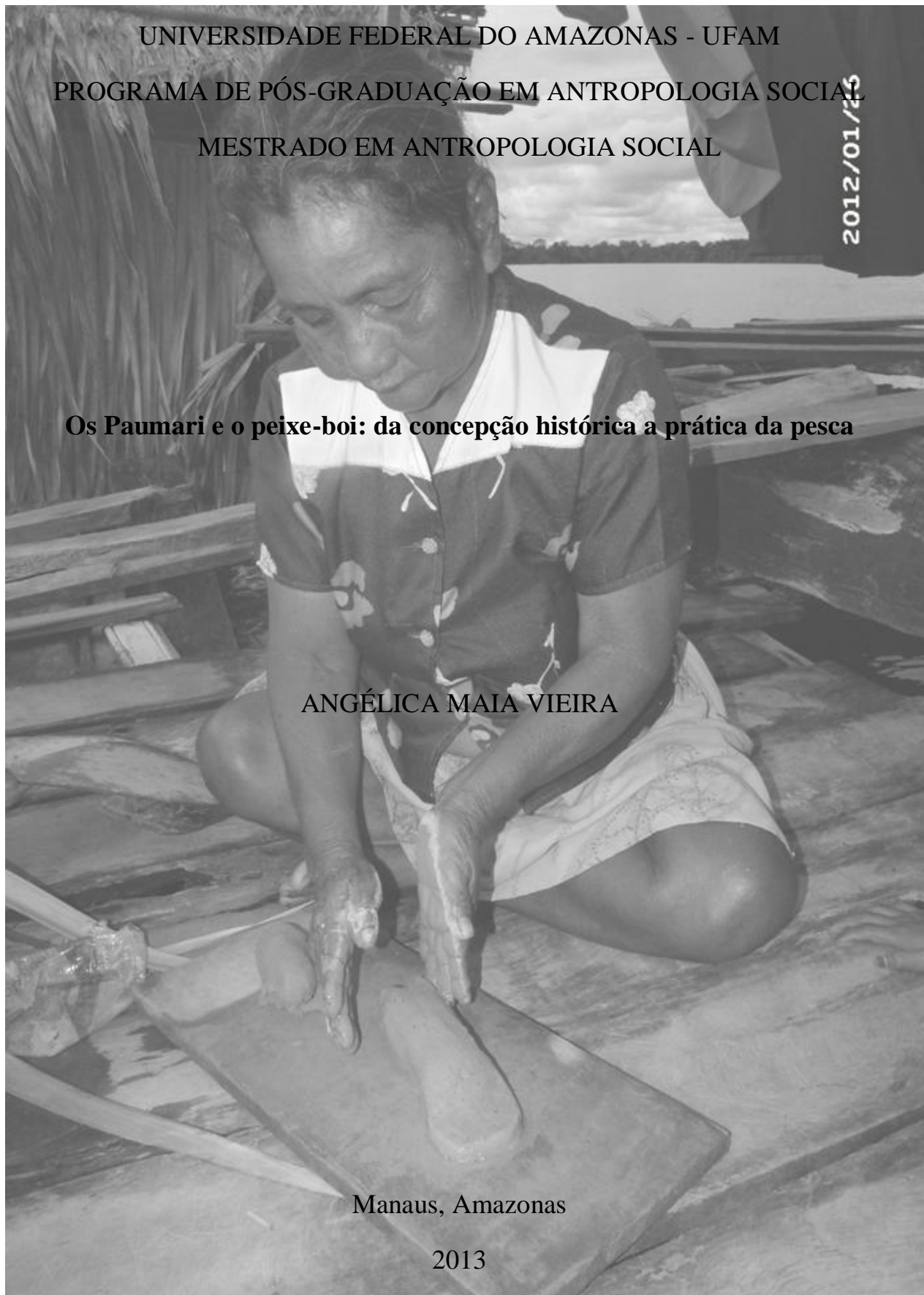
2012/01/25

Os Paumari e o peixe-boi: da concepção histórica a prática da pesca

ANGÉLICA MAIA VIEIRA

Manaus, Amazonas

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ANGÉLICA MAIA VIEIRA

Os Paumari e o peixe-boi: da concepção histórica a prática da pesca¹

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Dr. Gilton Mendes dos Santos

Manaus, Amazonas

2013

¹ Pesquisa apoiada pelo Projeto Saúde e Condições de Vida de Povos Indígenas na Amazônia, Programa de Apoio a Núcleos de Excelência – PRONEX/FAPEAM/CNPq, Edital 003/2009 e, pelo projeto “Sistemas Produtivos no Médio Purus”, integrante da rede de pesquisa intitulada Política e redes x Heterogêneas e comparadas, coordenado pelo Professor Gilton Mendes dos Santos e desenvolvido no âmbito do Instituto Brasil Plural (IBP), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e CNPq.

Vieira, Angélica Maia.

Os Paumari e o peixe-boi: da concepção histórica a prática da pesca/ Angélica Maia Vieira. Manaus, 2013.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Manaus, 2013.

Área de concentração: Antropologia social

Orientador: Gilton Mendes dos Santos.

ANGÉLICA MAIA VIEIRA

Os Paumari e o peixe-boi: da concepção histórica a prática da pesca

Aprovado em: _____ de _____ de 2013

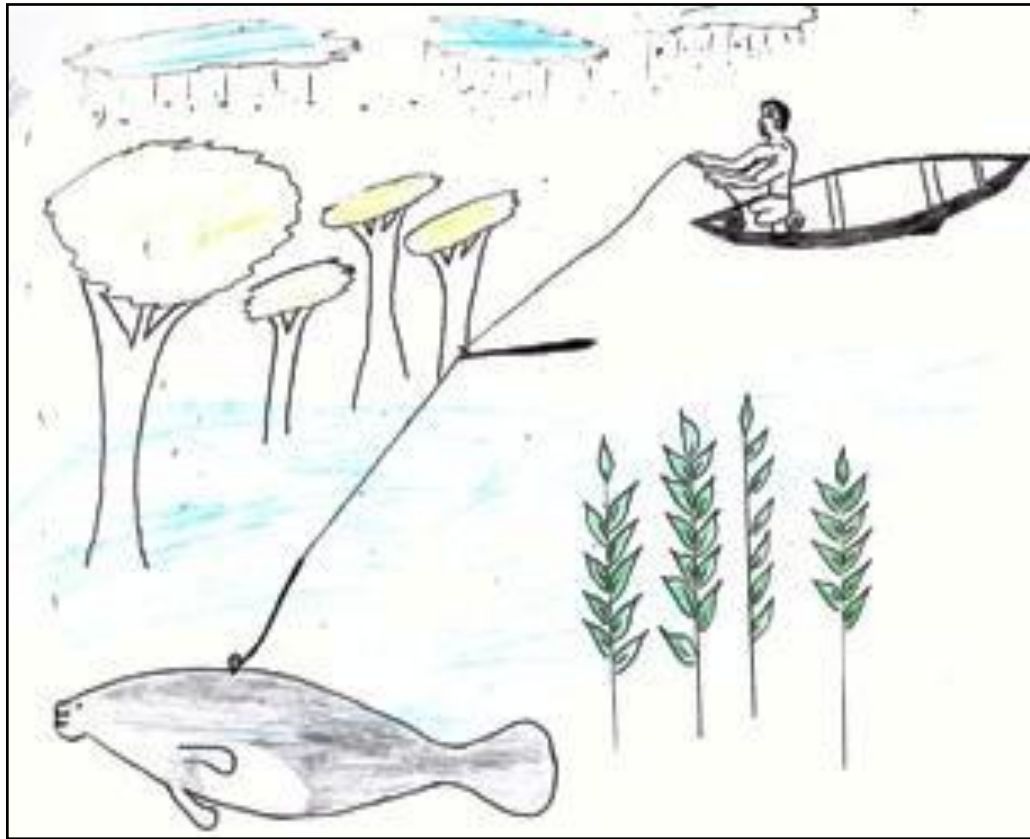
BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilton Mendes dos Santos
Presidente da Banca, PPGAS/UFAM

Prof^ª. Dra. Lydie Oiara Bonilla Jacobs
Museu Nacional – Rio de Janeiro

Prof^ª. Dra. Maria Luiza Garnelo Pereira
Centro de Pesquisas Leônidas & Maria Deane - FIOCRUZ

DEDICATÓRIA



Desenho de Sara e Germano Cassiano, Setes Bocas. 2012.

Dedico este trabalho aos Paumari do Rio Tapauá; pois com amor e carinho eles auxiliaram-me na pesquisa de campo e me ensinaram um pouco do que eu deveria saber e aprender sobre seu universo. A eles, toda minha gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa reverenciar o comportamento ou a ajuda de pessoas pelo estímulo, carinho e amor sempre demonstrados, sejam direta ou indiretamente envolvidos nesse trabalho

Este é um dos momentos mais difíceis do trabalho, onde devemos apontar todos aqueles que contribuíram na/para construção deste trabalho durante minha trajetória no mestrado em antropologia social. Embora seja difícil, faço desta parte um recanto de oportunidades para reconhecer aqueles que me auxiliaram e ajudaram nesse processo.

Agradeço primeiramente a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que me concedeu uma bolsa de mestrado, possibilitando-me a execução e conclusão desta pesquisa. Agradeço também ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas – PPGAS/UFAM, pelas inúmeras colaborações em meu crescimento acadêmico-profissional.

Ao Instituto Brasil Plural – IBP, que no âmbito do projeto “Sistemas Produtivos no Médio Purus”, coordenado pelo Gilton Mendes dos Santos, financiou as pesquisas de campo realizadas na região do Médio Rio Purus, no período de janeiro a março de 2012 e, janeiro de 2013. Além deste, esta pesquisa contou com os recursos do projeto “Natureza, Cultura, Saúde e Doença no Médio Purus”, que faz parte do projeto Condições de Vida e Saúde de Populações Indígenas na Amazônia, vinculada ao Programa de Núcleos de Excelência - PRONEX, sob a coordenação de Luiza Garnelo, pesquisadora da Fiocruz.

Agradeço a minha família, em especial meus tios Vilson e Risa, pois sem eles eu não teria chegado até aqui. Sempre estavam ao meu lado, apoiando minhas decisões, me consolando nas aflições e sempre me cercando de amor e cuidado. Sem eles, eu não teria condições emocionais para continuar e nem para sonhar este sonho.

Agradeço ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena – NEAI, a amada nave mãe que me possibilitou, durante cinco anos consecutivos, a minha estada no Purus, bem como minha inserção na pesquisa de campo entre os Paumari. E no âmbito do NEAI, agradeço ilimitadamente o meu querido orientador, o professor Dr. Gilton Mendes dos Santos, o qual me mostrou uma nova maneira de se “fazer antropologia”, compartilhando, com muito entusiasmo, suas ideias sobre o conhecimento indígena e fazendo-me caminhar sobre este cenário de conhecimento cruzado. Além disso, sempre se dedicou a nos possibilitar os melhores meios para a realização da pesquisa de campo, como também na realização de

qualquer outra atividade. Mas para além das condições materiais, Gilton foi um auxiliador em todos os momentos, sempre nos regendo com mão de ferro, e amor também, investiu pesado em minha formação, me possibilitando experiências inesquecíveis e únicas; tais como a Expedição Purus, realizada em Janeiro de 2012. A ele agradeço pelo meu processo de aprendizagem.

Ainda no recinto do NEAI, agradeço ao meu grande e estimado amigo João Paulo Barreto. Com ele aprendi inúmeras coisas; adquiri sensibilidade às formas de conhecimento indígena, atentando-me para a riqueza das falas, dos detalhes que um conhecedor me descrevia, pois o que eles descrevem não são histórias e muito menos contos, mas são momentos reais, coisas vividas e sentidas por aqueles que detêm o conhecimento. Toda nossa amizade se resume a uma frase: aprendizado e sensibilidade para as coisas que não estão ao alcance de nossa visão, mas que estão ao alcance de nossos sonhos.

Agradeço também ao casal Miguel Aparício e Genoveva Amorim, pelo amor e carinho com que sempre me cercaram. Pelas inúmeras conversas que tivemos e pelo apoio inestimável que recebo de vocês. É sempre um prazer estar na companhia de vocês, compartilhando os momentos de alegria e tristeza, de *insights* e bobagens que me surgem na cabeça. Obrigada pela linda amizade que construímos durante esse tempo. Não posso esquecer o casal Mara e Flávio Veras, que também compartilham conosco desses momentos de alegria, que nossa amizade seja duradoura e, repleta de ensinamentos.

Ao grande e querido amigo Marcelo Florido, doutorando em Antropologia Social da USP, este, mais que um amigo, é um irmão. Nos momentos de confusão você estava sempre por perto, fazendo as correções e sugestões para a melhor qualidade do texto. Agradeço-lhe carinhosamente pelos comentários e sugestões. Além de Florido, Alexandre Cardoso, foi fundamental na construção deste trabalho, pois dedicou parte de seu tempo para acompanhar as discussões e construções históricas que eu realizei a partir dos viajantes que passaram pelo Purus. Muitas foram as nossas conversas, com troca de ideias e de críticas também, e por isso seus ensinamentos estão presentes e perpassam todo o capítulo I desta dissertação.

Agradeço também a Oiara Bonilla, que com muita generosidade, auxiliou-me em tudo que precisei, dando-me sugestões e orientação. Lembro-me carinhosamente da ligação de Oiara, bem antes de eu ir ao campo, em janeiro de 2011, onde com amor e disposição me aconselhou sobre as coisas que eu deveria levar; descrevendo-me sobre o cotidiano da aldeia e das experiências que ela havia vivenciado. Por isso lhe sou grata! Obrigada por tudo.

A Larissa Menendez, que no momento de minha qualificação esteve sempre ao meu lado, compartilhando seus arquivos, lendo e corrigindo as coisas que eu escrevia. Com muito

entusiasmo ouviu atentamente as coisas que lhe contava sobre o período que fiquei entre os Paumari. Seu carinho e atenção foram fundamentais no processo da minha qualificação. Obrigada pelo carisma e carinho de sempre.

A Elaine Cristina, que corrigiu parte desses capítulos, compartilhando comigo as mesmas angústias e dores que nos sobreveem no período de finalização de dois anos de mestrado. Obrigada pela força e carinho de sempre. Ao querido amigo Fernando Sebastião, pessoa maravilhosa e mui querida, que sempre esteve ao meu lado, sempre dando força e conselhos, seu apoio no campo e sua experiência com os povos indígenas me fez crescer e perceber outros cenários e modos de relação com outrem. Obrigada por sempre me ouvir, por compartilhar suas experiências e por dispor de conselhos revigorantes e cômicos. Agradeço também a minha melhor amiga, Ingrid Daiane, que juntamente comigo, compartilhou de momentos de alegria e de tristeza, de sucesso e fracasso, mas que apesar dos contratemplos e do acaso que a vida nos impõe, tivemos a capacidade de sonhar, planejar e conquistar nosso lugar ao sol.

Não posso deixar de agradecer ao meu querido e amado Diego Rosa, que com paciência e muito cuidado, dedicou-se a ler este trabalho desde os primeiros rascunhos até a sua finalização. Sem sua companhia eu não teria conseguido seguir adiante, não teria me levantado diante da adversidade e prosseguido com minha proposta. Se não fossem suas palavras, seu amor, carinho e atenção, este trabalho não teria seguido rumo a sua concretização. Agradeço-lhe por tudo!

Por fim, agradeço imensamente o Povo Paumari, não apenas pela hospitalidade com que fui recebida, mas os agradeço principalmente por terem compartilhado comigo o seu dia a dia, por compartilharem suas histórias de vida, seus ensinamentos e por sempre cuidarem de mim quando eu estive entre eles. Por fazerem dos meus dias, os momentos mais divertidos e cheios de risada; por me prepararem açaí, peixe-boi e carne de queixada; por me levarem para passear e ensinar o nome dos bichos, das aves e das frutas. Por tudo que fizeram a mim, lhes sou eternamente grata e lhes dedico este trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal tratar da relação dos Paumari com o peixe-boi, destacando, principalmente, três dimensões que nos chamaram a atenção no decorrer da construção deste estudo. Deste modo, temos uma dimensão histórica que tende para uma abordagem etnográfica das fontes históricas, principalmente as do século XIX, apresentando, sobretudo, os Paumari neste cenário bem como da prática da pesca do peixe-boi na região do rio Purus. Além disso, tratamos de outras dimensões onde o peixe-boi aparece com destaque (alimentação), revelando sua importância no âmbito da sociedade Paumari.

Outra dimensão abordada neste trabalho, diz respeito à posição social que o peixe-boi ocupa na sociocosmologia Paumari. Neste sentido, o capítulo II aborda algumas questões relacionadas à posição de “patrão” e “dono”, com as quais o peixe-boi é identificado pelos Paumari. Por fim, temos uma dimensão que trata do exercício da pesca de peixe-boi, onde destacamos o universo da prática e os mecanismos empregados para a realização de uma boa pescaria, bem como a interação que se tem com a paisagem em que habita o animal.

Palavras-chave: Paumari, Peixe-boi, Cosmologia, Pesca.

ABSTRACT

The main objective of this research is to study the relationship between the Paumari people and the manatee, highlighting three dimensions that caught our attention during the construction of this research. In this way, we consider the historical dimension that develops an ethnographic approach to the historical sources, especially those regarding the XIXth century, presenting the Paumari people in this set and the manatee fishing practices in the Purus river. Moreover, we treat other dimensions, as feeding, that reveal the importance of manatee for Paumari society.

Other dimension in this work is focused on the social position that manatee occupies in the Paumari socio-cosmology. In this sense, the Chapter II approaches some questions about the positions of “boss” and “owner”, with which the manatee is identified by Paumari. Finally, we face other dimension about the execution of manatee fishing, analyzing the universe of practices, the mechanisms used to achieve a good fishing, and the interactions with the landscape, where the manatee lives.

Key-words: Paumari, Manatee, Cosmology, Fishing

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração I: Captura de tartarugas no Rio Purus.

Ilustração II: Abrigo de inverno dos Pamarís, no lago Marranham- Rio Purus.

Ilustração III: antigo flutuante dos Paumari.

Ilustração IV: Flutuante antigo dos índios Paumari.

Ilustração V: atual flutuante dos Paumari no lago Marahã (TI Paumari do Lago Marahã).

Ilustração VI: Flutuante atual dos índios Paumari.

Ilustração VII: Pintura Corporal no ritual do Amamajo

Ilustração VIII : Beijus de Mandioca com gravuras dos peixes

Ilustração IX: Pesca de peixe-boi no Purus e a armadilha parí

Ilustração X: Pesca de pirarucu e peixe-boi no lago do Ayapuá, no rio Purus.

Ilustração XI: Pesca de peixe-boi no lago do Ayapuá, no rio Purus.

Ilustração XII: O peixe-boi.

Ilustração XIII: Chavascal do Entupido.

Ilustração XIV: capim d'água, Chavascal do Entupido.

Ilustração XV: arpão, cordas e tornos utilizados na pesca de peixe-boi.

Ilustração XVI: Chavascal do Entupido.

Ilustração XVII: lago que dá acesso ao Chavascal do Gavião

Ilustração XVIII: Germano preparando o arpão.

Ilustração XIX: rebocados no retorno para casa.

Ilustração XX: Alagando e colocando o peixe-boi no porão da canoa.

Ilustração XXI: Ilustração do livro **A pesca na Amazônia.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - OS PAUMARI NA LITERATURA HISTÓRICA	36
1.1 OS PAUMARI PELOS VIAJANTES.....	37
1.2 O UNIVERSO AQUÁTICO.....	46
1.3 A PESCA DE PEIXE-BOI NO PURUS.....	55
1.3.1 OS PURU-PURU.....	61
CAPÍTULO II - O SUJEITO DA COSMOLOGIA	66
2. O DONO DAS ÁGUAS.....	74
CAPÍTULO III - ETNOGRAFIA DE UMA PESCA	82
1. O PEIXE-BOI: OUTRAS CONCEPÇÕES.....	82
1.1 O PEIXE-BOI, O CHAVASCAL E OS INSTRUMENTOS DA PESCA: UMA BREVE DESCRIÇÃO.....	84
2. ETNOGRAFIA DA PESCA.....	89
3. ENTRANDO NO UNIVERSO DA PRÁTICA E DA OBSERVAÇÃO.....	101
4. “NÃO SEI TE EXPLICAR, MAS SEI NA PRÁTICA”!.....	104
4.1 EDUCANDO PELA OBSERVAÇÃO.....	108
5. O PESCADOR, A SUPERFÍCIE E O <i>BOAIR</i>	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	116
ANEXOS	120

"Na calma do lago um bufo entre a canarana: o peixe-boi respira."

Anibal Beça

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo principal compreender a relação dos Paumari com o peixe-boi. Não obstante, para alcançar esta finalidade, este estudo versa sobre três dimensões complementares: uma de cunho histórico, outra cosmológica e, uma que trata do exercício da prática da pesca de peixe-boi pelos Paumari.

Os Paumari são conhecidos por sua familiar relação com o universo aquático. Neste ambiente rico em rios, lagos e igarapés, eles se aperfeiçoaram ao longo dos séculos na arte da pesca e de diversas técnicas. São conhecidos, primordialmente, como *exímios pescadores e vorazes comedores de animais aquáticos; índios fluviaes; povo das águas; habilíssimos fabricantes de ubás e flutuantes; remadores e pescadores* que se contentavam em viver única e exclusivamente de peixes e quelônios.

Além disto, um relatório técnico da Fundação Nacional do Índio - FUNAI (S/D) assinala que a particularidade deste grupo é a sua afinidade com as águas, e sua origem é intrínseca à vida quase anfíbia que este grupo leva. Assim, a pesca se configura como uma prática tradicional bastante conhecida e documentada pelos viajantes, exploradores e missionários que passaram pela região do Purus em meados do século XIX.

Os relatos históricos apresentam, com certo rigor de detalhes, as técnicas de pesca e as habilidades dos índios Paumari nos leitos dos rios e lagos do Purus. A habilidade desses índios chamou a atenção de alguns viajantes, uma vez que os Paumari ficam a espreita do animal (quelônio, pirarucu ou peixe-boi), observando cada movimento na água, pois todo cuidado é necessário, já que não desejam espantar sua presa. Cada detalhe é observado e calculado a partir da riqueza de conhecimento sobre os hábitos desses animais e seus respectivos ambientes.

A partir dos indicativos presentes nos relatos dos viajantes, bem como das narrativas orais, pode-se dizer que: os elementos aquáticos (peixes, quelônios, jacarés, peixes-boi), não são apenas fonte de alimento, mas fazem parte de um *cosmos* que conduz e organiza a vida social dos índios Paumari.

Deste modo, esta pesquisa divide-se em três capítulos: O *Capítulo 1- Os Paumari na Literatura Histórica*; está dividido em três blocos temáticos, cujo último bloco dividiu-se em outro subitem, são eles: 1) *Os Paumari pelos viajantes*, 2) *O universo aquático*, 3) *A pesca de peixe-boi no Purus*.

O objetivo deste primeiro capítulo é realizar uma leitura temporal das particularidades dos índios Paumari, assinalando as formas pelas quais este grupo era descrito no século XIX e início do século XX. No contexto histórico em que o rio Purus encontrava-se inserido, os Paumari são um dos povos mais bem descritos pela documentação histórica, sendo inúmeras das vezes mencionados pelos viajantes, cronistas e exploradores como *moradores permanentes dos rios e lagos*, como *comedores de animais aquáticos* e *índios fluviais por excelência*. Deste modo, diante do registro que se faz sobre os Paumari e seu estilo de vida bem como de suas práticas cotidianas e de sua participação como mão de obra nos seringais da região, o primeiro capítulo da dissertação tem como proposta inicial situar historicamente as características que são conferidas aos Paumari, sobretudo, aquelas que se referem ao ambiente aquático.

Além da exposição histórica, delineamos uma apresentação sobre a presença do universo aquático nos objetos, entre eles, destacamos as jangadas flutuantes e as pinturas corporais. Ainda neste capítulo, abordaremos o papel do peixe-boi enquanto um dos produtos mais comercializados na época do aviamento bem como da utilização de sua carne, couro e banha como itens que abasteciam a indústria regional e nacional, bem como os seringais da região amazônica. Mas para além do valor econômico, há algumas referências sobre o uso do couro, bem como de sua banha, como elementos que compõem a fabricação de tinturas corporais e escudos para guerras tribais. Neste sentido, apresentamos uma síntese sobre o uso da gordura de peixe-boi como elemento ritual e como signo dos que foram escolhidos pelo sol. Assim, a conclusão que se tem é que a prática de se besuntar com a gordura de peixe-boi está associada, para alguns autores (Stradelli, Chiara), como elemento de transmissão da doença Puru-Puru por meio do ritual de flagelação.

Já o *Capítulo II – O sujeito da Cosmologia*, tem um bloco temático denominado de: *O dono das águas*, cujo objetivo principal é analisar e compreender o peixe-boi enquanto um dos sujeitos que povoa o cosmo Paumari e com quem este povo tece relações de prestígio e admiração. É, portanto, por meio das narrativas míticas que nós buscamos apresentar um panorama da presença do peixe-boi no plano da sociocosmologia Paumari bem como das posições sociais que este ser adquire no “corpo” das narrativas míticas.

No entanto, a apresentação deste cenário partirá, principalmente, do diálogo realizado entre os trabalhos etnográficos de Oiara Bonilla (2005, 2007) e Larissa Menendez (2010). Além disso, as discussões promovidas neste capítulo estão fundamentadas nas informações que

adquiri *in lócus* (campo). Deste modo, partindo da análise teórica que Bonilla propõe, hei de pensar algumas das relações que os Paumari têm com o peixe-boi, pensando, sobretudo, que o respeito e a admiração que os Paumari têm para com o referido animal estão relacionados à posição social e cosmológica que este ser ocupa na sociogênese Paumari.

Por fim, o *Capítulo III – Etnografia de uma pesca* está dividido em duas sessões: 1) *O peixe-boi: outras concepções*, 2) *Etnografia da Pesca*, 3) *Entrando no Universo da Prática e da Observação*, por sua vez está dividido em três sessões, 4) *“Não sei te explicar, mas sei na prática”!* e, 5) *O pescador, a superfície e o boiar*. O objetivo deste capítulo é relatar a pesca de peixe-boi entre os Paumari do rio Tapauá, mostrando os mecanismos que são utilizados para a realização de uma boa pescaria, bem como a interação que se tem com a paisagem em que habita o animal. Além disso, trago alguns indicativos sobre a aprendizagem de um pescador Paumari e de como essa construção se dá a partir do ponto de vista dos pescadores que eu tive a oportunidade de acompanhar.

Da metodologia aos autores

O rio Purus é, do ponto de vista etnográfico, uma das regiões menos conhecidas e estudadas, se comparadas às regiões do rio Negro e Solimões. No entanto, a mesma tem recebido gradualmente diversos pesquisadores, o que tem nos permitido realizar alguns diálogos sobre a organização social dos povos que habitam a calha do médio rio Purus, a saber, os *Deni*, *Jamamadi*, *Paumari*, *Jarawara*, *Banawa-Yafi*, *Zuruahá* e *Apurinã*. Todos esses povos, com exceção dos Apurinã, pertencente à família linguística Arawá, juntamente com os *Kulina* do rio Juruá.

Por apresentar uma diversidade de ambientes, em toda a sua extensão, a bacia do rio Purus é muito rica em sedimentos de material orgânico, o que facilita a grande proliferação de quelônios e peixes em suas águas. Além disso, os lagos do Purus são piscosos e abundantes em espécies tanto animais quanto vegetais. E, conforme Porro (1998, p.176), o rio Purus é caracterizado como *“área de várzea”*, que é recortada por riquíssimos *“igarapés e lagos temporários e permanentes”*. Tal caracterização é importante no âmbito da vida social dos Paumari, uma vez que a pesca se constitui como a atividade de prestígio, se encontrando no topo da hierarquia de valores dos Paumari.

Eles habitam a bacia do Médio rio Purus e seus afluentes, como os rios Ituxi, Sepatini e Tapauá, ao Sul do Estado do Amazonas, ocupam duas áreas geograficamente distantes: as áreas do rio Ituxi e lago Marahã, localizados nas proximidades do município de Lábrea e as áreas dos lagos Manissuã, Paricá e Cuniuá, localizados pouco acima da foz do rio Tapauá.

Somam num total de oitocentos e noventa e dois índios (FUNASA, 2006), e têm como principal atividade a pesca de peixes e quelônios e, seu ciclo econômico está marcado pela grande mobilidade de seus grupos locais e seus deslocamentos estacionais entre as diversas zonas de exploração (terra firme, várzea, praias e castanhais). A pesca é praticada tanto nos rios quanto nos igarapés e lagos da bacia do Purus e constitui-se como atividade fundamental na economia de autosustento Paumari. Além do peixe, *a preferência por quelônios - da qual chamam de "bichos de casco" - tem especial destaque nos hábitos alimentares deste povo* (SCHRÖDER, 2002, p.02).



Ilustração: Mapa de Localização das Terras Indígenas Paumari.

Fonte: Instituto Socioambiental.

A preferência por estes animais é, também, assinalada por quase toda a documentação histórica. O geógrafo Willian Chandless ([1864]1949), chega a observá-los em mais de sessenta canoas descendo rio abaixo, a procura de tartarugas. Segundo o autor, em cada uma delas ia uma mulher a remar e um homem em pé, na proa do barco, só na expectativa de

encontrar o referido quelônio. Já Ehrenreich (1905) descreve que entre os índios da Amazônia Ocidental, os Paumari e os Aruanas se destacam por uma particularidade: *são índios que levam uma vida de puros pescadores que se alimentam principalmente de tartarugas e jacarés.*

Sobre isto, Piscoi (1993) afirmar que

(...) os Paumary, como outras tribos da região, também costumavam praticar a caça de jabutis e tartarugas. Mas diversamente às demais possuíam uma feição toda especial a esse tipo de caça no qual eram considerados exímios. Preferia estes animais a outra espécie qualquer em suas atividades de caça e pesca. As expedições realizadas para este fim, ou seja, de perseguição e caça as tartarugas chegavam a reunir uma flotilha de 20 a 30 canoas. Abatiam os quelônios com arpoes e flechas arpoadas ou, ainda, as capturavam assim que depositassem os ovos nas praias fluviais (PISCOLI, 1993, p. 135).

A pesca é praticada, geralmente, pelos homens, que saem na companhia de um filho ou de parente próximo (irmão, cunhado e/ou sobrinho). As mulheres também pescam, porém, elas só saem para pescar nas mediações de sua residência, não se afastando para áreas “perigosas”, onde estão sujeitas a ataques de jacarés e outros bichos.

Os Paumari são conhecedores de diversas técnicas de pesca, sendo a “pesca por malhadeira” a mais usada pelo grupo. Além desta, a pesca de vara e anzol e, arco e flecha, são utilizados como técnicas para pegar peixes nas adjacências das residências. A pesca de arco e flecha, por outro lado, é avaliada uma técnica muito cansativa, principalmente na época da cheia, quando os peixes estão espalhados ao longo do rio e não mais concentrados nos canais ou lagos da região.

A pesca pode ser realizada tanto no inverno quanto no verão, sendo que a primeira é praticada nas áreas de igapós, onde os peixes estão aglomerados e de passagem para áreas mais rasas. Já a pesca de verão, é considerada como a época de abundância, pois as águas estão baixas e os peixes concentrados nos canais dos lagos e nas margens dos rios, onde buscam pequenas frutas para se alimentar.

A pesca é um dos principais motivos de mobilização dos Paumari, que saem em pequenas excursões com o intuito de realizarem “uma boa pescaria”. Contam os paumari, que antigamente as pescarias eram realizadas não apenas para sustentar a família, mas se tratava, especialmente, de uma das principais atividades que compunham a realização do ritual de passagem da menina moça (*Amamajo*).

Além dela, outras atividades são exercidas pelos Paumari, como por exemplo: a caça, coleta de castanha e agricultura. A primeira, pode ser considerada como uma atividade secundária, sendo exercida apenas em casos particulares ou em momentos de grandes festejos. Diferentemente do que acontece com a pesca, a caça acaba sendo um exercício para as “empreitadas” que são montadas no período de festejos – aniversários, dia do índio, jogo de futebol, etc. – ou quando vão para os castanhais, onde se deparam com algum animal de caça (queixada, macaco, anta, etc.).

A quebra de castanha é a segunda principal atividade exercida pelos Paumari, mobilizando grande parte da população da aldeia. Nas expedições de quebra de castanha, é comum ir um grupo de homens, geralmente da mesma família - os pais com seus respectivos filhos ou cunhados - para o serviço da coleta de ouriços. Dependendo do período (mês) as expedições podem durar mais de um mês ou duas semanas na floresta. O fator determinante do período de acampamento nos castanhais está associado à produtividade das árvores, a queda dos ouriços e o mês em que a coleta há de acontecer.

Em relação à agricultura, Schröder (op.cit.) e Pohl (1998) afirmam que os Paumari a praticam tanto na várzea quanto na terra firme, sendo também cultivadores de diversas fruteiras, leguminosas e plantas medicinais. Coletam diversas frutas silvestres que lhes servem tanto para seu consumo quanto para produção de matéria-prima (principalmente cipós e embiras), onde são utilizadas na construção de casas, cestos, embarcações e na confecção de objetos diversos.

Ao longo de minha experiência acadêmica, ampliada a partir da elaboração de meu trabalho de conclusão de curso (TCC)² e dos projetos de iniciação científica que realizei no período de 2008 a 2010, no âmbito do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena – NEAI, sob a coordenação do professor Dr. Gilton Mendes dos Santos, passei a pesquisar a respeito dos

² Em Janeiro de 2011, defendi meu trabalho de conclusão de curso (TCC) junto à coordenação do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais. Sob a orientação do Prof. Dr. Gilton Mendes dos Santos, o trabalho intitulado de “O universo aquático na sociocosmologia Paumari” é resultado dos dois projetos de iniciação científica que desenvolvi do ano de 2008 a 2010.

índios Paumari que habitam a calha do médio rio Purus, bem como de sua participação no sistema de aviamento que perdurava na Amazônia em meados do século XIX.

A pesquisa, em seus primeiros passos, versava compreender e analisar a participação dos Paumari no sistema de aviamento a partir da análise documental dos arquivos da empresa extrativista J.G.Araújo e do Serviço de Proteção aos Índios - SPI, que hoje estão sob a guarda do Museu Amazônico.

Ao final desta pesquisa, concluímos que deveríamos propor um segundo projeto de iniciação científica, uma vez que os registros históricos sobre os Paumari apontavam para uma reprodução muito peculiar e bastante intrigante; as inúmeras menções sobre certos aspectos da vida cotidiana Paumari, apontavam, sobretudo, para a relação intrínseca que este povo estabelecia com o universo das águas (cf. tabela, ver anexos II).

A partir dos registros sobre a “característica aquática” dos Paumari, debruicei-me sobre os arquivos históricos, buscando observar os apontamentos e conclusões que se faziam acerca desta particularidade. Diferentemente do que aparecia nas descrições dos viajantes sobre os outros povos que habitavam o rio Purus no século XIX, os Paumari eram descritos como *povo das águas, povo anfíbio, ictiófagos por excelência e representantes modernos da idade paleolítica* (COUTINHO, 1862, CHANDLESS, 1949, EHRENREICH, 1949). Além desses registros, é comum ouvir, da parte de outros indígenas, que os Paumari eram chamados anteriormente de “povo peixe”, pois eles sumiam nas águas quando mergulhavam, causando medo e espanto nos demais indígenas, pois nunca sabiam em que direção eles iam boiar.

Interessada, pois, nesses registros, propus como pesquisa de mestrado analisar a relação dos Paumari com o universo aquático, cujo objetivo era pensar sobre o estilo de vida dos Paumari bem como as formas pelas quais estes teciam relações com o ambiente fluvial. A partir desta perspectiva, pretendia refletir se a relação estabelecida com o ambiente aquático se traduzia como a “relação preferencial” de sociabilidade entre os Paumari e os demais seres que habitam o cosmo e/ou o mundo subaquático dos seres não humanos.

No entanto, o tema proposto era amplo e carecia de um recorte bem delimitado; e com base nos dados históricos dos viajantes e cronistas do século XIX, bem como das informações adquiridas nas descrições de Gunter Kroemer (1985, 2009), Oíara Bonilla (2005, 2007) e Larissa Menendez (2011), elegemos o peixe-boi como o fio condutor da pesquisa, cujo objetivo era o de compreender as relações que se estabeleciam entre os Paumari e o ambiente aquático a partir dos apontamentos que se faziam sobre o animal e de sua interação com o

grupo em questão. Assim, a escolha do peixe-boi para a compreensão dessa relação mais ampla, se deu, principalmente, pelo fato dele assumir uma posição privilegiada na vida social e cosmológica dos Paumari.

Esse animal ainda figura-se como fundamental na alimentação e nas representações simbólicas dos Paumari. Ele é um chefe que domina as águas do Purus, empregando os botos tucuxi e vermelho como seus empregados; é o alimento celestial de *Bahi*, o Deus Temporal, e dono de toda a gordura dos peixes. Os Paumari descrevem-no, antes de se tornar o dono das águas, como um agricultor (homem) muito magro e doente, cuja pele era cheia de furúnculos e secreções. Ainda que doente, trabalhava numa roça ao lado do peixe poraquê, de quem o peixe-boi roubou toda a gordura e distribuiu-lhes aos peixes da região.

Todos estes fatos me inspiraram a pensar sobre a importância do peixe-boi na cosmologia paumari, apontando para a compreensão das formas pelas quais estes índios pensam e classificam os seres e de como as relações são estabelecidas e vivenciadas pelo grupo. A pesquisa sofreu algumas modificações; o interesse pela cosmologia, como também pelas formas de interação com os seres aquáticos, foi, contudo, substituído por outra questão: *o da interação dos Paumari com a paisagem que compõe o cenário da pesca de peixe-boi.*

Embora as concepções cosmológicas permeiem as relações estabelecidas com os animais e demais seres, sejam eles plantas ou espíritos, as ações e interações que foram realizadas no contexto da pesca de peixe-boi, apontaram, especialmente, para uma questão crucial: para além da atribuição de uma humanização do animal, a pesca de peixe-boi apresentou-se como um conjunto de agenciamentos do pescador em “perceber” e se “comunicar” com o ambiente a partir de uma habilidade técnica e sensitiva da paisagem do lago e do peixe-boi.

Os pescadores paumari conhecem cada detalhe do animal, sabem discernir, em meio à imensidão fluvial, a siriringa³ do animal e o som de sua respiração. Deste modo, percebi que os princípios que parecem ser bem mais relevantes para os Paumari são as habilidades exercidas pelo pescador, bem como o modo em que se engajavam nas atividades cotidianas. Em alguns momentos ouvi vários jovens comentarem a propósito das habilidades que eles

³ Este termo é usado para assinalar o movimento que é provocado na superfície da água, ou seja, o rastro do movimento de peixes de grande porte, tais como o pirarucu e peixe-boi.

tinham, apontando, sobretudo, aqueles que eram bons no arco e flecha, outros que eram bons arpoadores e aqueles que sabiam caçar.

Diante deste cenário, para fins de compreensão, esta pesquisa utiliza as fontes documentais (escrita e áudios-visuais), primárias, secundárias e etnográficas. Como fonte primária principal, temos os arquivos do *Serviço de Proteção ao Índio - SPI*, em especial a Inspeção do Amazonas no período de 1910 a 1965, que foi adquirido pelo *Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena - NEAI*, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Este acervo compreende 21 microfilmes, cada um com aproximadamente dois mil e quatrocentos fotogramas.

Além de sua extensão, esses microfilmes não estão organizados por Postos Indígenas ou por cronologia, o que dificultou a busca de informações mais detalhadas sobre os índios Paumari. No entanto, é importante informar que durante meu segundo ano de iniciação científica (Julho de 2009 a Agosto de 2010), dediquei parte de meu tempo na busca de informações sobre os Paumari bem como de sua participação no sistema extrativista que predominava na região do rio Purus.

O período dedicado a este arquivo e a sua completude de informações rendeu-me o achado de três relatórios sobre os Paumari. Estes, por sua vez, além de descreverem aspectos gerais do grupo, apresentavam também as atividades exercidas pelos mesmos, dados populacionais, organização social e informações sobre o comércio que os Paumari estabeleciam com os donos de barranco no período áureo da borracha.

Além do SPI, os arquivos da empresa J.G.Araújo, foram fundamentais para a construção de um modelo analítico da atuação do sistema de aviação na Amazônia e, no Purus. Este arquivo está sob a guarda do Museu Amazônico, órgão suplementar vinculado à UFAM, cujos documentos dizem respeito à razão comercial da empresa. A natureza desses documentos é diversa: correspondências escritas pelo J.G.Araújo e seus clientes, Livros de Carga, Diários de Navegação, Diários de embarcação, Livros de castanhas, etc.

Nesta fonte, foram catalogados diversos documentos sobre o rio Purus, sendo transcritos e organizados conforme a escritura da época. O acervo da empresa J.G.Araújo não está catalogado em sua íntegra, fato que dificultou a exploração do mesmo no período inicial da pesquisa. Além disso, o acervo da J.G compreende um volume documental de seis toneladas de material bruto, ainda não explorados por nenhuma área do conhecimento.

Complementarmente a estas fontes, foram pesquisados os Arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas – IGHA, com enfoque no processo de ocupação do Rio Purus. Em especial, foram lidos os jornais *Gazeta do Purus* e o *Jornal de Lábrea*, ambos com exemplares na sede do Museu Amazônico.

Para além dessas fontes, esta pesquisa conta ainda com os registros fotográficos de *Silvino Santos* – cineasta brasileiro que registrou a vida dos povos nos seringais da Amazônia, seus modos de vida e a atividade extrativista desempenhada por esses povos.

No registro empreendido pelo cineasta, é importante assinalar que Silvino Santos traz algumas passagens cinematográficas do rio Purus. É, sobretudo, em seu filme **No Paiz das Amazonas**, 1922, que temos umas das passagens mais extraordinárias já registradas sobre a região: a pesca de pirarucu e **peixe-boi** no lugar denominado Ayapuá. Conforme os registros fotográficos do filme, Silvino Santos desembarcou na localidade Boca de Trombetas, no Purus, onde passou quinze dias para registrar as atividades de pesca dos animais acima mencionados. Procurei analisar o filme e as imagens e extrair dessas produções informações que podem auxiliar esta pesquisa na contribuição de dados referentes às técnicas empreendidas no ato da pesca do peixe-boi bem como de sua importância para os povos da região.

Diante das fontes primárias e secundárias, os registros adquiridos nas fontes documentais são comparados às descrições atuais sobre os Paumari e outros povos da região do médio Purus. Atenção especial é dada aos trabalhos de Oiara Bonilla (2005, 2007) e Larissa Menendez (2011), que juntamente com a pesquisa de Günter Kroemer (1985, 2009), nos proporcionou um conjunto de informações que cobre um vasto período histórico, bem como um conjunto de dados etnográficos sobre os Paumari, o que nos permitiu fazer uma “leitura temporal” das características dos índios Paumari com o contexto aquático do Médio Purus.

Para além da análise documental, esta pesquisa conta ainda com as informações coletadas em campo no período de 23 de Janeiro a 08 de Fevereiro de 2012, e em minha última pesquisa de campo que foi realizado em Janeiro de 2013. Entre os dados coletados, destacam-se as narrativas que os Paumari narraram, as entrevistas que realizei com três pescadores e, a descrição da pesca de peixe-boi que acompanhei neste meu último campo entre os Paumari no Lago Sete Bocas, na T. I. Paumari do Lago Manissuã.

Os dois períodos que passei na aldeia foram relativamente tranquilos, com exceção do segundo, que foi agitado e cheio de imprevistos. As primeiras entrevistas foram informais, anotando apenas algumas das coisas que eles me diziam, bem como as coisas que me ensinavam. Além disso, depois de alguns dias de convivência e de trabalhos compartilhados (lavar louça, varrer a casa etc.), as tão esperadas “entrevistas”, não cheguei a formular nenhum roteiro e nem lhes fazer perguntas, tão somente lhes pedia que me contassem sobre o peixe-boi e principalmente os hábitos que este animal tinha, onde vivia; a que horas comia e do que se alimentava.

A participação dos Paumari na construção desta pesquisa foi fundamental, compartilhando, sobretudo, algumas narrativas que envolviam outros animais – galinhas, peixes, cobras etc. -. Para além da convivência na aldeia, os Paumari sempre entravam em contato quando iam para Canutama, Tapauá ou Lábrea; perguntavam sobre meu retorno e sobre a pesquisa, buscando saber, sobretudo, se eu tinha alguma dúvida em relação à pesca de peixe-boi.

Deste modo, ante a riqueza histórica e etnográfica que se têm sobre os Paumari, os pilares teóricos deste trabalho estão divididos em dois blocos temáticos: o primeiro deles, de trato mais específico, se refere à teoria que a antropóloga Oiara Bonilla apresenta em sua tese de doutorado sobre a cosmologia Paumari, que aponta para a relação patrão/empregado como a relação por excelência para o grupo em questão. A partir disso, a autora busca mostrar que a *relação comercializada* é fundamental para a compreensão da sociocosmologia paumari, cujo objetivo é mostrar que a postura adotada pelos Paumari, seja com não indígenas ou com seres potencialmente humanos, é uma estratégia de “dominar” e/ou “controlar” a relação que se estabelece com o “Outro”. Deste modo, os Paumari fundam relações com o objetivo de *domesticar* o possível *predador*.

Em seu artigo **O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na cosmologia Paumari** (2005), Bonilla aponta que as relações de *predação* e *familiarização* são parte do contexto paumari. Na *comercialização das relações*, eles empregam as categorias *patrão*, *empregado*, *freguês* e, termos como de *compra*, *venda*, *empréstimo* ou *encomenda* como meios de expressar não só as relações de cunho comercial estabelecidas com o “branco”, mas são categorias aplicadas para além da vida cotidiana paumari, ou seja, as figuras do *patrão* e *empregado* se fazem presente em outros níveis da cosmologia paumari: na *cosmografia*, nos relatos *míticos* e nos rituais *ihinika* e *amamajo* (op.cit., p.29). Deste modo, conclui a autora:

(...) a relação comercial é a relação por excelência para os Paumari. Impondo os termos de toda relação em termos comerciais, os Paumari tornam possível a criação, a produção, a reprodução, e a incorporação de elementos externos assim como a transformação de seu corpo social e individual (BONILLA, 2005, p.29).

Diante desta perspectiva, a autora distingue que através da análise das *relações comercializadas* (op.cit., p.28) com o “patrão” e com os demais seres que povoam o cosmo paumari, este povo tende a se conceber como presa diante daqueles com quem se relacionam. Esta atitude, por sua vez, deve ser pensada e analisada, tal como propõe a autora, a partir do tema da *predação como modo de troca e de relação por excelência na Amazônia* (Ibidem. p.29).

Paralelamente a discussão que Bonilla propõe em sua tese de doutorado, o segundo bloco teórico que contribui para a construção desta pesquisa diz respeito a uma discussão acerca de algumas proposições teóricas de autores que trabalham a temática da relação gente/animal, bem como da relação de *maestria* na Amazônia e da percepção do ambiente enquanto um meio de interação social. Neste sentido, ao analisar os dados sobre o peixe-boi e de sua relação como *dono das águas* do Purus, notamos que a categoria “dono” perpassava alguns dos contextos que os Paumari descreviam.

Mas para refletir esta temática, utilizamos a proposta teórica do antropólogo Carlos Fausto, que em seu artigo **Donos demais: Maestria e domínio na Amazônia** (2008); distingui que a categoria “*dono*” ou “*mestre*” foi relegado à simples notas de rodapé, sem receberem a atenção que merecem, pois estas categorias ultrapassam a concepção que temos a respeito de propriedade e domínio. O autor ainda propõe que essas categorias *designam um modo generalizado de relação, que é constituinte da socialidade amazônica e caracteriza interações entre humanos, entre não-humanos, entre humanos e não-humanos e entre pessoas e coisas* (FAUSTO, 2008, p.329).

Outro autor que contribui para este trabalho é Philippe Descola (1997, 1998), que propõe como estrutura analítica os *sistemas anímicos* (ou cosmologias anímicas) como modelo qualificado pela objetivação dos seres (plantas, animais e/ou objetos inanimados) da natureza por meio das relações de afinidade e consanguinidade.

A partir de seu estudo sobre os Ashuar da Amazônia equatoriana, o autor descreve que a maioria das plantas e dos animais possui uma alma (*wakan*) similar àquela dos humanos. Uma

faculdade que, ao assegurar-lhes a consciência reflexiva e a intencionalidade, os inclui entre as "pessoas" (*aents*). Diante desta perspectiva, o autor assinala que “há uma diferença de grau e não de natureza, entre os homens, as plantas e os animais” (DESCOLA, 1998, p.25). Deste modo, o autor assinala que existe uma escala que dispõe as relações estabelecidas com os demais seres, ou seja, há uma troca de conhecimento entre o campo do humano e não humano, cujas informações podem ser tidas ou não como aceitáveis. Logo, as sociedades ameríndias vêem as plantas, os animais e os objetos tal como se vêem, e a partir disso, projetam nos não humanos relações e sentidos que lhes permitem tratá-los como humanos (op. cit., p.4/5).

Além deste, cabem também os estudos do antropólogo britânico Tim Ingold, que propõe uma análise “radical” sobre o tema da dicotomia natureza/cultura, enquanto esfera ontológica do pensamento ameríndio. Contudo, partindo de outros pressupostos, o autor sugere um “novo modelo teórico”, que denominado de *antropologia ecológica*⁴⁴, dá destaque a percepção do ambiente, as formas com que os indivíduos se relacionam com meio e de como as paisagens são construídas, pensadas e transmitidas em sua prática.

A partir desta análise, o autor argumenta que o conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades e capacidades que são adquiridas na prática e não apenas por meio de informações que são passadas de geração a geração. Assim, *a contribuição de uma geração às suas sucessoras se dá fundamentalmente por meio da educação da atenção* (INGOLD, 2010, p. 19). De tal modo, para Ingold, o conhecimento não é acionado individualmente, dentro de uma esfera mental/intelectual interna, fechada e reclusa, mas é ativado a partir da relação com os múltiplos domínios da vida prática, sobretudo, dos relacionamentos estabelecidos entre as pessoas, objetos e demais seres.

Ingold, que ao propor uma teoria sobre a produção e transmissão do conhecimento, rompe, por sua vez, com os pressupostos teóricos da biologia evolutiva e da psicologia cognitiva. E ao romper com esses campos teóricos, o autor descreve que a Antropologia tem por finalidade, enquanto ciência que emerge na vida, nos fluxos e trajetos dos indivíduos no mundo, analisar as configurações que a vida adquire nas suas diversas formas materiais, já

⁴⁴ É importante distinguir que Ingold, em seu livro *Being Alive* (2011, p.06), afirma que ele não é um antropólogo social ou cultural, nem um antropólogo biológico ou arqueológico; mas é apenas um antropólogo sem adjetivos! Contudo, o uso do termo *antropologia ecológica*, está baseado nos argumentos que o autor faz em seu texto “Da transmissão de representações à educação da atenção (2010)”.

que se trata de uma filosofia “*com gente dentro*”, sem excluir, portanto, as diversas interações que permeiam o cotidiano dos indivíduos.

Deste modo, a proposta teórica de Ingold nos aproxima não apenas do ambiente (natureza), mas de o todo o conjunto (matéria) da atmosfera. Assim, o autor estabelece uma simetria entre as diferentes formas de vida e as relações e transformações que com são estabelecidos.

Os primeiros contatos com os Paumari

A pesquisa com os Paumari foi cheia de muitas aventuras e imprevistos. Mas toda essa história tem início na conversa informal que tive com dois Paumari - um deles morava em Lábrea e o outro em Brasília -, por meio da rede social Orkut, no ano de 2009. Entre as diversas conversas que tivemos, surgiu o convite de ir a Lábrea, para conhecer alguns Paumari que moravam no Bairro da Fonte, como também para dar início a uma proximidade com eles. Contudo, não tínhamos a possibilidade de viajar para Lábrea, já que estávamos no terceiro período da graduação em Ciências Sociais, cumprindo o crédito de algumas disciplinas obrigatórias. No entanto, meses depois, o Prof. Gilton Mendes, informou que eu, juntamente com outra colega (Liliane Souza), viajaria para Lábrea com o objetivo de pesquisar nos arquivos históricos e documentais da Prelazia de Lábrea, acervos do CIMI, como também para estabelecer os primeiros contatos na região e interagir com os povos que ali habitavam.

A viagem aconteceu em Novembro de 2009, quando então pude manter meus primeiros contatos na região e com os Paumari que moravam no Bairro da Fonte. Neste período, conheci a família de Edilson Pinheiro e Agenor. Além dos Paumari, tive o prazer de conhecer algumas pessoas na sede do CIMI.

Por ocasião desta viagem, levei todo o material que organizei sobre os Paumari, desde registros históricos até as imagens que eu havia conseguido nos arquivos da Associação Comercial do Amazonas – ACA e, do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, e mostrando a cada um deles o que fazíamos no NEAI, alguns começaram a chorar, pois sentiam imensa alegria ao ver as fotos do lago Marahã com as antigas balsas que os Paumari faziam. Alguns começaram a contar história, a descrever o lugar, a falar das casas e dos padrões com quem comercializam. Descreviam, sobretudo, que aquele tempo – o das fotos – foi um tempo de

abundância, pois trocavam bastante mercadoria com os patrões e que na atualidade isso já não acontece com tanta intensidade.

Os dias que compartilhei com os Paumari, marcaram minha trajetória enquanto pesquisadora. Tudo o que vivemos durante a nossa primeira viagem a Lábrea, como também o próprio processo da pesquisa histórica sobre os Paumari, foram necessários para refletir a respeito de uma futura pesquisa na Terra Indígena Paumari do Lago Marahã, contudo, a proposta mudou depois que conheci um grupo de Paumari, em 2010, que habitavam as comunidades Manissuã, Abaquadi e Xila, todas pertencentes às Terras Indígenas Paumari do Lado Manissuã, Paricá e Cuniuá, localizadas no Rio Tapauá. Conheci este grupo na casa que servia como sede da OPAN em Manaus.

O convite me foi feito por Fernando Sebastião, que sabendo de meu interesse com os Paumari, convidou-me para almoçar com eles que me contaram um pouco mais da região em que eles habitavam. A conversa foi muito proveitosa, e lembro-me de Dário, que com ar de seriedade me perguntava o porquê de estudar os Paumari e as pinturas corporais – o que era minha pretensão na época. Eu fiquei animada com a proposta feita pelos Paumari, pois eles também demonstraram interesse no que eu queria fazer. No entanto, as dificuldades pareciam inúmeras, muitos diziam que era uma região distante, que era perigoso, que e não precisava ir tão longe para fazer a pesquisa.

No mesmo ano, conheci a Germano Cassiano, quando este veio visitar Manaus com o objetivo de acompanhar os processos pelas quais foram submetidos os peixes que foram retirados dos lagos da T.I e trazidos para o Instituto Nacional de Pesquisa do Amazonas - INPA. Além de Germano, estavam presentes: João Paulo Lima Barreto, também aluno do PPGAS/UFAM, o biólogo Felipe Rossoni e mais um indígena Banawá. Após a visita no INPA, tive a oportunidade de conversar sobre algumas coisas com Germano, principalmente sobre a proposta de uma futura pesquisa na região. Ele, no entanto, disse que eu poderia ir, mas não senti firmeza em seu convite e nem vi que ele deu tanta atenção à proposta que lhe falei, diferentemente do grupo que conheci na OPAN.

Embora o percurso para a construção dessa pesquisa estivesse cheia de incertezas e indefinições, Luciene Pohl e Miguel Aparício foram peças fundamentais em minha escolha, apoiando, principalmente a minha ida para a região do rio Tapauá. Depois de idas e vindas, incertezas e medos, em 23 de Setembro de 2011, por ocasião do seminário de apresentação do Plano de vida do Médio Purus e Plano de Manejo dos Paumari do rio Tapauá, tive a

oportunidade de me reunir, juntamente com meu orientador, com as dez lideranças que representavam as T.I. Paumari do Lado Manissuã, Paricá e Cuniuá.

Com o apoio e auxílio de meu orientador, pois eu mal conseguia explicar minha proposta, apresentamos ao Paumari a proposta de minha pesquisa, que neste momento já estava delimitado: a relação dos Paumari com o peixe-boi. Nossa conversa foi divertida e serena, cheia de descrições e expectativas. E como forma de retribuição, a dádiva em seu sentido mais antropológico, eu ajudaria os professores Paumari na construção de seus projetos de pesquisa para o curso de Formação Inicial para Magistério Indígena/ Projeto Piraywara. Após a conversa, os Paumari me concederam uma “carta de anuência”, permitindo minha entrada em suas terras bem como a realização de minha pesquisa.

O campo – Janeiro/Fevereiro de 2012 e Janeiro de 2013

Tudo começou em dezembro de 2011, quando um pequeno grupo de estudantes pesquisadores do NEAI, que a partir do interesse comum acerca dos estudos e pesquisas que se tinha sobre os povos que habitavam a região do rio Purus, organizou uma viagem para a região com o objetivo de contemplar alguns dos objetivos dos projetos que desenvolvíamos no âmbito do NEAI, bem como as pesquisas de mestrado que eu e Ingrid Daiane, que estuda os Jamamadi Ocidentais, realizamos no âmbito do PPGAS/UFAM. E foi assim que eu, juntamente com outros seis colegas, partimos rumo ao Rio Purus na então chamada *Expedição Purus*.

Nossa viagem começou em 07 de Janeiro de 2012, quando pegamos o barco “Vovô Osvaldo II” no porto da Manaus Moderna. Passado três dias; eu, que na companhia de Alexandre, Admilton e Mário, desembarcamos no Município de Tapauá, no dia 10 de Janeiro (terça-feira), com a proposta de realizar alguns estudos etnográficos na cidade, bem como conhecer os Paumari que ali moravam. O restante da equipe – Alba Garcia, Ingrid Daiane e Thayná Ferraz, seguiram viagem por mais dois dias até a cidade de Canutama.

O roteiro de viagem previa apenas um período de permanência de cinco dias na cidade, contudo, tivemos alguns problemas com depósitos bancários, já que o banco do Bradesco, que era recém-inaugurado, estava sem sistema por mais de duas semanas e não tinha previsão de retorno. Além disso, tivemos problemas de comunicação com a equipe de Canutama e com os barcos que vinham de Manaus, já que eles demorariam mais uma semana para passar no município de Tapauá, nos obrigando a permanecer na cidade por mais alguns dias.

Passados os longos dias no município de Tapauá, em 21 de Janeiro, por volta do meio dia, embarcamos no barco “Comandante Maia II”, que me parecia, à primeira vista, a descrição mais real do Livro “**A Selva**” de Ferreira de Castro (1989), que descreve a maneira como as pessoas eram transportadas na Amazônia, que se assemelhava a porcos transportados em gaiolas.

Nossa viagem até a Foz do rio Tapauá durou apenas um dia e meio, e por volta das cinco horas do dia 22/01/2012, eu e os demais colegas desembarcamos no comércio do Quandu; um flutuante que serve de “porto” dos barcos e que é muito conhecido pelos Paumari, sendo considerado “patrão” de alguns deles. A Foz é um pequeno vilarejo, que localizado na nascente do rio Tapauá, tem uma barreira de terra bem alta e com inúmeros flutuantes em sua margem, e parte desses flutuantes pertencem a pequenos e grandes comerciantes.

Procuramos o flutuante do João, pois dele tínhamos alugado uma voadeira para subir até a T.I. Todavia, por ser mais de seis horas e não ter mais ninguém disponível para conduzir a voadeira que alugamos, decidimos ir para a aldeia somente no dia seguinte. Nesta ocasião, conhecemos um jovem rapaz, chamado Adelson, que depois de ver nossa situação – sem lugar para ficar -, nos convidou para passar a noite em sua casa, juntamente com sua irmã Gardete, dona de um pequeno comércio no vilarejo e sua sobrinha. No dia seguinte, por volta do meio dia, arrumamos nossas coisas e as colocamos na voadeira que alugamos, seguindo para a Terra Indígena Paumari do lago Marahã.

Ao todo, ficamos 16 dias entre os Paumari, desenvolvendo a pesquisa nas T.I’s Paumari do Lago Manissuã e Paricá. Viajamos por algumas comunidades, conhecendo diversas pessoas e inúmeras crianças. O tempo na aldeia foram os melhores, e os bons momentos estão registrados tanto na memória quanto no coração, pois esta gente, de tenra simplicidade e carisma, ensinou-me muitas coisas, cuidando de mim como se cuida de um filho, de um parente próximo. Com eles, visitei as roças, as casas de farinhas, fui para as estradas de castanha e conheci um pouco de cada um. Aprendi a fazer açaí; colhi frutas e macaxeiras, acompanhei uma pesca de peixe-boi e aprendi um dos exercícios mais significativos para os Paumari: observar o ambiente que nos cerca e se concentrar na atividade a ser executada. Coletei castanha com duas jovens moças da comunidade Abaquadi, da Terra indígena Abaquadi, que conjecturavam pagar o regatão de quem haviam comprado roupas e alguns gêneros alimentícios.

Até o momento não houve imprevistos, mas assim que saímos da aldeia, descobrimos que o barco que íamos pegar em direção a Lábrea, havia passado na noite anterior, mesmo assim, pensamos que poderíamos esperar por outro barco, mas nosso problema se agravou quando tivemos conhecimento de que aquele barco era a última embarcação que passou pela Foz do rio Tapauá, já que os demais barcos estavam fazendo o furo do Cura-Curá. Desesperamo-nos e imaginamos: vamos ficar aqui no meio do nada por tempo indeterminado! Começamos a cogitar sobre outras possibilidades, mas não tínhamos nenhuma alternativa, já que o vilarejo fica distante de Canutama (um dia de viagem) e um dia meio de viagem até Tapauá. Nisto, o filho de um comerciante do vilarejo, nos informou que o recreio Lindalva Maciel estava passando no furo do Cura-Curá e que por volta de meio dia ele estaria passando no lugar, uma espécie de porto flutuante, onde os passageiros esperam o barco.

Mário e eu decidimos alugar uma voadeira que nos levasse até o furo⁵ do Cura-Curá. Mário, então, saiu para procurar um guia que conhecesse a região e nos levasse até o porto flutuante, onde pegaríamos o recreio que ia para Lábrea. Depois de algumas horas, Mário aparece e diz que conseguiu um pescador que poderia nos levar até o local. Arrumamos nossas coisas e pensamos: livramo-nos deste sufoco; mas mal sabíamos o que ia nos acontecer mais a frente. Colocamos nossas coisas na voadeira - mochilas, rancho, equipamentos e cestarias -, e seguimos viagem. A viagem estava indo bem, o lugar era lindo, mas em um dado momento, o nosso guia para a voadeira e pede para que eu levante o meu pé, e prontamente faço o que ele pede, enquanto isso, Mário observa atentamente as árvores; neste momento o pescador levanta uma tábua que estava debaixo do meu pé e ao retirá-la, vejo um fluxo de água entrado na voadeira, e logo pergunto o que estava acontecendo, nesta ocasião Mário também faz a mesma pergunta; mas nosso guia só responde que a voadeira furou!

Desesperados, nos imaginamos boiando naquele lago, no meio da floresta sem nenhuma comunicação e bem distante do vilarejo da Foz. O guia, por sua vez, nos acalmou e disse que daria para chegar até o “porto”, pois já estávamos próximo a ele. Depois de alguns minutos, chegamos a dois flutuantes de palha no meio do nada, que distante da margem no furo, precisaria gritar para o barco nos ouvir, já que eles não sabiam que estávamos ali. Eu imaginava um flutuante com pessoas, mercadorias pra vender e etc., mas o vimos estava longe daquilo que imaginamos, pois o tal porto era aquele simples trapiche no meio do rio.

⁵ Os furos são atalhos naturais que surgem durante a cheia dos rios. No verão, os canais ficam secos, impossibilitando a passagem de barcos e voadeiras, mas durante a cheia são inundados e possibilitam a entrada de embarcações, reduzindo a distância da viagem entre os municípios.

Nosso guia nos prometeu fazer companhia até a chegada do barco. As horas foram se passando, já não tínhamos água, pois a bebemos juntamente com a bolacha que serviu de almoço para nós. Decidimos, então, cortar o anana (abacaxi sem espinhos) que ganhamos dos Paumari, mas a experiência foi desastrosa, pois a fruta nos cortou a boca.

O tempo não parecia passar, além do mais, começamos a ter delírios (conclusões posteriores), já que a todo o momento dizíamos: estou ouvindo barulho de motor, é agora, o barco ta vindo, mas nada aparecia em nossa frente. Fizemos isso por várias vezes, até que dissemos: *isso é coisa da nossa cabeça, estamos imaginando coisas!* Quando percebemos que já estávamos ali sem nenhum sinal do barco, decidimos voltar para a foz, a já que eram cinco horas da tarde e estávamos naquele lugar desde as 10 da manhã!

Arrumamos novamente nossas coisas, mas dessa vez, íamos gritando para o nosso guia quando víamos qualquer troncozinho a nossa frente, pois estávamos com medo de alagar e perder nossas coisas. Mário e eu fomos conversando no meio do caminho, refletindo sobre o ocorrido, quando outra coisa aconteceu: o nosso guia perdeu o caminho e já sabia como voltar para a foz. Isso foi desesperador, e eu me perguntava o porquê de tudo ta dando errado, pois desde que saímos da aldeia nada acontecia conforme havíamos planejado. Mário tentava me consolar, já que imaginamos que íamos dormir ali, em cima de nossas mochilas.

Apesar do susto, depois de algumas tentativas e voltas no lago, o nosso guia encontrou o caminho e chegamos ao vilarejo a tempo de pegar uma carona com um barco de pesca que ia para Tapauá. Dessa vez, como outrora, achamos que tudo ia dar certo, mas ainda ia piorar bastante. Da Foz de Tapauá para o município de Tapauá, a viagem dura, em média, um dia e meio, mas na carona que pegamos, demorou três dias para chegar até o município, sem falar que Mário ficou doente, e todos os dias tinha febre alta. Nosso café, almoço e jante era água, café e bolacha crame crack. Depois de três dias de sofrimento, chegamos a Tapauá – magros e pálidos.

Mário, depois de três dias, retornou para Manaus e eu segui viajei para Lábrea. Para minha sorte, ou azar, peguei o barco “Comandante Maia III”, que cortou caminho pelo furo do Cura-Curá, ode quase alagamos. Além do mais, na entrada deste furo, o recreio quebrou, demorando algumas horas para ser concertado. Os Apurinã, que também estavam no mesmo barco que eu, diziam que alguém havia me lançado feitiço, porque nada estava dando certo pra mim.

Janeiro de 2013 – O retorno

No final de 2012, planejei uma segunda viagem para os Paumari, cujo objetivo era acompanhar uma pesca de peixe-boi e tirar dúvidas acerca de outros contextos que eu havia presenciado, mas que ainda não estavam claros para mim. O mês de dezembro serviu para organizar a viagem, preparar os capítulos I e II, já que o capítulo III dependeria, em parte, dos dados que eu coletaria neste último campo. Após quase duas semanas de preparativos, em 12 de Janeiro de 2013, embarquei no barco “Lindalva Maciel” rumo a Foz de Tapauá e de lá, seguiria para as T.I’s Paumari.

Por volta das oito horas da noite, o do barco acionou a buzina, indicando que íamos partir. Subi para o terceiro andar, para ver se conseguia um sinal de alguma operadora de telefone, mas de repente, sinto um leve deslizar para a direita, mas acabei nem ligado, pois achei que era o praticante estava fazendo alguma manobra em alguma curva do rio. Contudo, começo a deslizar com muita rapidez para o lado direita do barco; nisto, um homem, a qual eu não tinha vista, me pressionar contra a cerca do barco. Começo a ouvir gritos das pessoas que estavam no bar do barco, enquanto que eu estava sendo pressionada contra a cerca do barco e machucava minhas costelas. O homem vira para mim e diz: *corre e põe um colete!*

Desci até o primeiro andar do barco, vejo várias pessoas tumultuadas, colocando os coletes salva-vidas. Ao lado de minha rede, tinha uma moça grávida e uma mãe agarrada ao seu bebê, elas gritavam e choravam desesperadamente. Coloquei o colete salva-vidas, enquanto que aguardávamos algum posicionamento da tripulação. O barco estava muito inclinado e já era tarde da noite. Uma das moças que estavam ao meu lado pediu emprestado meu celular, para que pudesse falar com sua família. Enquanto ela falava ao telefone, a tripulação nos informou que as crianças, juntamente com suas mães, seriam retiradas do barco. Além delas, os mais velhos também seriam a prioridade.

Fomos transportados para um pedaço de terra firme que estava localizado nas proximidades da embarcação. Fomos levados para um pequeno vilarejo, que está localizado no furo do Paracuúba, próximo ao município de Iranduba, a 27 km de Manaus. Não conseguimos tirar nossos pertences do barco, alguns, com muita rapidez, ainda conseguiram pegar comida e algum dinheiro, outros, no entanto, nem documentos conseguiram pegar. Ficamos ali, todos reunidos e esperando alguma posição do comandante do barco.

Enquanto esperávamos alguma informação, recebi a ligação de alguns amigos, entre eles João Paulo, que sem entender o que eu dizia, me mandou subir para o terceiro andar do barco, me agarrar a cerca da embarcação e esperar que ele afundasse, e quando isso acontecesse, eu boiaria e nadaria até uma margem próxima a embarcação.

Passado algumas horas, fomos informados de que a notícia do “naufrágio” já circulava nas redes sociais e jornais eletrônicos da cidade. Algumas das notícias diziam que só uma mulher e um bebê se salvaram, outras diziam que a embarcação 'Lindalva Maciel II' bateu em um banco de areia e virou. Os passageiros salvaram-se graças ao uso do colete salva-vidas e ninguém ficou ferido.

Ficamos até as duas horas da manhã no vilarejo; não tínhamos comida e nem água para beber, apenas um morador da comunidade se dispôs a fazer uma garrafa de café para nós. Passaram-se mais algumas horas, até que a Capitania dos Portos liberou a entrada do recreio “Lindalva Maciel I” para resgatar os passageiros. Contudo, tivemos que ficar pulando de um barco para o outro, já que precisávamos retirar nossas coisas antes que o barco virasse. Por sorte, conseguimos retirar tudo do barco e o mesmo já ia ser rebocado pela Capitania. Passado o sufoco, regressamos a Manaus e por volta das quatro da manhã estávamos no mesmo porto em que outrora estivemos.

Após três dias, decidi pegar um próximo barco e seguir viagem, desta vez, pegaria o barco “Manoel Silva”. O barco era “precário”, com uma estrutura bem inferior, mas eu não tinha outra opção, então segui viagem e no dia 15 de Janeiro de 2013 parti pra a Foz de Tapauá. O barco tinha capacidade para 179 pessoas, mas ele levava mais de 250 pessoas, onde a metade desceria em Canutama. O primeiro dia foi tranquilo, mas o segundo começou a piorar; o mau cheiro dos banheiros, a comida que não era boa, transformaram aquele barco numa verdadeira gaiola. Ao fim da noite, por volta de meia noite, comecei a passar mal, ficando doente durante os próximos dois dias de viagem. Alimentava-me somente de barras de cereais e chás que a senhoras faziam para mim. A viagem até a foz dura em media quatro dias, mas algo deu errado e só cheguei à foz de Tapauá depois de uma semana. Tudo parecia não cooperar para o bem estar da pesquisa.

Assim que cheguei à foz, tratei de alugar uma voadeira e seguir para a aldeia, sem mais nenhum atraso, pois qualquer atraso comprometeria ainda mais minha pesquisa. Assim, por volta das três da tarde, cheguei à casa de Germano, que me aguardava a mais de uma semana, porquanto ele e sua família foram até a foz, no dia 15 de Janeiro, para me buscar, entretanto,

eu não estava lá, o que fez com que eles pensassem que eu faria meu trabalho entre eles. Contudo, Fernando, que também estava na aldeia, lhes contou sobre o acidente e informou que eu estava a caminho da aldeia.

Por conta de todo esse imprevisto, fiquei apenas uma semana e meia na aldeia, trabalhando, exclusivamente, na pesca de peixe-boi e no processo de aprendizagem da pescaria, que por sua vez, rendeu muitas informações e experiências marcantes. Tudo o que vivenciei acabou sendo transpassado para o contexto da pesca, já que tudo o que vivenciei até chegar à aldeia, acabou se configurando como “panema”, e logo fui apontada como a pessoa que havia empanemado o chavascal e por isso não conseguimos pescar peixe-boi em nossa primeira tentativa, uma vez que os peixes-boi estavam ali, sendo observados pelos pescadores que me acompanhavam, e esperavam, pacientemente, o momento em que o animal boiasse para arpoá-lo.

CAPÍTULO I

OS PAUMARI NA LITERATURA HISTÓRICA

Os naturalistas alemães Johann Baptiste Von Spix e Carl Friedrich Phillipp Von Martius (1817 a 1820) descrevem que os *Purupurus* (Paumari)⁶ tinham o costume de “fugir para fora das brumosas e úmidas espessuras, mudando-se para o próprio rio”, onde se estabeleciam sobre “a madeira flutuante que arriba e se amontoa nas enseadas em enormes pilhas, oferecendo uma base vacilante para suas miseráveis choças” (SPIX E MARTIUS, 1981, p. 187).

Ambos os naturalistas assinalam que os índios Paumari têm sua origem ancorada na “vida quase anfíbia” que levavam, constituindo-se, sobretudo, como os índios mais conhecidos da região e, sobretudo, considerados senhores da bacia do Purus. De tal modo, este, entre muitos outros registros, assinalam um dos aspectos singulares da vida cotidiana paumari: *o habitar as águas*; eles são conhecidos por sua “orientação aquática” que se manifesta em seus ambientes tradicionalmente escolhidos: as várzeas, rios e lagos da região do rio Purus e seus afluentes.

Ao pensar a particularidade destes índios em relação ao ambiente aquático, realizo neste capítulo um esboço das diversas descrições que foram publicadas sobre os Paumari desde meados do século XVIII até o início do século XX, dando ênfase na particularidade da relação destes índios com as águas. Esses registros trazem como foco da narrativa o estilo de vida dos Paumari e de sua relação com as formas de utilização dos ambientes aquáticos e do uso da praia enquanto um tipo de moradia no período da seca. Além destes, os registros históricos apontam para a relação da doença “purupuru” com o hábito alimentar deste povo, cuja dieta baseava-se quase que exclusivamente de peixes e quelônios. Mas para além da relação com as águas, apresento também uma sistematização da pesca de peixe-boi no rio Purus e do

⁶ De acordo com a literatura histórica (Spix e Martius, Steere, Chandless, Labre, Cunha, etc.) os Paumari eram chamados de *Purupuru*, o que significava pintados/malhados em língua geral (*Nheengatu*), devido a uma doença de pele que lhes provocava manchas escuras nas extremidades mais expostas – as mãos e pés. Esta doença foi observada por vários viajantes do século XIX, e estes foram localizados desde a boca do Purus até a boca do Ituxi, sendo encontrados também entre o Paraná-mirim e o Paraná-Pixuna. Nisto, relatam que os Paumari, juntamente com os Mamory e Juberi, formavam os subgrupos que compunham o antigo grupo dos Purupuru. Por tais razões, em algumas das referências sobre este grupo, veremos o heterônimo Purupuru como referência nominal dos índios Paumari.

agenciamento de povos indígenas na captura de certos animais (quelônios, pirarucu, peixe-boi e veado) que sustentavam o comércio extrativista durante o século XIX. Por conseguinte, exponho a associação da doença de pele “purupuru” com o uso de banha de peixe-boi pelos Paumari, buscando desenvolver a ideia segundo a qual o uso da banha opera na produção de corpos e diferenciação entre ‘nós’ e ‘eles’.

Deste modo, partindo da exploração de um balanço histórico sobre os registros acerca dos Paumari, demarcamos apenas as descrições que especificavam a particularidade do universo aquático entre eles.

1.1 OS PAUMARI PELOS VIAJANTES

É importante registrar que os naturalistas e viajantes que são apresentados e trabalhados neste item, compreendem, especialmente, ao período do século XIX e início do século XX. Mas dentro deste espaço temporal delimitado, selecionamos um fragmento dos escritos de Francis Castelnau, que chefiou uma expedição a região amazônica entre meados de 1843 a 1847. Além de Castelnau, no período de 1847 a 1848, Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates também realizaram uma expedição à Amazônia, buscando angariar material zoológico e botânico das regiões por onde passavam com o objetivo de compor uma coleção para o Museu de História Natural de Londres.

Além desses, para uma melhor contextualização histórica dos Paumari, utilizamos os: **a)** registros históricos a respeito de Manoel Urbano da Encarnação (S/D), **b)** Relatórios de Reconhecimento do Rio Purus, que foram escritos por Silva Coutinho, William Chandless (1864) e Antônio Rodrigues Pereira Labre (1871); **c)** os registros etnográficos dos etnólogos Joseph Steere (1873) e Paul Ehrenreich (1888); **d)** dados oficiais da Associação Comercial do Amazonas (1893), Serviço de Proteção aos índios (1929, 1930) e, **e)** os escritos do missionário Gunter Kroemer (1985).

Esses autores, como também seus registros, são apresentados a partir da perspectiva histórica de suas expedições e dos objetivos que as permearam; delimitando, sobretudo, a presença dos Paumari no contexto em que cada um deles presenciava, assim como suas próprias considerações acerca deles. Feito isto, analisemos os relatos dos viajantes.

Entre os anos de 1843 e 1847, o naturalista inglês Francis Castelnau empreendeu uma viagem pela região do rio Purus, deparando-se, no seu transcorrer, com uma maloca dos

índios Purupurú que estava localizada na entrada da boca do rio Purus. Ainda de acordo com o autor, estes índios habitavam as praias do Riozinho que recebiam o nome de Pammary e empregavam as pirogas como principal meio de transporte e comunicação (CASTELNAU *apud* GORDON, 2006, p.38).

Por volta de 1847 a 1848, os naturalistas ingleses Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates, organizaram uma expedição ao Amazonas com o objetivo de recolher material zoológico e botânico para o Museu de História Natural de Londres. Eles realizaram uma excursão à região de Belém do Pará e Tocantins, mas foi apenas no ano de 1849 que decidiram se dividir, seguindo, cada um, para uma região diferente. Da viagem que Wallace realizou a Amazônia, resultou, posteriormente, a publicação do livro *Narrativa de viagens pelo Amazonas e o Rio Negro*, no ano de 1853. Nesta obra, o autor traz inúmeras informações sobre os diversos povos que habitavam a calha dos rios da Amazônia, e entre eles, menciona os índios *Purupuru* que assim como os índios *Muas*, habitam somente os igapós e vivem em jangadas no tempo das águas. Nesses termos, Wallace os descreve como:

(...) Tribos inteiras de índios, como os purupurus e os muas, habitam somente nos igapós, ocupando, no tempo da seca, pequenas docas, que armam num instante, nas praias arenosas, e morando em jangadas, quando é tempo das águas.

Passam em canoas a maior parte da existência, dormindo em toscas redes, que ficam suspensas de árvores, porém sobre profundas águas.

Estes índios não cultivam cereais, vivendo exclusivamente de peixes, tartarugas e **peixes-bois**, que apanham nos rios (WALLACE, 2004, p. 228, 229, grifos meus).

E ainda acrescenta:

(...) Na estação das águas, quando as praias e margens dos rios estão todas inundadas, constroem jangadas ou balsas de troncos de árvores, que são amarradas uns aos outros com cipós.

Nessas jangadas, então, erigem as suas choças. Ali moram, até que as águas baixem de novo, quando então encaminham as suas balsas para a primeira praia arenosa que lhes aparecer (WALLACE, 2004, p. 619).

Ademais, em meados da década de 1840, paralelamente ao período em que as expedições estavam sendo organizadas e realizadas na região Amazônica, existia um personagem muito notável e bem misterioso, visto que não há quase registros sobre sua vida e sua atuação no rio Purus, nos deixando, portanto, alguns fragmentos sobre sua ação na região

puruense. O homem, pois, de que falamos é Manoel Urbano da Encarnação, um comerciante de ascendência não identificada⁷ que administrava toda a região do médio rio Purus, onde negociava com os indígenas a extração de drogas do sertão e extração de borracha. Urbano⁸ era dono de uma feitoria localizada nas barracas do Sacado, lugar onde abundava grandes estradas de castanhais (*Bertholletia excelsa*) e salsa parrilha (*Smilax officinallis*).

Ele foi um dos primeiros a buscar uma estimativa total da população que habitava o rio Purus, cujo resultado, somando indígenas e habitantes de origens diversas, registrou-se em torno de 5.000 habitantes na calha do Purus, em meados de 1861, quando foi nomeado como chefe da *Terceira Expedição de Reconhecimento da região do Rio Purus*, onde cumpria a missão de reconhecer e desvendar o canal que ligava o rio Madeira ao rio Purus.

Manoel Urbano da Encarnação é, na concepção de muitos autores, aquele que realmente explorou o Purus. Para Cunha (1960 [1906]), os trabalhos de Urbano acerca do Purus abriram *uma fecunda quadra de trabalhos notáveis sobre a região*. E, segundo Rangel (1994), Urbano não fez somente um trabalho de reconhecimento do rio Purus e de seu território, contudo foi um conquistador eficaz, de grande conhecimento sobre a região e dos povos que lá habitavam, tendo sido convidado posteriormente a participar das outras expedições destinadas à região.

Um ano após a viagem de Urbano, o engenheiro carioca João Martins da Silva Coutinho chefiou a *Quarta Expedição de Exploração do Rio Purus*, a mando do Governo da Província do Amazonas. Dela participou Manoel Urbano da Encarnação, H. Strauss, médico da tripulação e, o botânico alemão Gustav Wallis, sendo o primeiro cientista europeu a penetrar no rio Purus.

Contudo, a expedição chefiada por Coutinho não logrou grande êxito, devido à falta de gêneros alimentícios para sustentar a tripulação e por não ter alcançado seu principal objetivo: descobrir o canal que ligava os rios Madeira e Purus. No entanto, esta expedição revelou que a navegação pelo rio Purus é serena, o que deixou o Governo Provincial feliz, pois intentavam povoar a região, que era considerada abundante em riquezas naturais, como por exemplo: seringa (*Hevea brasiliensis*), salsa parrilha (*Smilax officinallis*), óleo de copaíba (*Copaifera*

⁷ Nada se sabe sobre a ascendência de Manoel Urbano da Encarnação, já que não há registros sobre sua vida e a de seus filhos. No entanto, alguns dos viajantes que passaram pelo Rio Purus e que mantiveram contato com Urbano, cogitam que este seja um mestiço com descendência direta dos Mura.

⁸ No ano de 1854, Urbano aparece como Diretor de índios da região do Purus. (Livro da Diretoria de Índios - 1854 – Arquivo Público do Amazonas).

sp), cacau (*Theobroma cacao*), castanha (*Bertholletia excelsa*), cujo terrenos também eram propícios ao cultivo de café (*Coffea arabica* L.), algodão (*Gossypium hirsutum* L.), cana (*Saccharum officinarum* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), arroz (*Oryza Sativa*), milho (*Zea mays* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e outros produtos.

As descobertas de Coutinho serviriam de referência a Euclides da Cunha, na elaboração das suas “Notas complementares” ao relatório da *Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento dos Rios Juruá e Purus* (1906). Não obstante, o registro mais importante que Coutinho fez, foram às descrições etnográficas de dezoito povos que ele encontrou na calha do rio Purus, entre eles, descreveram os Paumari, Mamory, Jubery, Jamamadi, Apurinã, Catauixi etc.

Sobre os Paumari, ele chegou a dizer que são:

(...) a grande e curiosa tribo, que soffre da moléstia geralmente conhecida pelo nome de Purupurú. (...) os Pammarys vão do Jacaré ao lago Uniçapê, fronteiro ao Hyutanaham, e os Juberys terminão no lago Pahauarha, também na margem direita. Todos vivem perto do rio. (...) são extremamente inclinados a musica, e sempre tem mostrado docilidade. Pelo verão, logo que a vasante do rio vai deixando os bancos a descoberto, os Pammarys armão ahi suas tendas, symetricamente dispostas à maneira de uma povoação nossa, e passão a estação, cuidando unicamente da pesca. Não há quem lhes vença n'este exercício. (SILVA COUTINHO, 1862, p.67)

E mais adiante, Coutinho afirma que:

(...) Os Pammarys (...) pescadores por excellencia, não abandonando a água por terra, e sobre alguns madeiros flutuantes, cedros ordinariamente, fazem um estrado da varas e sobre elle armão uma barraca, que cobrem de esteiras. Em taes habitações passão o tempo da enchente. De dez palmos de largura e quinze de comprimento são as jangadas; cada família tem a sua, e se algum filho contrahe casamento, fica por algum tempo sob o mesmo tecto, até que consiga aposento separado. (...) Durante o dia occupã-se da pesca, e passão pouco tempo em terra; de noite recolhem-se nas jangadas. (SILVA COUTINHO, 1862, p. 68)

Já o botânico alemão Gustav Wallis, membro da mesma expedição de Silva Coutinho, informa que os Paumari “*são exímios remadores, pescam, colhem frutos silvestres, caçam tartarugas e cultivam pequenas hortas, todavia, são ciganos nômades nos rios e lagos do Purus*” (WALLIS, 1862, *apud* SILVA COUTINHO, *op. cit.*).

Dois anos depois da viagem de Coutinho e Wallis, o geógrafo inglês William Chandless aventura-se pela região do Purus a serviço da *Royal Geographical Society*, no ano de 1864. Chandless, juntamente com Manoel Urbano, realizaram um trabalho de mapeamento do rio Purus e de suas nascentes até a foz, descrevendo os modos de vida de vários povos indígenas que habitavam a região e suas áreas de influência, classificando-as, principalmente, entre *tribus de água* e *tribus de terra*, dentre as quais descreveu os Jamamadi, Apurinã, Paumari e Jubery. Quanto à classificação realizada por Chandless, os Paumari foram qualificados como *tribus da água*, pois de acordo com o autor, tratava-se de um *povo basicamente ictiófago*, enquanto que as demais tribos viviam da caça e da lavoura, fugindo da beira dos rios.

Diferentemente dos outros povos descritos por Chandless, os Paumari eram essencialmente denominados como uma tribo de água, sendo *bons pescadores e atiradores de flechas, com a qual matavam peixes e quelônios, sendo considerados péssimos caçados quando comparados aos outros povos da região* (CHANDLESS, 1949, p. 26).

Após a viagem de Chandless, nenhuma outra viagem de reconhecimento foi realizada no rio Purus, ficando apenas limitado a visitas dos regatões e cearenses que buscavam enriquecer a custa da exploração de seringa e extração de produtos da floresta. E nesse processo, a região foi alvo de interesses do coronel maranhense Antônio Rodrigues Pereira Labre, que ano de 1871 se estabeleceu na região do Purus com o intuito de colonizar a região e seus respectivos habitantes. Tratou, por sua vez, de ocupar a localidade denominada *Terra Firme do Amaciary*, sítio pertencente aos índios Paumari. Labre tornou-se um homem muito rico, pois explorava diversos índios, os transformado em produtores de borracha e fornecedores de peixes, tartarugas e ovos de quelônios (KROEMER, 1985, p.136).

Neste sentido, é importante distinguir que a terra Paumari que Labre ocupara, era considerada a melhor área para embarque e desembarque de mercadorias, além de se constituir como ponto estratégico para a captura de novos índios para o trabalho extrativista. Além disso, na época do primeiro período áureo da borracha, final do século XIX (1880/1910), as cidades na Amazônia eram iluminadas por lampiões que funcionavam à base de manteiga e óleos feitos de ovos de quelônios, o que explica o interesse no trabalho dos Paumari como fornecedores desse produto.

Sobre os Paumari, escreve Labre:

Vivem nos rios e lagos, alimentam-se especialmente de peixe e tartaruga; suas cabanas são feitas nos lagos em jangadas ou balsas, pelo que suas

habitações são flutuantes. São destros remadores, entregando-se ao trabalho do mar; são verdadeiros canoeiros: suas pequenas montarias (cascos ou escaller) são feitas por eles, e tem o nome de ubá, sendo quase cones ambas as extremidades. (...) são os selvagens mais conhecidos por não arredarem-se das margens dos rios e lagos (...). (LABRE, 1872, p. 27)

Dois anos depois, em 1873, o etnólogo americano Joseph Beal Steere viajou pelo Purus e fez minuciosas descrições sobre os Jamamadi, Apurinã e Paumari. Acerca dos Paumari, o autor descreve que eles permaneciam *sempre às margens dos rios e lagos em habitações flutuantes, sem se internarem na floresta* e são moradores de *aldeias de caráter permanente na região dos lagos*, ocupando-as na estação chuvosa. Ainda afirma que eles são os *mais conhecidos da região*, sendo considerados *hábeis nadadores e barqueiros, vivendo quase que exclusivamente de peixes e tartarugas* (STEERE, 1949, p. 364).

A estas informações, somam-se também os registros etnográficos do etnólogo alemão Paul Ehrenreich, que viajou pelo Purus ano de 1888. Acerca dos Paumari, o autor aventura-se ao dizer que eles *são os representantes modernos da idade palafítica, tratando-se de verdadeiros homens – amphibios e ichtyophagos*, que habitam exclusivamente as margens baixas dos próprios rios e lagos com o intuito de se entregarem à pesca e à caça de tartarugas e, (...) *que despertam há muitos anos a atenção dos viajantes* (EHRENREICH, 1949, p. 94).

Esta mesma informação se vê confirmada nos registros da Associação Comercial do Amazonas, quando em 1893, exhibe um álbum fotográfico com o objetivo de divulgar a região Amazônica na **Exposição Universal do IV Centenário da Descoberta da América**, que foi realizado em Chicago entre 1º de maio e 30 de outubro de 1893. Este álbum fotográfico traz como parte de seu acervo iconográfico algumas ilustrações paumari, entre elas, fotos das típicas moradias paumari na época da cheia - balsas flutuantes – e na época da seca – nas praias. Ainda, constam imagens do processo de “viração de tartaruga”⁹ realizadas nas praias do Purus.

⁹ A viração das tartarugas consiste, basicamente, do processo de desova deste animal nas praias amazônicas, é no verão, quando as praias estão à vista, as tartarugas cavam o buraco onde depositarão seus ovos. Depois de desovarem, as tartarugas cobrem o local em que foram depositados seus ovos, e esse processo dura desde o crepúsculo até a madrugada, quando as tartarugas partem de volta ao rio. Este fenômeno foi denominada pelo naturalista inglês Alfred Wallace como “espetáculo das tartarugas”, e logo após a realização deste evento, as praias eram tomadas por coletores, que em busca dos ovos deste animal, iam para as grandes praias, fazer a viração das tartarugas, a coleta dos ovos e a confecção de manteiga e óleo.



Ilustração I: Captura de tartarugas no Rio Purus.
Fonte: A Cidade de Manaus e o País das Seringueiras, 1893.



Ilustração II: Abrigo de inverno dos Pamarís, no lago Marranham- Rio Purus.
Fonte: A Cidade de Manaus e o País das Seringueiras, 1893.

Sobre os Paumari, a Associação Comercial do Amazonas conclui:

Os Pamari ou paumari pertencem ao grupo linguístico aruaque. Habitava inicialmente o baixo rio Purus, próximo a sua foz. Adaptando-se a região alagada, tornaram-se exímios remeiros, nadadores e pescadores, capazes de pegar peixes e jacarés, com as mãos, após um mergulho. Eram portadores da doença regional denominada purupuru ou aurana, que pintava sua pele com feias manchas brancas.

Os Paumari foram os criadores das casas flutuantes da Amazônia, construídas no lagos, sobre jangadas ou balsas. A construção delas consiste na reunião de grandes troncos em um sentido, e na de outros superiores, perpendicularmente a eles, e esse todo atracado de cipós. Elas não usam velas, sendo impelidas por varas. São feitas, segundo Rodrigues Ferreira, de aninga ou ambauba, de mututy, molongô, seringueira, ucuuba, samauma e outras (A CIDADE DE MANAUS E O PAÍS DAS SERINGUEIRAS, 1893, p. 37, 38).

Além dos registros dos naturalistas e exploradores que chefiaram as Expedições de Reconhecimento do Rio Purus, contamos, ainda, com os relatórios oficiais do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, especialmente, os arquivos da divisão da Inspeção do Amazonas. Além deste, temos a contribuição dos dados etnográficos do Missionário Gunter Kroemer, que atuou na região do Rio Purus a partir da década de 70.

Ambos os registros confirmam o que foi dito anteriormente pelos viajantes e exploradores, ressaltando que os Paumari não plantavam mandiocas e não se dedicavam ao cultivo de roças, mas que se tratava de um povo que habitava predominantemente os rios e lagos do Médio rio Purus, dedicando-se, sobretudo, a pesca de peixes e quelônios. É importante notar que, com o passar dos anos, as características que se sobressaía na literatura histórica (cronistas, naturalistas, exploradores...), aparece fortemente destacada nas descrições atuais, principalmente as características ligadas ao modo de ocupação dos rios e lagos e seus modos alimentares.

Esta afirmação se vê confirmada no *Relatório Oficial* do SPI, quando em 1930 realizou uma viagem ao Purus com o objetivo de recensear os índios que habitavam a região e que se encontravam para além da jurisdição dos postos indígenas do Tuiní e Seruiní. Além disto, tencionava fiscalizar a atuação dos delegados do baixo rio Purus, como também visitar os índios *Mamory*, *Catuquinas*, *Paumarís* (*Purupurus*) e outras tribos que se encontravam espalhadas na região. Esta viagem foi chefiada por Santana Barros, que tinha como companheiros o engenheiro agrônomo Admar Thurí e o fotógrafo Anastácio Queiroz, que foi

condecorada pela **Inspetoria do Amazonas** como a “*viagem de melhor êxito*”, contatando, sobretudo, os índios Paumari que estavam aldeados no baixo curso do rio Tapauá (lago do Tamanduá) e na foz do rio Ituxi.

Este relatório descreve alguns aspectos da vida social dos Paumari – com ênfase no modo de vida aquático e hábitos alimentares à base de peixes e quelônios –, bem como imagens (fotos) de suas casas flutuantes nas águas do Purus. Além disso, Santana de Barros os identifica não apenas como exímios pescadores e “comedores de peixe”, mas como índios que comercializavam com o “*Senhor Manoel Dias Barbosa, com quem trocavam produtos da lavoura, da pesca de pirarucu, peixe-boi e tartaruga por utensílios industriais*”. (SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO, 1930, MICROFILME 001, FOTOGRAMA DE N.º. 1.610/1.611, grifos meus).

Paralelamente a estas informações, Gunter Kroemer publicou o livro *Cuxiuara, o Purus dos indígenas: ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do Médio Purus*, que trata da história da ocupação do Rio Purus durante o período colonial, imperial e da república, apresentando, sobretudo, um panorama etnográfico sobre os índios que habitavam a região, entre eles os Suruwaha, Apurinã, Jamamadi e Paumari, sobre os quais informa que são “*habitantes das margens baixas dos rios e lagos, onde se entregavam à pesca e à caça de tartaruga*” (KROEMER, 1985, p. 133).

Portanto, tendo em vista a documentação histórica e etnográfica que foi produzida sobre os Paumari no decorrer do século XIX como também no século XX, pode-se dizer que as informações disponíveis sobre este povo e sua particularidade em habitar as águas, é, sobretudo, um antigo tema que chamava a atenção de todos aqueles que viajaram pelo Purus e seus tributários. E sobre tais características, assinaladas pelos naturalistas, assim resume a antropóloga Oiara Bonilla em seu artigo *Cosmologia e organização social de um povo Arauá: os Paumari do Médio Purus*:

Os relatos de viajantes não coincidem entre si quando se trata da descrição das características sócio-espaciais dos Paumari (tipos de casas, ocupação ou não da terra firme, “nomadismo”, etc.). Mas pode-se dizer que o que se sobressai da literatura dos vários viajantes é o **componente aquático da vida dos Paumari**, que são descritos como exímios pescadores, moradores da várzea e dos lagos, canoeiros, remadores, mergulhadores e nadadores. Alguns autores afirmam que não eram eles cultivadores e que se contentavam com o consumo de peixes e quelônios e com a coleta de frutas selvagens. (BONILLA, 2005, p. 6, 7, grifos meus).

1.2 O UNIVERSO AQUÁTICO

Com base nos registros históricos, presentes nas narrativas dos viajantes, exploradores e missionário que passaram pelo rio Purus, notaram-se, principalmente, a presença de determinados elementos que despertaram interesse daqueles que descreveram a região, cujos aspectos estão para além da habilidade dos Paumari com o ambiente aquático, configurando, sobretudo, como elementos que evidenciam os conceitos e representações que estão conectados às relações estabelecidas entre os indivíduos, às entidades sobrenaturais e conceitos cosmológicos mais amplos, que organizam e traduzem as percepções de si mesmos e do mundo.

Entre alguns destes aspectos, se sobressai à fascinação que as balsas flutuantes despertavam nesses viajantes, onde alguns deles chegaram a classificar esta moradia como “*típica residência deste povo*, como também assinalavam que elas eram moradias *curiosas e miseráveis choças*”. Essas balsas ou jangadas flutuantes eram colocadas no centro dos rios e lagos do Purus pelos Paumari com o intuito de acompanharem a vazante e a cheia dos rios, como também para se manterem protegidos dos insetos “piuns” (*Simulium Pertinax*). Os Paumari levavam suas jangadas para todo lugar quando se deslocavam. Eles, as atracavam em suas ubás (canoas) e as arrastavam por tempo indeterminado ou até que suas excursões chegassem ao fim.

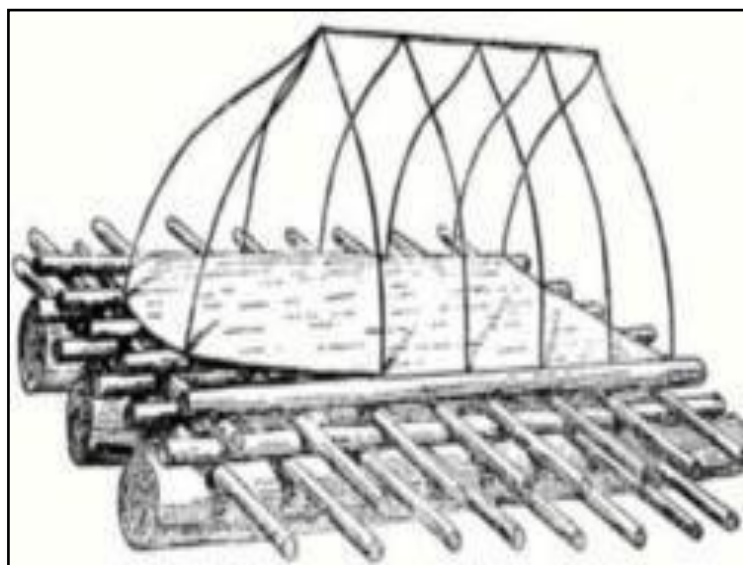


Ilustração III: antigo flutuante dos Paumari.

Fonte: Ehrenreich, 1948 [1888].

Ehrenreich (1949) foi o viajante que descreveu com mais detalhes os modos de fabricação das jangadas flutuantes dos Paumari, considerando-a, principalmente, como uma construção simples e muito bem elaborada. Deste modo, descreve que:

(...) sobre três ou quatro travessas ligadas umas às outras, por meio de cipós, descansavam duas camadas de varas que se cruzava em ângulo reto. Destas, a superior, que era coberta de finos sarrafos de haste de palmeira e esteiras de miriti, constituía o assoalho. A cobertura da habitação consistia igualmente em esteiras de fibras de palmeira trançadas de folhas, que se fixavam sobre uma armação de quatro ou cinco varas recurvadas. Em um dos lados estreitos ficava a entrada, acima da qual se encontravam mais duas varas arqueadas e convergentes na direção da cumeeira. Sobre elas se podiam ainda colocar algumas esteiras, para assim formar uma espécie de antecâmara. Uma vez que a cobertura não abrangia toda a superfície do assoalho, a habitação era circundada por um corredor de cerca de 1m de largura, constituído pelas partes salientes da armação. Toda morada media 1,75 a 2m de altura e 5 a 6m de comprimento. Nestas habitações não se acendia nenhuma fogueira. Era na margem que se cozinhava. (EHRENREICH, 1949, p. 98).

Do mesmo modo que Ehrenreich (*op.cit*), Steere (1903) descreveu tanto as jangadas flutuantes quanto as moradias que eram levantadas sobre a praia, afirmando que é durante a estação chuvosa que os Pauamri se mudavam para as jangadas ancoradas na beira dos lagos, visto que o intuito deste povo era o de seguir o fluxo das inundações até que as praias ficassem de fora, onde se entregavam a coleta de ovos de tartaruga.



Ilustração IV: Flutuante antigo dos índios Paumari.
Fonte: Relatório de viagem ao Tapuá por Santana de Barros, SPI, 1930.



Ilustração V: atual flutuante dos Paumari no lago Marahã (TI Paumari do Lago Marahã).
Fonte: Peter Schröder/PPTAL, 2002.



Ilustração VI: Flutuante atual dos índios Paumari.
Fonte: Aldeia Paumari do lago Manissuã. Vieira, 2012.

Todavia, na atualidade os novos flutuantes são de difícil remoção, permanecendo por longas temporadas ancoradas na beira dos lagos, acompanhando o ritmo das inundações e vazantes do rio. Além disso, as balsas flutuantes são pouco usadas pelos Paumari, mas ainda é possível encontrar algumas delas nos lagos do Manissuã, Paricá (ambas no rio Tapauá), como também nos lagos Marahã e Ituxi, próximo à cidade de Lábrea (SCHRÖDER, 2002, p. 03).

É curioso notar que com o passar dos anos, os flutuantes Paumari despertavam a atenção e curiosidade daqueles que se estabeleciam na região do Purus, entre eles, mencionamos mais uma vez o missionário Günter Kroemer (2009, p.02), que em seus estudos sobre a cultura dos povos puruenses, chegou a afirmar *o flutuante Paumari era um pequeno espaço na imensidão da água que simboliza o centro do universo deste povo*. Era o espaço que representava o lugar aconchegante das relações sociais, do dinamismo das atividades que venciam a monotonia e que revigorava o espírito aventureiro da água.

Além disso, Kroemer (*op.cit.*, p. 05) nos descreve que era dentro deste ambiente de aconchego que os Paumari conversavam com os espíritos e lhes pediam proteção contra os males e que seu povo fosse resguardado dos ataques das cobras d' águas, da onça d' água e das feras que povoam o mundo aquático.

Além disso, conforme descreve o autor, era no flutuante que as antigas histórias sobre os índios Paumari eram narradas; a noite se enchia de histórias de bravura, coragem e alegria. Narrativas que lembravam os tempos de fartura, de alegria e de comercialização com o patrão. A bravura evocada nas histórias afastava os espíritos da floresta e remetia confiança à mãe d'água que protegia os Paumari dos ataques inimigos. Diante de tais observações, Kroemer (*idem*) afirma que *o flutuante é uma referência simbólica para o povo Paumari*. Deste modo, concluímos que a preferência dos Paumari em habitar balsas flutuantes pode ser observada desde as primeiras descrições dos naturalistas e exploradores, como bem podemos notar nas descrições que Urbano (1882), Steere (1949) e Menendez (2010) fazem acerca da tradição deste povo.

No ano de 1882, em uma carta¹⁰ dirigida ao Presidente da Província **Ferreira Penna**, Urbano descreve uma narrativa mítica que acena para a particularidade destes índios:

(...) Há muito tempo houve signaes no sol que ficava escuro e ao mesmo tempo encarnado. Acontecia o mesmo com a lua. De noite ouviam-se muitos tropeis e batidos pelos paus, grandes estrondos que pareciam ser ora debaixo da terra, ora no céu. Os animais espantados corriam d'uma parte para outra, os que eram ferozes ficavam mansos se alguém se aproximava. Durou isso um mez pouco mais ou menos. Depois ouviram-se grandes estrondos que partiam de todos os lados, parecia que a terra estava se desfazendo, viram

¹⁰ É importante registrar que Manoel Urbano não sabia escrever, por isso ele não registrou tudo o que sabia sobre os povos da região, contudo, boa parte dos viajantes e exploradores que passaram pelo Purus, contaram com a ajuda e apoio de Urbano, sendo ele, o prático dessas viagens. No entanto, a carta de que falamos, é o único documento existente que relata um pouco do conhecimento que Urbano tinha sobre os povos que habitavam o Purus. Não se sabe ao certo quem escreveu a carta, mas tratava-se de um documento que notificava a Província do Amazonas sobre alguns dos costumes dos Povos da região, bem como a atuação de Urbano.

uma escuridão do céu á terra que trazia vento e grande chuva. Com este movimento já morria muita gente de susto, a agua cresceu com uma velocidade espantosa matando muita gente, só escapou Safará, Uaçú, suas mulheres e algumas pessôas; os paus altos ficaram só com os ramos de fora, sustentavam-se com folhas e que esta ficaram doces. Depois que baixaram as águas trataram de fazer suas jangadas com medo de novo acontecimento, mas vendo que não havia mais nada deixaram as jangadas a tribu Paumary que ate hoje ainda as usa (URBANO, 1882. p. 103, 104).

E assim descreve Steere:

(...) Têm uma tradição que explica este curioso costume: antigamente o povo de sua tribo construía suas aldeias apenas na terra firme como as outras tribos, mas um ano a inundação subiu muito mais que usualmente, cobrindo as praias, depois as terras baixas e por fim a terra firme. O povo então subiu nas árvores e viveu durante algum tempo de frutos e folhas, mas finalmente todos morreram afogados ou de inanição com exceção de dois; esses viveram até que a inundação diminuiu. Puderam então descer das árvores e tomar novamente posse da terra. Esses foram os antepassados da atual tribo Paumari. (STEERE, 1949, p. 221)

Como bem podemos notar, estas duas passagens nos remetem para uma questão: a relação com o ambiente aquático encontra-se ancorada na histórica mítica do povo Paumari, uma vez que estes descrevem que antigamente o seu povo construía aldeias na terra firme assim como as demais tribos, mas que logo após a grande enchente, passaram a habitar as águas, construindo balsas flutuantes que acompanhavam o subir e descer das águas (inundações e vazantes), pois temiam morrer se uma nova inundação acontecesse, Além das balsas flutuantes, é neste mesmo momento, conforme alguns relatos dos Paumari, que os rios Cuniuá e Tapauá surgiram.

A partir deste evento, Menendez ressalta que para os Paumari há uma segunda geração que surge logo após a grande inundação:

(...) os Paumari que se consideram descendentes das árvores, fato que se constata na designação idêntica das partes do corpo e das plantas pelos Paumari: assim, o termo *dama* designa os pés humanos, a base do cesto e a raiz. O termo *abonoi*, é a alma-corpo dos humanos e o caule das plantas. *Ava* designa as panturrilhas e o tronco das árvores. *Vadini* designa os braços dos humanos e também, os galhos dos vegetais. *Asafi* significa a pele dos seres. Logo, o corpo humano é feito da mesma substância das árvores. Se antes as crianças eram paridas, após o dilúvio, elas “brotavam” a partir de remos, talhados pelo pajé.

Dessa forma, a alma-corpo de todos os seres humanos é composta por uma parte espiritual (pensamentos), constituída pelo ar e por uma parte mais

corpórea, composto pela água. (...) Assim, os Paumari se inserem no cosmos, compostos pela mesma matéria das árvores, das águas. Não nasceram no rio, mas sua existência se entrelaça à dos rios. Se as piranhas devoraram a primeira humanidade, a segunda foi composta de matéria resistente às intempéries: são os filhos das árvores de pau que venceram o dilúvio, são homens e mulheres-árvores e não haveria maneira mais poética de expressar este pertencimento profundo ao universo, do que essa narrativa que suplanta categorias de palavras: as pessoas são árvores, é a floresta. O canto dos pássaros (aéreo, espiritual e celeste), junto da tessitura feminina (material, corpórea e aquática) é a força que impulsiona as águas, recriando os rios (MENENDEZ, 2010, p. 119).

Notamos, portanto, que Menendez assinala que após a grande inundação, os Paumari tendem a assumir uma nova percepção de si mesmo e da construção de seus corpos. Ou seja, se em um dado período temos uma geração (os antigos) que habitava as terras firmes, tal como as demais tribos do Purus, e logo após a elevação das águas passam a habitá-la com casas flutuantes, vê-se também, paralelamente ao ato de habitar as águas, que os Paumari passam a construir seu corpo com a mesma matéria das árvores e a classificá-la como matérias que resistem as águas e os fenômenos a que está sujeita – subir e descer.

É preciso ressaltar que a relação com o ambiente aquático está, também, presente nos mitos, nos rituais, no tessume dos balaios produzidos de palha de arumã (*Ischnosiphon spp.*) e tala de bacaba (*Oenocarpus bacaba*); na confecção de esteiras, entre outros objetos. Sobre isto, podemos dizer que os balaios confeccionados pelas mulheres Paumari auferem a imagem de um ser/animal com que os Paumari se relacionam e possuem certa afinidade. Cada ser representado tem um significado dentro deste plano maior e imprime uma parte da história das relações estabelecidas entre os Paumari e os animais.

Na concepção de Kroemer (2009), os desenhos tecidos nas cestarias indicam os caminhos submersos daqueles que estão emaranhados nas águas, indicando a existência de *ciganos aquáticos*. Ou seja, as cestarias são caminhos, textos em forma de desenho que revelam a dinâmica do grupo, seu conhecimento e sua visão de mundo sobre as percepções de si e do outro que lhes cerca – sejam eles humanos ou não. Deste modo, Kroemer (*op.cit.*, p. 05) conclui que *os desenhos representam o código cultural do povo d'águas, já que são feições que compõem parte de suas vidas cotidianas*.

Além do mais, Larissa Menendez, em sua tese de Doutorado sobre Cestaria Paumari, assinala ser esta um elemento relacionado aos mitos cosmogônicos e ao mundo espiritual, cujos desenhos expressam as percepções simbólicas das relações míticas dos Paumari com o mundo a sua volta. Deste modo, descreve a autora:

O modelo dos desenhos de trançados paumari e o nome dos animais são escolhidos arbitrariamente para nomear os padrões idealizados pelos humanos. Esses padrões, necessariamente, correspondem a uma visão de mundo compartilhada pela coletividade, e o sentido atribuído a eles, sua própria materialidade, relaciona-se à vida da comunidade (MENENDEZ, 2010, p. 51).

Já no plano do ritual, neste caso, o da passagem da menina moça (*Amamajo*), os desenhos representados na festa - as malhas da onça pintada (*Panthera onça*) e da jaguatirica (*Leopardus pardalis*)-, se configuram como reproduções simbólicas da roupa dos espíritos que emanam de outro espaço. Para completar a vestimenta desses espíritos, os Paumari desenham facas e colheres que simulam os materiais de cozinha destes visitantes¹¹.

A moça recebe várias pinturas no corpo, estas, por sua vez, concebem constantemente os mesmos motivos: a primeira parte, desenhada no peitoral e nas costas da moça, representa o casco da tartaruga (*siri idani*), piolho de cobra (*kabisasa*) na mão direita; escorpião (*akoro*) na mão esquerda; rosto de onça-maracajá na face e cobra da terra firme (*makha*) nas laterais do corpo. Nas nádegas, a representação da piranha (lado direito) e folhas de tabaco (lado esquerdo), e as canelas são pintadas de preto¹².



Ilustração VII: Pintura Corporal no ritual do Amamajo.

Fonte: Edilson Paumari, 2009.

¹¹ Estas informações foram obtidas com Joel Morais da Silva Paumari, por meio de um conversa em sua casa, em Lábrea.

¹² Informações concedidas por Antonia Paumari quando me ensinava a desenhar os motivos que estão representados no corpo da menina moça.

Depois de muita celebração, a moça é adornada com um chapéu de palha trançado ao modo dos balaios. O chapéu usado pela moça representa o espinhaço do peixe-boi. As mesmas ainda participam de uma dança que dura três dias, e na concepção de Kroemer (2009, p. 05), a dança flutuante, como bem denomina o autor, significa o amadurecimento para uma nova existência que está *acima da terra e acima das águas*. É, portanto, a partir da nova vida que a moça recebe que se definem as regras de sociabilidade: a responsabilidade de mudar da casa da mãe para a casa do sogro, e outra vez para a casa da mãe, até o nascimento de um novo ser paumari, e finalmente até a construção de seu próprio lar. Ao término da dança, a moça é sentada numa madeira pintada com desenhos de cobra, arraia, jacaré e piolho d'água.

Outro elemento a compor o cenário do ritual de passagem são os *beijus* preparados pelas mulheres paumari. Depois de separarem a goma da mandioca, as mulheres confeccionam pequenas bolas de massas de mandiocas que são amassadas e assadas em um forno. Na medida em que ficam prontos, os beijus são colocados em um jirau para secar ao sol e são decorados (com goma de mandioca e carvão) com motivos que representam peixes e espinhas de peixe ou pele de onça.



Ilustração VIII : Beijus de Mandioca com gravuras dos peixes.

Fonte: Edilson Paumari, 2009.

Entre os desenhos produzidos, há a preferência pelas figuras dos peixes, tais como a branquinha (*Psectrogaster amazônica*), saúma; pirapitinga (*Piaractus brachypomus*); tambaqui (*Colossoma macropomum*) e a matrinxã (*Brycon sp*). Esses desenhos simbolizam a

alimentação dos espíritos que foram convidados para a cerimônia: as onças, a jaguatirica e o peixe-boi; entre outros animais. No entanto, se os beijos não estiverem decorados com a figura desses peixes, os visitantes espirituais não são bem vindos à festa, pois faltará roupa para vestir, faca para cortar e colheres para comer e nem peixes para se alimentar¹³.

Neste sentido, notamos que o ambiente aquático desempenha um papel fundamental na sociocosmologia Paumari. Ao concluir isto, não estou afirmando que os Paumari exprimem uma metafísica do universo aquático, mas estou sublinhando que o universo aquático é um mundo inseparável de uma realidade que constitui seu dia-a-dia. Deste modo, pode-se dizer que a relação com o universo aquático assinala para uma essencialidade dos Paumari com o habitar as águas, cuja particularidade “pode” ser ponderada como “uma das relações preferenciais” da sociabilidade entre os Paumari e os demais seres que habitam o cosmo. E como bem conclui Kroemer (2009, p. 04): *a água inspira, fala e conta as histórias deste povo*.

Portanto, tendo em vista os registros históricos que foram apresentados nesta primeira parte do capítulo, cabe dedicar uma parte dele à presença do peixe-boi enquanto produto comercial no sistema econômico que predominou na Amazônia durante o século XIX. A importância deste registro se faz, sobretudo, pela importância do peixe-boi no contexto do aviação bem como do seu uso entre alguns povos indígenas. Neste caso em particular, alguns grupos empregavam a banha de peixe-boi como pintura corporal e como sinal de distinção. Ainda, utilizavam o couro do peixe-boi na fabricação de chicotes que eram usados nos rituais de flagelação e na fabricação de escudos para as guerras intertribais.

O peixe-boi teve papel fundamental na economia extrativista, abastecendo as cidades amazônicas com óleos que serviam de combustível para as lamparinas. Além do mais, a partir de 1869, a manteiga de tartaruga e a gordura de peixe-boi passaram a ser exportadas sob a denominação de “azeite animal” (LOUREIRO, 1989, p.199). O peixe-boi, assim como outros animais (veado, caititu, onça, queixada, etc.), desempenharam um papel fundamental na expansão do comércio extrativista na Amazônia, no período colonial. Os empreendimentos realizados para alavancar o extrativismo animal na economia do Amazonas, fez com que muitos animais fossem extintos e outros quase desapareceram. Pequenas localidades eram tomadas por pescadores de origens diversas, que se dedicavam, exclusivamente, a pesca de peixe-boi, pirarucu e quelônios, como também a caça de queixadas e veados.

¹³ Informações concedidas por Joel Moraes da Silva Paumari.

Deste modo, a indústria extrativista, explorou, excessivamente, o couro de diversos de diversos animais, empregando-os na fabricação de múltiplos artefatos. Neste contexto, o peixe-boi foi demasiadamente caçado, uma vez que sua carne era mui apreciada no comércio regional, mas, além disso, seu valor está agregado, principalmente, na durabilidade que sua carne adquiria no processo de fabricação da mixira. Deste modo, tendo em vista estas informações, buscamos assinalar alguns aspectos da pesca do peixe-boi no rio Purus e a utilização de sua banha enquanto pintura corporal e como elemento que se encontra associado à doença dos Puru-Purus, bem como de seu potencial comercial na região.

1.3 A PESCA DE PEIXE-BOI NO PURUS

No ano de 1817, quando Spix e Martius passaram pelo rio Purus, chegaram a avistar na *Ilha das Tartarugas, mais precisamente na praia das onças, cerca de 350 homens trabalhando na produção de manteiga de ovos de tartaruga*. Em meio aos diversos homens, encontravam-se vários da *horda dos Puru-Purus* (Paumari) que em *troca de um machado ou um côvado de tecido*, ofereciam seus serviços como serventes e coletores de ovos de tartaruga (SPIX e MARTIUS, 1981, p. 168).

Os Puru-Puru ofereciam serviços a quem quer que fosse, trocavam um dia de trabalho, ou até mesmo longos dias de serviço pela aquisição de alguns bens industrializados e artigos que lhes interessavam. Todavia, foi com a predominância do sistema extrativista¹⁴, no final do século XIX e início do século XX, que os Paumari passaram a trabalhar sistematicamente para os “patrões” e negociantes em geral. Eles trabalhavam alguns meses ou anos para um patrão e muitas vezes comercializaram com outros que lhes ofereciam bens industrializados (tecidos, ferramentas, armas, cartuchos, etc.) e gêneros alimentícios (sal, açúcar, farinha, etc.). No processo de beneficiamento das mercadorias industrializadas, os Paumari afiançavam-se aos patrões por meio do adiantamento de bens industrializados que eram de seu interesse, mas para compensar o adiantamento realizado pelo patrão, os Paumari saldavam suas dívidas com os produtos de sua produção: castanha, ovos de tartaruga, **banha e couro de peixe-boi**, pirarucu, entre outros produtos da floresta.

¹⁴ O extrativismo sempre existiu na Amazônia, mas foi a partir da vulcanização do látex que o sistema extrativo predominou como sistema comercial, servindo de mecanismo de troca de produtos industrializados por produtos da floresta.

Os produtos mais explorados e comercializados pelos Paumari no âmbito do Sistema de Aviamento eram a: seringa (*Hevea brasiliensis*), castanha (*Bertholletia excelsa*), pirarucu (*Arapaima gigas*), bichos de cascos, **peixe-boi** (*Trichechus inunguis*) e ovos de tartaruga (*Podocnemis expansa*). Esta informação se vê confirmada no relatório do Serviço de Proteção ao Índio, em 1930, quando o SPI realizou uma viagem aos Paumari do Lago Tamanduá, no rio Tapauá:

(...) existem no barracão seis espingardas de cartucho calibre 16, diversas malas de lona com roupas, uma maquina de costura, um grande forno de cobre e muitos utensílios de pesca. – indagando, soubemos que esses objetos foram comprados ao comerciante Manoel Dias Barbosa com o produto da lavoura, pesca do pirarucu, **peixe-boi** e tartaruga durante os dias do verão (SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO, 1930, MICROFILME 001, FOTOGRAMA DE N°. 1.610, grifos meus).

Além disso, Kroemer (1985) ressalta que os Paumari andavam de praia em praia, catando ovos de tartaruga para sua subsistência e para trocar por bens, utensílios e gêneros alimentícios industrializados.

Portanto, é importante registrar que para suprir as necessidades dos barracões instalados na região do rio Purus, os Paumari, bem como os demais povos indígenas que habitam a região, foram empregados como fornecedores de peixes, principalmente pirarucu e peixe-boi, como também empregados como coletores de ovos de tartarugas.

Neste ponto, retomamos a obra de Wallace, *Narrativa de viagens pelo Amazonas e o Rio Negro* (2004), onde o autor descreve que os índios Mura, sucedidos pelos *Purupurus*, têm como principal hábito alimentar comer carne do *Manatus ou peixe-boi*, sendo estes índios os mais *hábeis para matar tartarugas e peixes, e também para pegar peixe-boi*. E em razão da troca, do adiantamento das mercadorias, estes índios negociam *salsaparrilha, óleo de ovos de tartaruga e de peixe-boi, castanhas, estopas feitas de cascas de castanheiras mais tenra (Bertholletia Excelsa), que é largamente empregada na calafetação de canoas em troca de tecidos de algodão, arpoes, farpas, anzóis, contas, facas e facões* (WALLACE, 2004, p. 616, 617).

Diante do cenário que o sistema de aviamento tecia - trocas comerciais entre indígenas e comerciantes (patrões e regatões) -, é importante lembrar que a Bacia do rio Purus está localizada em extensos ambientes de várzea, localização que favorece inúmeras vantagens, pois nesta região se concentra a maior área de deposição de materiais orgânicos (argila e

areias), que resulta, principalmente, na produção de um solo fértil e na abundância de inúmeras espécies, seja de origem animal ou vegetal (VIEIRA, 2009, p. 18). Deste modo, diante do potencial econômico que a região apresentava para a Província do Amazonas, o Purus acabou se tornando alvo de grandes investidas econômicas a partir da metade do século XIX. Tratava-se, portanto, de uma região abundante em seringa, salsa, óleo, cacau, castanha, e diversos produtos. Nenhum empreendimento econômico havia sido esboçado para a região, mas após o reconhecimento de seu potencial, buscou-se empreender missões de reconhecimento de sua geografia e dos costumes dos povos que habitavam a região.

De igual modo, Silva Coutinho (1862, p. 02) afirma que os terrenos do Purus prestavam-se perfeitamente ao *cultivo de café, algodão, cana, mandioca, arroz, milho, feijão e outros gêneros*. Portanto, todo o interesse na região era, sobretudo, às grandes concentrações de campos de seringais e castanhais, como também de outras espécies de interesse comercial – pirarucu, castanhas, banha de tartaruga e peixe-boi.

De acordo com Pohl (1998, p. 15), a secagem do peixe (pirarucu), **a caça de peixe-boi** e a extração do óleo de tartaruga eram atividades exclusivamente praticadas pelos indígenas, para servir à “grande indústria da região”, abastecendo durante muito tempo, todas as pequenas cidades amazônicas ao longo de todo ciclo extrativista. Esta mesma situação se vê confirmada por Leonardi, que acrescenta:

O óleo de tartaruga era utilizado para iluminar os vilarejos que surgiam na região amazônica, sendo utilizados nas casas e na iluminação Pública. O restante do óleo de tartaruga já transformado em uma papa amarela, era fervida em grandes caldeirões de cobre ou de ferro, dando origem á manteiga de tartaruga. Este combustível foi o mais utilizado em toda a Amazônia durante a Colônia e o Império (LEONARDI, 1996, p. 73).

Além dos ovos de tartaruga, a banha de peixe-boi era muito apreciada e bastante procurada no comércio regional. Sobre isto, Nunes Pereira (S/D, p. 28) diz que o padre Bernardino de Souza, em seu livro as **Lembranças e Curiosidades de Valle do Amazonas** (1873), descrevem que a banha de peixe-boi era extraída do tecido adiposo e que sua cor amarela escura tinha um cheiro desagradável, servindo, sobretudo de *luz e de argamassa hidráulica*. Há registros de que a caça comercial de peixe-boi acontece desde o século XVII. No entanto, o auge da pesca comercial da espécie só veio ocorrer entre meados do século XIX e século XX, período em que milhares de peixes-boi foram mortos em função da utilização de

seu couro para a fabricação de correias e sua banha servia como combustível na iluminação pública.

O autor ainda descreve que embora a carne de peixe-boi fosse consumida pelas populações localizadas nos lagos, castanhais, seringais e pelos grupos indígenas, ela era remetida para Manaus, onde era vendida a retalho, com lucros rentáveis e que variavam de acordo com a quantidade solicitada. Nunes Pereira (1941, p. 101) descreve que o couro de peixe-boi era enviado para Manaus e depois remetido para São Paulo, onde recebia várias aplicações. Entre elas, fabricavam-se os *taquets*, um tipo de peça que utilizada nos teares de algodão, seda e lã. Ainda, o couro era utilizado para fabricar *polias* de grande resistência e durabilidade e também para a fabricação de *mangueiras* para as locomotivas, que antes eram feitas de lona fabricada na Inglaterra e Estados Unidos.

Para Antonio Loureiro (1989), a região Amazônica, na época da colônia, tinha *uma atividade agrícola de comodidades*, estando ainda em fase de crescimento e adequação. No entanto, no decorrer dos tempos, essas atividades foram abandonadas pela população local com o intuito de dedicarem-se às atividades extrativas que vigoravam na época e, sobretudo, porque era o extrativismo que mobilizava o comércio regional e proporcionava a troca de bens tidos como necessários por aqueles que negociavam os produtos da floresta com os comerciantes regionais. Assim, Loureiro chega a dizer que:

Além da manteiga de tartaruga e do pirarucu, eram produtos espontâneos: a salsa, a seringa ou goma elástica, a castanha, o breu, o cravo, o cumaru, a estopa, a jutaica, **a mixira**, as madeiras, o óleo de copaíba, a piassaba, o puxuri (...). (LOUREIRO, 1989, p.187, grifos meus).

Além do mais, o autor ressalta que a indústria extrativista incluía as atividades de *pesca e salga de pirarucu*, a fabricação de *manteiga de tartaruga e da gordura de peixe-boi e das mixiras e do preparo do couro de animais silvestres*, além da produção de goma elástica, (LOUREIRO, 1989, p. 197, grifos meus).

E ainda acrescenta o autor:

(...) Com o conhecimento do meio ambiente, a identificação das espécies aproveitáveis e o aumento da população, começou a exploração em escala comercial e a exportação desses recursos, ainda na época colonial, envolvendo a pesca do pirarucu e do **peixe-boi**, a viração das tartarugas, a colheita de seus ovos e o fabrico das manteigas e das mexiras, atividades existentes antes da chegada dos civilizados, mas de maneira restrita. Na época imperial essa ocupação continuou, com a perseguição dos espécimens,

reduzindo os estoques naturais, pela destruição indiscriminada. O **peixe-boi** chegou a quase extinção, pela sua carne, pelo óleo e mais tarde, pelo couro excepcionalmente espessura. (LOUREIRO, 1989, p. 198, grifos meus).

De tal modo, a pesca de peixe-boi estava associada à obtenção de mixira, de sua carne que era frita e conservada em sua própria banha, assim como do uso de seu couro na produção de diversos utensílios. Neste contexto cabe-nos dizer que na época da Província os indígenas serviam como pescadores, agricultores, extratores de produtos silvestres, guias e informantes da floresta. Estes trabalhavam e se empenhavam em tais atividades e entregavam toda a sua produção aos comerciantes que os atraíam com a promessa de brindes, bens industrializados e bebidas.

Deste modo, nota-se a existência de um comércio particular que empregava os derivados do peixe-boi como parte do processo de industrialização dos produtos da floresta, cujos lucros eram altíssimos, uma vez que tinham mercados específicos para a venda da carne, banha e couro do peixe-boi. Deste modo, Nunes Pereira (op.cit., p. 102) assinala que no Purus, como também em outros rios amazônicos, onde o peixe-boi abunda, a espécie é perseguida sem cessar e o auge de sua caça acontece na época do inverno, quando os peixes boi estão gordos e dando cria.

Este mesmo cenário é também notado e registrado por Silvino Santos, quando em 1893, na exibição do filme **Paiz das Amazonas**, onde o cineasta expõe alguns registros visuais da matança de peixe-boi e pirarucu que foram realizadas na localidade Boca do Trombetas, porto da propriedade da firma Lourenço Nicolau de Melo, na região do lado Ayapuá, no rio Purus. Para pescá-lo, os arpoadores preparam o *pari*¹⁵ na boca do lago, se colocam de pé na canoa e aguardam a passagem do animal que vem escondido debaixo dos matupás¹⁶, seu refúgio secreto. Assim que o animal é arpoado, os pescadores deixam o peixe-boi correr dentro d'água com o intuito de cansá-lo e fazê-lo vir à tona para buscar ar. Quando o animal surge na superfície da água, os arpoadores lhes enfiam, nas narinas, duas pequenas estacas de madeiras com a finalidade de matar-lhes por asfixia.

¹⁵ Pari é uma armadilha de pesca que consiste em um tapume feito de estacas, que atravessa o rio de um barranco a outro, tendo ao meio uma abertura por onde os peixes, não tendo outra passagem, atravessam e caem num compartimento, cujo fundo é uma tela, onde são retidos

¹⁶ Ilhas de vegetação aquática.



Ilustração IX: Pesca de peixe-boi no Purus e a armadilha parí.
Fonte: Aurora Ramos de Moreira, 1994.



Ilustração X: Pesca de pirarucu e peixe-boi no lago do Ayapuá, no rio Purus.
Fonte: Silvino Santos, 1893.



Ilustração XI: Pesca de peixe-boi no lago do Ayapuá, no rio Purus.
Fonte: Silvino Santos, 1893.

Deste modo, é notório a importância alimentar e econômica do peixe-boi no período que compreende a extração de diversos produtos da floresta como itens que subsidiavam o sistema do aviamento bem como o abastecimento dos seringais e comunidades que surgiam em decorrência da extração da borracha. Além dos valores comerciais e alimentares que eram agregados ao peixe-boi, sua banha tinha papel fundamental para algumas populações indígenas, sobretudo, na produção de “pastas” para besuntar o corpo e confecção de instrumentos para os rituais de flagelação.

1.3.1 OS PURU-PURU

É comum encontrar nos registros históricos referências sobre a relação dos Paumari com a doença de pele chamada *puru-puru*¹⁷, como também das diversas hipóteses sobre a possível causa desta doença entre o grupo estudado. No entanto, é importante registrar que a denominação *puru-puru* também se confunde ao nome da antiga tribo que habitou o rio Purus.

¹⁷ Trata-se de uma moléstia cutânea, a que dão no Amazonas o nome de Purupuru e que consiste - ora na perda do pigmento, deixando a descoberto as manchas brancas - ora adquirindo uma cor bronzeada (SOUZA, 1928).

Sobre esta tribo, dispomos de uma única descrição sobre eles, que pertence aos naturalistas Spix e Martius, enquanto que nos demais registros históricos (exploradores, missionários, etc.), os Paumari aparecem exclusivamente como subgrupo remanescente dos antigos *Puru-Puru*.

Do mesmo modo, a mesma literatura histórica assinala que no século XVII foram localizados pequenos grupos puru-purus desde a boca do Purus até a boca do Ituxi, sendo encontrados também entre o Paraná-Mirim e o Paraná-Pixuna. Relatam ainda que os Paumari, juntamente com os indos Mamory, Arawá e Juberi, formavam as unidades sociais (subgrupos) que compunham o antigo grupo dos Puru-Puru.

Por outro lado, este mesmo termo era também utilizado para designar a doença de pele que acometia os índios Paumari, deixando a pele salpicada de manchas brancas, principalmente nas regiões mais expostas – as mãos e os pés. Essas pintas não apresentavam nenhum tipo de incomodo para os indígenas, ou seja, não coçava e nem irritava a pele. Alguns viajantes – Spix e Martius, Coutinho e Ehrenreich -, chegaram a deduzir que a doença puru-puru estava associada aos hábitos alimentares que estes índios tinham.

No entanto, Ettore Biocca (1944), assinala que a doença puru-puru, também disseminada entre os índios da região do Alto Rio Negro, está associada a dois modos de transmissão: seja pela ritual ou por via criminosa. Conforme o autor, as manchas dos puru-puru são tidas como um distintivo nacional, pois é nas festas mágicas, das quais participam apenas os adultos e os moços que já passaram da puberdade, que acontece a transmissão da infecção por meio de recíprocos açoitamentos, feitos com um **adabi** (chicote ritual), cujo intuito é provocar o sangramento das lesões para que a transmissão da doença possa ser efetuada.

Ainda, Biocca (*op.cit.*) explica que a transmissão ritual, realizada entre membros da mesma tribo, pode ser substituída pela transmissão criminosa contra os estrangeiros não queridos – sejam eles índios ou brancos. Deste modo, os que estão infectados depositam gotas de sangue, extraídos das lesões mais recentes, em alimentos, em bancos ou em qualquer outro objeto que possa infectar aqueles que não são do agrado do grupo.

No caso dos Paumari, a doença puru-puru está associada, conforme relatam Spix e Martius (1817/1820, p. 168, 169), a alimentação desses índios, que consistia, basicamente, de carne anfíbia e peixes, no meio dos quais este povo vivia. Ainda descrevem que esta doença parece ser hereditária, mas que nos recém-nascidos não há sinal da moléstia, aparecendo tão

somente na época da puberdade. Esta mesma informação se vê confirmada nos registros de Ehrenreich (1949, pg. 97), onde afirma que o aparecimento das manchas na pele dos Paumari surge no período da puberdade, se tratando, hipoteticamente, de um “sinal” oriundo dos rituais de transmissão criminosa, que também são praticados pelos índios do rio Içana.

Para os naturalistas, esta doença pode estar associada à má alimentação destes índios ou no costume segundo o qual se besuntavam com gordura de jacaré ou de **peixe-boi**, cujo objetivo lhes é desconhecido. Entretanto, ressaltam que esta prática causava doença de pele, ao ponto de ser adotada como uma ação patogênica entre o grupo.

Ainda de acordo com os autores, os índios do rio Negro como também do rio Solimões, empregavam a banha de peixe-boi e de jacaré na fabricação de unguentos e tintas que eram utilizados como pintura corporal. Sobre isto, Stradelli explica que a doença de pele representa, para algumas tribos, a imagem das estrelas com quem são assinalados os escolhidos pelo sol (STRADELLI *apud* SPIX E MARTIUS, 1817/1820, p.169). Deste modo, as manchas na pele, sejam elas oriundas ou não do uso da banha de peixe-boi, são tratadas como um sinal de distinção entre os diversos grupos indígenas.

Assim como os demais, Silva Coutinho (1862) também afirma ser a doença de pele um mal estar causado pelo tipo de alimentação que os Paumari tinham. De tal modo, o autor descreve a alimentação dos Paumari como basicamente constituída do tecido adiposo dos peixes (principalmente pirarara) e tartarugas, como também é fruto do consumo de farinha feita da fava do commanduassú e da fabricação de caxiri de pirarucu (bebida fermentada e de cheiro forte), que consumidos juntamente com farinha e gordura de peixe, lhes causava a doença de pele chamada *puru-puru*. E, ainda acrescenta o autor: (...) *na província, a gordura de pirarara era administrada aos papagaios, tendo a propriedade de fazer mudar a côr das pennas, e assim consegue-se embellezar o pássaro* (...) (SILVA COUTINHO, 1862, p. 70).

Os Paumari, por sua vez, não concordavam com a versão dos civilizados sobre sua suposta “doença” e conforme relataram para o servidor do SPI, Santana de Barros (SPI, 1930, p. 06), eles diziam que eram malhados porque *a mancha é sinal característico de sua tribo, e que se é uma doença, está no sangue e não há como escapar à lei da hereditariedade*.

Vilma Chiara (1955, p. 192/193), por sua vez, afirma que entre os índios do Alto rio Purus, a transmissão da pinta pode ocorrer ou estar associada à festa do peixe-boi, mais

precisamente no ritual de flagelação recíproca que os índios do alto Purus realizam¹⁸. Com base nesta informação, conversei com alguns Paumari da aldeia Manissuã e sobre a percepção deles acerca da doença de dele que tanto aparecia das descrições dos viajantes. E, diferentemente do que aparecia na literatura histórica, às informações que obtivemos eram de que os Paumari se banhavam na gordura de alguns animais com o intuito de marcarem seus corpos e se distinguirem dos outros grupos. Na aldeia Paricá, um Paumari chegou a dizer que as pintas na pele, que foram caracterizadas pelos missionários como uma espécie de “impinja”, não era sinal de doença, mas uma marca que os diferenciava dos outros indígenas, e que representavam os peixes e suas escamas¹⁹. Todavia, não obtivemos mais detalhes sobre essa questão, ficando apenas esclarecido de que as pintas era um sinal de distinção inter-tribal, e não uma doença propriamente dita.

Não há como definir as razões pelas quais surgem as pintas, tão pouco, de sua relação com o uso da banha de peixe-boi ou de jacaré, mas é importante assinalar que para além de especulações alimentares, ritualísticas e, de produção de diferença em relação a outrem, nos compete distinguir que *aos olhos dos Paumari, a pinta (ajobi) é de origem mítica* (BONILLA, 2007, p. 69), estando relacionada ao “nojo” que este povo sentiu ao verem os outros índios nadarem no sangue da cobra que haviam matado, pois Kahaso²⁰, um dos principais personagens da mitologia paumari, estava preso dentro do animal.

Bonilla (op.cit., p. 70) ressalta que os Paumari, quando recusaram banhar-se no sangue da cobra, foram castigados; e a punição dada a eles seriam as manchas em sua pele. A autora acrescenta ainda que os Paumari **descrevem** as manchas em seu corpo como uma *marca étnica*, tratando-se, sobretudo, de *uma transmissão matrilinear, onde a identidade da marca é transmitida através do sangue materno*.

¹⁸ Além do uso da banha de peixe-boi, Tastevin (1920), relata que os índios Kulina, juntamente com os Kanamari, organizavam uma festa que durava muitos dias, cujo ápice do festejo, motivo central de sua realização, é a luta ritual em que dois competidores golpeavam-se mutuamente com um pedaço de couro de peixe-boi (TASTEVIN 1920, p. 150 *apud* GORDON, 2006, p. 49). Não se sabe ao certo o efeito dessa flagelação e nem seu significado, mas o registro tende a assinalar para uma especialidade do couro do peixe-boi e de sua utilidade enquanto parte de um ornamento ritual que fabrica o corpo daqueles que participam da flagelação.

¹⁹ Sobre isto, é importante registrar que esta informação também foi contada pelos Apurinã a um dos pesquisadores do NEAI que se encontrava em Lábrea, na mesma época em que realizei meu primeiro campo ente os Paumari, em Fevereiro de 2012. De acordo com o pesquisador, os Apurinã relataram que as pintas na pele distinguiam os grupos que habitavam a calha do Purus, onde cada um desenhava sobre seu corpo as escamas dos peixes que os representavam.

²⁰ Kahaso é filho de Jakoniro, que é filha de Bahi, o Deus Temporal. Jakoniro se casou com Jamapitoari, que pescava peixes-boi para Bahi se alimentar.

(...) É este mesmo sangue mítico que permitiu à Kahaso renascer, a pele limpa de suas feridas, e reiniciar o ciclo de transformações temporais. É após esse renascimento que ele pode pensar em deixar este mundo e se instalar no céu junto com seus irmãos, sob a forma de uma constelação. Assim, esta doença é experimentada tanto como estigma quanto como uma marca identitária (BONILLA, 2007, p. 70).

Apesar dos sugestivos apontamos sobre uso da banha de peixe-boi enquanto parte e/ou elemento de formação e transformação do corpo, seja por meio da fabricação de manchas na pele ou do seu uso no ritual de flagelação, não há como evidenciar que o uso da banha provoque as manchas na pele, como também não dá para concluir que os povos indígenas utilizem prioritariamente a banha de peixe-boi com a finalidade de produzir a distinção entre os grupos, uma vez que os relatos históricos, principalmente as descrições etnográficas, são escassos. Apesar de inconclusivo, cabe atentar para esta questão e buscar mais registros sobre o uso específico da banha de peixe-boi pelas populações do Purus, bem como da utilização das propriedades adquiridas no peixe-boi (carne, banha e couro) nos rituais de flagelação entre os índios do alto Purus e de sua especificidade para os Paumari. Quanto a isto, buscaremos informações que possam sustentar ou questionar as ideias discorridas neste item.

Considerando, pois, essa perspectiva, é de se ponderar que o peixe-boi é animal estimado, em muito de seus aspectos, no cotidiano indígena, bem como de sua importância alimentar para os mesmos, deste modo, cabe-nos conduzir a discussão do capítulo que se segue para uma compreensão do peixe-boi na cosmologia Paumari, partindo, sobretudo, dos dados etnográficos presentes nos trabalhos que foram realizados entre os Paumari do rio Purus.

CAPÍTULO II

1. O SUJEITO DA COSMOLOGIA

Para compreender os processos pelos quais as relações com os animais são construídas pelos Paumari, é necessário entender o significado e a importância do peixe-boi enquanto *um sujeito* que povoa o cosmo paumari e com quem este povo tece relações de prestígio e admiração. Assim, para alcançar uma compreensão sobre o significado do peixe-boi no universo paumari busco apresentar um panorama da presença e posições sociais deste animal no plano da sociocosmologia bem como nas narrativas míticas.

Os trabalhos etnográficos são o alicerce dessa análise, uma vez que os mesmos trazem registros que auxiliam na compreensão da posição que o peixe-boi assume entre os Paumari. É, portanto, com base nos estudos etnográficos de Oiara Bonilla (2005, 2007) e de Larissa Menendez (2010) que tal análise é construída. Além disso, os dados coletados nestes trabalhos se somam as informações que coletei no trabalho de campo entre os Paumari do rio Tapauá.

Ao analisar o quadro teórico-etnográfico presente em ambos os trabalhos, pode-se salientar o lugar ocupado pelo peixe-boi na sociologia Paumari, assim como sua importância alimentar e comercial. A respeito do *prestígio*, da ocupação de um lugar distinto dentro de um conjunto de seres e objetos que se relacionam com os Paumari e com quem possuem relações de afinidade, inimizade, de hierarquia e predação, podemos apontar que as relações construídas em torno deste ser estão fundamentadas nas diversas posições que o mesmo assume nos contextos sociais em que ele é referenciado.

Assim, temos como um primeiro caso etnográfico os dados que são apontados por Bonilla em sua tese de Doutorado (2007), onde a autora assinala que no contexto dos rituais ihinika, o peixe-boi aparece aos Paumari como o dono de um grande barco. Além disso, a autora acrescenta que o peixe-boi é humano, ele tem forma-humana e pode aparecer como um *Jara* (branco), vestindo um terno preto (BONILLA, 2007, p.202/203).

Se considerarmos a idéia do peixe-boi ser visto como um *patrão*, enquanto aquele que domina e assume uma posição de poder e prestígio diante de outros seres, percebemos muitas conexões com o contexto histórico que os Paumari vivenciaram a partir da metade do século XIX, quando as frentes extrativistas alavancaram seu poder e dominaram a Amazônia. Neste

cenário, o patrão é aquele que detém o poder da mercadoria, do comércio, da negociação; como também é aquele que permite o acesso a outros mundos e a outras formas de relação com outrem. Essas experiências nos permitem entrever uma agência indígena, isto é, pode-se sugerir que a figura do patrão já fazia parte, de algum modo, de um sistema conceitual paumari “pré-existente”.²¹ Deste modo, com a chegada da frente extrativista, deduz-se que as semelhanças conceituais e estruturais, existentes entre os Paumari como no sistema extrativista, convergiram para as múltiplas associações do *cosmos paumari* com as figuras presentes no aviamento, ou seja, o patrão, o dono, a troca, a hierarquia e outras categorias já eram familiares a este povo, pois se tratavam de categorias existentes em seu pensamento. Sendo assim, no caso do peixe-boi, não nos é estranha à associação que os Paumari fazem entre esse animal, que é visto como o dono das águas, como aquele que emprega pássaros e botos a seu serviço, e cujo interior guarda toda uma potencialidade de gordura que é distribuída aos peixes do rio, e a figura do patrão, que detinha o poder do comércio, das relações exteriores e que navegava sobre os rios da região trazendo mercadorias em seu interior, fornecendo os bens industrializados que lhes interessavam²².

Além do mais, os Paumari relatam que este mesmo peixe-boi é dono de um barco grande cuja carne simboliza a mercadoria que está guardada no convés da embarcação, cujo produto será trocado por bens que necessitam em seu dia a dia. Consequentemente, a comparação que se faz entre o peixe-boi e o barco que navega o rio Purus, remetem-nos, principalmente, a típica imagem dos barcos que comercializavam com os índios e que levavam produtos industrializados - *açúcar, café; sabão; bolacha; tecidos etc.* - para serem trocados por produtos da floresta - *carne de caça; bichos de cascos; peixes; castanha; seringa; salsa etc.*

Estas conexões nos remetem a proposta teórica que Bonilla (2005, 2007) fez sobre os princípios sociológicos que fundamentam a cosmologia deste povo. Para a autora, o termo *patrão*, e seus outros derivados²³, evidenciam que toda relação, seja com o branco, com os animais ou espíritos, é pensada segundo a dinâmica relacional entre patrões e empregados,

²¹ Encontramos o mesmo argumento na pesquisa de Geraldo Andrello (2006) sobre Iauaretê, ao tratar da história da colonização do Alto Rio Negro que, por sua vez, recupera uma sugestão de Peter Gow (1993) ao afirmar que é preciso reconhecer uma agência indígena e buscar capturar o sentido dessa “audaciosa bricolagem, que utiliza a história colonial como uma imagem a partir da qual eles se moldam como agentes de sua própria criação” (GOW, *apud* ANDRELLO, 2006, p. 67).

²² Esta questão é também desenvolvida no item 2 deste capítulo.

²³ *Patrão, empregado, freguês e compra, venda; empréstimo ou encomenda.*

uma transformação entre predadores e presas, relação amazônica por excelência (cf. Viveiros de Castro, 2002). E, para além da vida usual, essas relações reencontram-se em diversos níveis da cosmologia paumari, ou seja, cada ser (animais, espíritos, plantas) pode ser um patrão e estes têm, respectivamente, seus empregados. Deste modo, Bonilla (2005) assinala que esta relação está presente nos mitos, na cosmografia paumari, bem como nas suas relações cotidianas. Ao propor tal modelo analítico, a autora trás uma série de dados, bem como a descrição dos rituais *Ihinika e Amamajo*, que são as formas pelas quais a autora sustenta sua hipótese. Deste modo, descreve Bonilla:

(...) durante o ritual *ihinika*, os espíritos dos alimentos convidados à festa vêm precedidos por seus empregados-espíritos que anunciam a chegada de seus patrões. Por exemplo, no *ihinika* do **peixe-boi**, o pássaro *viraka-da*, que do ponto de vista do **peixe-boi** é a sua cozinheira, anuncia sua chegada aos participantes (BONILLA, 2005, p.47, grifos meus).

Ante esta perspectiva, Bonilla chega a distinguir que através da análise das *relações comercializadas* (2005, p.28) com o “patrão” e com os demais seres que povoam seu cosmos, os Paumari tendem a se conceber como *presas* diante daqueles com quem se relacionam. Esta atitude, por sua vez, deve ser pensada e analisada, tal como propõe a autora, a partir do tema da *predação como modo de troca e de relação por excelência na Amazônia* (*op.cit.* pg.29).

Ainda se tratando deste contexto, no período em que estive com os Paumari do rio Tapauá, tive a oportunidade de adquirir alguns exemplares de livros didáticos que foram produzidos pelas missionárias do SIL (Summer Institute of Linguistics). Nestes pequenos livretos, encontrei algumas narrativas que descrevem o peixe-boi enquanto dono das águas do Purus e senhor de um pássaro que se assemelha a um gavião e/ou urubu, em Paumari ele se chama Kamokia. Esta narrativa chamou-me a atenção, não pelo fato de trazer o peixe-boi enquanto dono de alguma coisa, mas por deparar-me com a relação existente entre o peixe-boi e o pássaro alencor, pois os Paumari relataram-me que ambos estão associados à construção das paisagens aquáticas que dominam no Purus no período das águas altas²⁴ alto.

Ao pesquisar, posteriormente, sobre estes animais e seus hábitos alimentares, comecei a notar que ambos sustentavam uma relação de companheirismo, onde um depende do outro para sua própria sobrevivência, mas cuja relação só é demonstrada no período em que as

²⁴ A ideia de uma relação entre figuras como o peixe-boi e construção da paisagem parece-me importante e será explorada na terceira parte desse trabalho.

águas estão subindo. Assim, o alencor precisa construir seus ninhos, e o peixe-boi necessita dessas construções vegetais para se alimentar. Na língua Paumari, este pássaro é chamado de *kamokia*, ele vive na beira dos lagos sob as gramíneas aquáticas que se forma na superfície da água. Na época do *verão*, o alencor vive no rio, habitando o acero de praia e a própria praia, cujo principal alimento são capins flutuantes, folhas e/ou sementes²⁵.

Deste modo, vemos que toda a construção do ambiente – a produção de macrófitas aquáticas²⁶, de *matupás*²⁷ e demais tipos de vegetação, seja no período da cheia ou da estiagem -, está sob o domínio do conhecimento indígena, cujo saber é expresso por meio das falas míticas, que evidencia não apenas um sistema classificatório, cognitivo, mas toda uma conexão entre o plano social/biológico e cosmológico.

Observemos à narrativa paumari que se refere ao peixe-boi e ao alencor.

O dono da água é o peixe-boi. Os remadores do peixe-boi são os tucuxis e os botos vermelhos. O peixe-boi prepara uma roça. O alencor é um dos seus empregados. Ele é quem planta e limpa o roçado de mandioca para o peixe-boi. A mandioca do peixe-boi é à flor da água²⁸.

Durante a época das vazantes, o peixe-boi arranca a sua mandioca para comer. Quando o peixe-boi se locomove de um lugar para o outro os tucuxis e os botos vermelhos o acompanham (PAMOARI ATHINI HIDA, VOL. 03).

Como podemos observar, além de apresentar o peixe-boi como dono das águas do rio, nota-se, também, o pleno exercício de seu poder sobre seus empregados. Para Dona Laurinda Paumari, os botos tucuxi e vermelho vão à frente do peixe-boi, anunciando a chegada de seu patrão, pois estes são os remadores do barco, e ambos anunciam que ele vem sobre o rio,

²⁵ Dados obtidos com Abraão Alves Paumari, em entrevista realizada em Lábrea, em Fevereiro de 2013.

²⁶ As plantas “aquáticas são conhecidas pelos pesquisadores como macrófitas aquáticas (*macro* = grande, *fito* = planta). São vegetais que habitam desde brejos até ambientes totalmente submersos (isto é, debaixo d’água). As macrófitas aquáticas são, em sua grande maioria, vegetais terrestres que ao longo de seu processo evolutivo, se adaptaram ao ambiente aquático, por isso apresentam algumas características de vegetais terrestres e uma grande capacidade de adaptação a diferentes tipos de ambientes (o que torna sua ocorrência muito ampla). Disponível em

²⁷ Os matupás são vegetações muito densas e flutuantes, que servem de alimento para as espécies aquáticas. Disponível em: [http://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/peixes/pintado_\(pseudoplatystoma_coruscans\).html](http://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/peixes/pintado_(pseudoplatystoma_coruscans).html)

trazendo inúmeras mercadorias. Em contexto ritual, ao receber o comando de repouso, o peixe-boi canta para seus empregados: *Kabovania vakanoho bana ida batelão* (Com o cabo, vão e amarrem o batelão), e é neste momento que os botos lançam as cordas e atracam o barco de seu patrão no lugar em que ele deseja.

Ainda sobre esta narrativa, vale lembrar que, do ponto de vista do peixe-boi, o alencor é um agricultor que limpa e cultiva o terreno onde será plantada sua roça de mandioca. Mas esta roça só estará pronta no período da vazante, momento em que o peixe-boi arranca-a para comer. De acordo com os Paumari, essa “roça” são as plantas aquáticas de que o peixe-boi se alimenta no período da cheia, sendo elas de profundas raízes e de difícil remoção.

Além da relação do peixe-boi com o alencor, há outro contexto que nos chama a atenção: trata-se da classificação do peixe-boi em relação aos outros animais. Conforme assinala Menendez, o peixe-boi é

(...) enquanto espécie animal, dono de uma natureza estranha, cuja classificação, em relação aos demais seres, é ambígua e complicada, já que ele assemelha-se aos humanos pelo fato de ser mamífero, entretanto, é um ser que vive nas águas. (MENENDEZ, 2010, p. 92).

Sobre isto, há algo que nos chama a atenção: o peixe-boi, apesar de habitar na água, é um mamífero; o que lhe impede de respirar dentro d’água, tal como os demais peixes dos rios e lagos e por isso, ele precisa nadar até a superfície d’água para absorver o ar para seus pulmões. Além disso, outra característica nos chama a atenção, visto que nos remete para uma segunda associação de semelhanças particulares dos humanos, tratando-se, portanto, da relação existente entre a mãe e o filhote recém-nascido.

Segundo a literatura, o pequeno filhote recebe todos os cuidados da mãe peixe-boi; ela o ensina a nadar, a subir até a superfície para respirar e, também, proporciona a ele uma alimentação rica em nutrientes. Por ser ainda muito pequeno, o filhote não se alimenta de plantas aquáticas, mas recebe o leite materno até os dois anos de vida, o que lhes proporciona um bom crescimento bem como a produção de anticorpos que o previnem de futuras doenças.

Essas características servem como modelo associativo aos humanos, já que as semelhanças existentes entre ambos são visíveis e chamam a atenção dos estudos sobre a biologia e conservação do peixe-boi da Amazônia. Contudo, voltando à questão assinalada por Larissa, a autora afirma (*op.cit.*) que o peixe-boi é o mamífero mais significativo da cosmologia Paumari, cujas raízes simbólicas estão ancoradas em mitos e histórias de caçadas.

Partindo, portanto, de outros pontos de vista, o peixe-boi é tido como sinônimo da comida típica de cada ser, por exemplo: o alimento preferencial de *Bahi* (espírito ou alma-corpo da Chuva) é o peixe-boi. Segundo o mito, este ser adorava comer a carne deste animal; ele comia uma banda de peixe-boi pela manhã e a outra no final da tarde. *Bahi* tinha um filho chamado *Rasina*, era ele quem pescava peixe-boi para o pai, enquanto que sua filha, chamada *Jakoniro* (Maria), era quem preparava a carne do animal para *Bahi* comer. Mas certo dia, *Jakoniro* se casou com *Jamapitoari* e foi morar com ele em outro lugar. Entretanto, seu pai também foi junto e ele fazia com que o genro lhe arpoasse um peixe-boi por dia. As mãos de *Jamapitoari* sangravam bastante devido ao empenho que ele fazia para conseguir arpoar um peixe-boi para seu sogro.

Neste sentido, Menendez (op.cit., p. 91) distingue que na culinária celeste o peixe-boi se constitui como matéria prima da alimentação do ser celestial. Ele é, na narrativa mítica sobre *Jakoniro* e *Jamapitoari*, o único ser que não se identifica como um humano, exercendo apenas a função de alimento primordial do deus Temporal. Além disso, o peixe-boi pode ser visto como sinônimo de outros animais. Neste caso em particular, a ave Galega (*Patagioenas cayennensis*) e o Tucano (*Ramphastos toco*) vêm o patuá (*Oenocarpus bataua Mart.*) e a bacaba (*Oenocarpus bacaba Mart.*) como os seus “peixes-boi”, uma vez que seus frutos de cor preta assemelham a cor do animal. Além disso, o vinho desses frutos é visto como mixira de peixe-boi, deste modo, do ponto de vista destas aves, elas não estão bebendo vinho, mas comendo mixira de peixe-boi.

Além de ser sinônimo de outros seres, o peixe-boi é apresentado como amuleto sagrado para os Paumari, cujos ossos representam a origem da vida. São nos ossos do animal, como bem afirma a autora, que as doenças e os feitiços encontram-se localizados (op.cit., p. 91). Dentro desta concepção, o peixe-boi, por ser um mamífero (da classe *mammalia*), é um dos raros mastozoários, diferentemente dos outros, que possui seis costelas, enquanto que os demais têm sete. Deste modo, a costela do peixe-boi é utilizada como amuleto de pesca pelos Paumari. E aquele que ultrapassa o limite de uma pesca, matando diversos peixes-boi, sem que haja necessidade, pode ficar *abakihiriki*, ou seja, *panema*, e como resultado disso, *o peixe-boi pode representar o dono da caça, o espírito de todos os animais, que se vinga daqueles que cometem abusos* (MENENDEZ, 2010, p.93).

Além do mais, ressalta a autora, que por se tratar de um animal que transita em ambiente aquático e terrestre, como também por ter um aspecto de peixe, mas sendo um

mamífero, o peixe boi configura-se como a ligação direta entre *Bahi*, e os humanos. E seguindo esta perspectiva, a autora conclui que:

Se *Bahi*, o temporal, tivesse *rihai*, a substância do alimento que formou seu corpo e alma, este *rihai*, seria o do peixe-boi. Assim, o mito ensina que o peixe-boi e o temporal são indissociáveis, o *bomã*, forma também o corpo da tempestade. (...),

Assim, o mito ensina a possibilidade da presença do leite, alimento primordial, em ambiente aquático, terrestre e celeste. O mito evidencia a íntima relação entre *Bahi*, a tempestade, o peixe-boi e a humanidade. A vida e a morte dos humanos estão sob o signo da tempestade. (MENENDEZ, 2010, p. 93).

O que parece ser a questão central deste mito é a conexão entre os planos que formam a unidade social Paumari. O peixe-boi sustenta *Bahi*, constituindo-se como a unidade alimentar básica desta divindade, cujo potencial lhe garante a boa formação de seu corpo, uma vez que a carne de peixe-boi é adiposa e abundante, podendo mantê-lo por diversos dias. No entanto, *Bahi* comia um peixe-boi por dia, e depois de saciar-se com a carne do animal, bebia um grande volume de água, pois desejava matar-lhe a sede que a comida lhe proporcionava. Ambos os elementos – peixe-boi e água – são meios que sustentam e formam o corpo de *Bahi*. Esta hipótese tem como fundamento o fato de que quando *Bahi* foi enganado por *Jamipitoari* e *Rasina*, ao transformarem a anta em peixe-boi, ele adoeceu e morreu, pois comeu anta, achando que fosse seu alimento preferido. O alimento foi alterado, a carne não estava bem cozida, e por isso o corpo de *Bahi* não suportou.

Além destes contextos particulares, há outro conjunto a ser mencionado: o da nomenclatura paumari, onde animais e plantas fazem parte de uma visão cultural da qual os Paumari lhes extraem características para as nomenclaturas das pessoas, sejam elas Paumari ou não. Características de peixes, de aves e de outras espécies da natureza são utilizadas como mecanismos que operam com o objetivo de nominar as semelhanças e diferenças existentes entre o animal e o indivíduo. É também o que assinala Schröder (2000), para quem os Paumari atribuem nomes de animais, principalmente de peixes e caça, para batizar adultos e crianças – sejam eles índios ou brancos – (SCHRÖDER, 2002, p.02). De tal modo, a partir das características existentes entre os animais e os indivíduos, encontramos no contexto da aldeia, pessoas que receberam seus nomes (na língua paumari) com base em sua estatura física, cor da pele, a agilidade ou lentidão com que anda, o cheiro que exala, como também pela ideia de serem apontados como alguém que tem uma alma boa ou ruim.

Esses esquemas de nomações, por sua vez, não têm por objetivo coletivizar os indivíduos, nem de identificá-los a partir de suas características físicas como um grupo diferenciador, mas tendem, como bem me explicou um senhor Paumari, ser um mecanismo de diferenciação individual, ou seja, um aspecto particular que faça do indivíduo um ser semelhante ao animal que lhe foi escolhido. Deste modo, percebe-se que os Paumari vêem os seres que fazem parte de seu cotidiano e extraem deles as características que lhes servem para pensar e ordenar sua lógica social e aplicam-na a outros contextos.

Essas configurações apontam para questões cruciais do pensamento indígena. Lévi-Strauss chamou a atenção, em seus dois livros - *O Pensamento Selvagem* (1989) e *Totemismo Hoje* (1975) -, para o modo como os ameríndios se utilizam do mundo natural para ordenar seu mundo social. Deste modo, o autor afirma que a lógica de categorização do pensamento selvagem é intimamente coerente, uma vez que elas estão associadas à estrutura cultural dos grupos. O que nos leva a crê que os fundamentos das classificações são resultado de um referencial simbólico que prioriza a relação entre o homem e seu meio.

Sobre isto, Lévi-Strauss adverte ainda sobre a escolha de animais ou vegetais, enquanto emblema, valendo também para as nomações como sendo resultado da percepção da relação desses seres como uma questão de complementaridade e oposição. Esta dinâmica, por sua vez, reflete o traço universal do pensamento humano, ou seja, as oposições não passam de indicadores característicos da forma co-relacional de outras oposições e conexões cotidianas da vida civilizada. Em resumo, essas oposições representam a maneira pela qual o espírito humano apreende a realidade – sua forma relacional. Deste modo, a natureza aqui é empregada de tal maneira que propõem ao homem uma lógica de pensamento que contradiz, principalmente, a premissa funcionalista de Malinowski, as espécies naturais não são escolhidas por que são boas para comer, antes, por serem boas para pensar.

Em Janeiro de 2012, quando estive na aldeia *Paumari do Lago Abaquadi*, tive a oportunidade de acompanhar, por alguns dias, um pescador de peixe-boi que me explicava sobre o sentido dos nomes Paumari e o significado que estão introduzidos no batismo (nomações) da criança ou de uma pessoa querida com quem eles se relacionam – enfermeiros, patrões etc. A explicação que recebi foi bem simples: - “o seu nome em Paumari pode ser o nome de um animal com quem você se pareça ou que comece com a letra inicial de seu nome”. Em seguida, falou-me que seu nome em Paumari significa “peixe-boi que come debaixo d’água”; e ao perguntar-lhe sobre a associação de sua pessoa com o animal, o mesmo

me responde: - “é porque eu *sou forte e pesado (gordo)*, e isso é o *peixe-boi*, ele come muito!”.

Em contrapartida, é importante registrar que, com exceção de uma breve descrição oferecida por Bonilla (2007: 158-60; 207-215), não há estudos aprofundados sobre a nomenclatura paumari, como também não há um estudo sobre as interações existentes entre os Paumari e os animais, de seu conhecimento sobre a ecologia, em seu sentido pleno, bem como de suas habilidades na pesca e caça; das técnicas que são utilizadas; das prescrições que são necessárias para a realização de certas atividades.

De tal modo, observa-se que o peixe-boi se constitui, talvez, como um dos maiores símbolos de prestígio na sociocosmologia paumari, cujo domínio deve ser respeitado e assegurado, pois não desejam que nenhum mal incida sobre o pescador ou a aldeia. Por conseguinte, o universo aquático é para os Paumari uma dimensão fundamental na sua sociocosmologia, onde a água e os seres a ela relacionados não são apenas fonte de alimento, é parte de um *cosmo* que conduz e organiza a vida social do grupo. Estes animais estão presentes nos mitos, nos rituais, nas cestarias, e na vida cotidiana dos Paumari. Assim, cada ser/animal com quem os Paumari se relacionam trazem consigo um conjunto de acepções cosmológicas que concebem diversos modos de relação.

2. O DONO DAS ÁGUAS

Ao pensar a relação humano/animal, e vice-versa, entramos em um debate amplo e significativo, que cada vez mais vem ganhando espaço nos estudos ecológicos, sociológicos e antropológicos. Este debate ganha espaço diferenciado dentro desses campos teóricos, buscando sempre refletir sobre os mecanismos que instituem as relações entre humanos e animais e as formas pelas quais essas relações são percebidas pelos diversos grupos, comunidades e povos.

Nigel Smith (1979, p.52-53), chega a afirmar que esses diversos pensamentos interagem íntima e diariamente com a natureza, onde desenvolvem um rico saber sobre a paisagem que lhes cercam. Nisto, os animais, as plantas, os peixes, seguem um curso que está em pleno equilíbrio com os mecanismos relacionais que são instituídos com a natureza. Portanto, trata-se, excepcionalmente, da maneira de perceber e de se relacionar com a natureza. No plano das sociedades indígenas, pode-se dizer que as relações com os animais

são relações que evidenciam múltiplas construções que buscam organizar socialmente os humanos, não humanos, espíritos e objetos. Esses conjuntos interagem entre si, sejam eles como afins ou consanguíneos, evidenciando que tanto os animais quanto as plantas, espíritos e objetos, podem ser percebidos e relacionados de maneira distinta daquela que estamos acostumados a ver.

De acordo com Philippe Descola (1998, p.25), o discurso ecologista produz alguns equívocos sobre a relação das populações indígenas com os animais, com a natureza e com as formas pelas quais estes se utilizam de seus recursos naturais. Deste modo, a relação com os animais podem expressar, como bem assinala Descola (*op.cit.*) relações de afinidade e consanguinidade, cujas relações proporcionam a ideia de que os animais, plantas e objetos possuem uma faculdade humana, ou seja, eles pensam, se organizam e socializam com os humanos. Portanto, Animais da floresta ou das águas são ora inimigos, ora aliados; peixe, quelônio e outros seres não são apenas fonte de comida ou de prestígio; mas, são partes de um cosmo que rege, organiza e se relaciona como sujeitos na vida social dos povos ameríndios.

De modo eminente, as relações sociais estão acopladas às reflexões cosmológicas dos povos ameríndios, concluindo, portanto, que as relações estabelecidas entre uma sociedade indígena e os componentes de seu ambiente são pensadas e vividas como relações entre pessoas. E este ambiente é todo o conjunto de seres – animais, plantas, objetos e espíritos -, com quem os povos indígenas se relacionam, numa escala que os difere apenas em uma ordem de “*grau*” e não de “*natureza*”, uma vez que todos são vistos como humanos (DESCOLA, 1998, p.25).

Pensando, portanto, acerca das relações existentes entre os animais e os Paumari, especialmente com o peixe-boi, cabe destacar que há um conjunto de atribuições jurídicas que conferem distintas concepções em relação à dinâmica existente entre o homem e a natureza. É a partir dos estudos sobre as interações entre o homem e o seu ambiente que se foram criando inúmeros conceitos e modos de percepção sobre as relações estabelecidas entre ambos os pólos. Estas percepções corroboraram, muitas das vezes, um conceito de conservação dos ambientes e dos animais que neles habitam, impondo, sobretudo, regras sobre as maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam e operacionalizam suas necessidades – caça, pesca, extração etc.

Por ser o peixe-boi um animal em extinção, é válido esboçar um pouco da visão que se tem sobre a relação entre humanos e animais, porquanto as inúmeras disciplinas convergem

em suas definições e construções acerca das relações humano/animal, humano e não humanos e caça e caçador. Sobre isto, vale ressaltar que para os Paumari, tanto a caça quanto a pesca, seja a de peixe-boi ou a de qualquer outro animal, apresenta-se de outra maneira, expressando, sobretudo, como uma atividade que representa a construção de regimes de interação com o mundo a sua volta, cujos valores ambientalistas não lhes servem, sendo apenas vistos como “proibições” sobre algo que lhes pertence e que sempre praticaram em outros tempos.

Mas para além da discussão que se faz acerca dos debates que giram em torno das questões das relações entre humanos e animais, cabe-nos também realizar uma apresentação sobre a presença do sistema de aviamento no cotidiano dos povos da Amazônia, uma vez que este evento influenciou sobremaneira alguns aspectos da vida cotidiana dos povos ameríndios. Deste modo, a exemplo de outras regiões amazônicas, a bacia do rio Purus foi alvo de grandes investidas, principalmente das empresas extrativistas que atuavam no chamado “Ciclo da Borracha” entre os séculos XIX e XX.

O esquema do Aviamento consistia, basicamente, do abastecimento dos seringais com mercadorias, bens e alimentos industrializados e sua barganha com os diversos produtos extrativistas da floresta, destacando-se entre eles a borracha. Este modelo é marcado pela relação desigual e duradoura entre *patrões* e *extrativistas*, cujo modelo moldou a ampla forma de sociabilidade que marcou intensamente a história econômica e social da Amazônia.

Deste modo, o estudo sobre a cosmologia Paumari parte do princípio de que toda relação estabelecida com outrem é uma *relação de predação e familiarização* (BONILLA, 2007, pg. 199-205), onde eles próprios se colocam na condição de presa/predado, cujo intuito é obrigar o predador a familiarizá-los. Por conseguinte, parece-me interessante pensar a questão do peixe-boi como patrão em relação à concepção de “dono” e de “*Maestria*”, tal como ela foi elaborada por Fausto (2008).

Com a ascensão econômica da borracha, a região do rio Purus foi alvo de grande investida econômica realizada pelas frentes extrativistas durante o século XIX e início do século XX. Com a chegada deste novo modelo econômico, muitos dos povos indígenas que habitavam as calhas dos rios amazônicos foram diligenciados como mão de obra nos seringais e feitorias que iam se instalando no interior das matas. Além do trabalho a que eram submetidos, os índios atuavam também como informante/conhecedores da floresta e, sobretudo, como fornecedores de gêneros alimentícios nos barracões instalados na região. Na operacionalização deste cenário, os Paumari participaram deste processo, uma vez que foram

estes os principais fornecedores de gêneros alimentícios – peixes, quelônios, caça entre outros - dos seringais e povoamento que surgiam nas margens do rio Purus no século XIX (Kroemer, 1985, p.90).

Com o produto de sua lavoura, da pesca de pirarucu, peixe-boi e tartaruga, os Paumari se inseriam no sistema extrativista, trocando os produtos da floresta por produtos industrializados e gêneros alimentícios – açúcar, arroz, manteiga, café, farinha etc. Neste processo, estes índios adquiriam dívidas que mal conseguiam saldar, mesmo que oferecessem toda a sua produção para o patrão com quem comercializavam. Conforme Kroemer (*op.cit.*, p.135), os Paumari andavam de praia em praia, catando ovos de tartaruga para sua subsistência e para trocar por bens, utensílios e diversos gêneros que lhes interessavam na hora da troca. De tal modo, estes índios trabalhavam alguns meses, semanas ou dias para um patrão, com o qual se afiançava, mas deviam a outros patrões para os quais já haviam trabalhado, pagando-lhes com sua produção.

Conseqüentemente, com a expansão do sistema de aviamento, vários povos indígenas foram inseridos como extratores de borracha e de demais produtos da floresta, cujo valor comercial era de extrema importância para o comércio exterior. E de acordo com a leitura convencional que se tem sobre este evento, esta mais-valia incidiu na exploração maciça da força de trabalho de diversos povos indígenas, cuja força incidiu quase que parcialmente na perda significativa dos territórios tradicionais, formas de sociabilidade, bem como de suas práticas “tradicionais” de organização social.

Já de acordo com Lúcia Rangel (1994), “a incorporação das populações indígenas neste período findou por modificar a história destes povos”. Deste modo, o processo de contato com a sociedade envolvente, inaugurado de forma mais sistemática com o advento do sistema de aviamento, fez com que os Paumari e outros povos indígenas adotassem uma série de estratégias de adaptação às novas formas de relação com o outro, bem como assimilassem um conjunto de novos padrões de vida social, econômica e cultural.

Mas toda esta concepção faz parte de um modelo já cristalizado, que considera as populações indígenas como participantes de um evento brutal, desigual e hierárquico. Contudo, nós não podemos descartar que massacres aconteceram e que territórios tradicionais foram desmantelados, mas cabe-nos perguntar como os agentes participantes desta história – os indígenas neste caso - percebem esses acontecimentos, a partir de que lógica este fenômeno pode ser explicado e apreendido.

Portanto, feito este panorama, prosseguimos com a proposta deste item, cujo debate sobre a noção de *maestria* existente nas relações entre os índios Paumari e o peixe-boi, baseia-se, especialmente, no conceito de *maestria* (FAUSTO, 2008), como uma categoria que expressa, principalmente, um conjunto de relações que se baseiam na propriedade ou no domínio de alguma coisa ou objeto.

(...) A categoria e seus recíprocos designam um modo generalizado de relação, que é constituinte da socialidade amazônica e caracteriza interações entre humanos, entre não humanos, entre humanos e não humanos e entre pessoas e coisas. Entendo tratar-se de uma categoria-chave para a compreensão da sociologia e da cosmologia indígenas que, não obstante, recebeu relativamente pouca atenção (FAUSTO, 2008, p. 01).

Diante de um contexto histórico e etnográfico, o peixe-boi aparece como *dono das Águas* e dos leitões dos rios e lagos da Amazônia e como patrão que navega sobre o rio, cabenos, conseqüentemente, debater sobre os princípios epistemológicos que fundam esta posição e de como eles são percebidos e construídos pelos próprios Paumari.

Seguindo este pensamento, vejamos, pois, a narrativa a seguir:

Contam os antigos sábios que o peixe-boi era gente também, igual ao pica-pau, que era um fazedor de canoa. Só que o peixe-boi era agricultor, era um homem que trabalhava no roçado; e certo dia ele tava doente, cheio do tumor, cheio de furúnculo por todo o canto.

Só que nessa época ninguém tinha a gordura, só quem tinha gordura era o poraquê, ele era o dono de toda a gordura que existia. Certo dia, o peixe-boi voltou para casa e o poraquê continuou trabalhando no roçado, assim que ele faz: - vou tomar a banha do poraquê todinha. Aí, o peixe-boi espocou os furúnculos dele; saiu espremendo tudo; tomou a banha e colocou os tumores no vaso em que o poraquê guardava a banha.

Quando o poraquê chegou, colocou o beiju; nessa época ele só se alimentava de beiju e gordura. Ele colocou o beiju para comer com a banha, mas viu que não era banha, só era pus. Aí o poraquê ficou violento, pegou o cassetete dele, é por isso que ele é chamado de peixe elétrico, porque na época ele era gente, uma pessoa que usava o cassetete. Daí ele pegou o cassetete e foi pra cima do peixe-boi e deu-lhe uma porretada na venta do peixe-boi e é por isso que a venta do peixe-boi é aparada. Por causa da cacetada do poraquê que a cara do peixe-boi achatou.

O peixe-boi só fez dar uma rabada no poraquê que ele caiu lá dentro da lagoa. Até hoje o poraquê fica naqueles poços de água no verão e não sai dali. Aí o peixe-boi ficou com toda a gordura e saiu espalhando pra todos os bichos, cada um foi comendo um pouco de gordura e o último a chegar foi a aruanã; a aruanã chegou por último e foi lambar o resto da gordura e o poraquê pegou e cortou a boca dela e é por isso que ela tem a boca assim.

Essa é a briga do peixe-boi com o poraquê. (ENTREVISTA COM GERMANO CASSIANO, CADERNO DE CAMPO, 07 DE FEVEREIRO DE 2012)

A posição que ele assume, seja a de dono e/ou patrão, tem grande rendimento para a compreensão das relações que se constroem com o universo aquático e com os seres que nele habitam. Não são apenas relações existentes entre os próprios animais, mas, trata-se, sobretudo, de uma relação entre animais e Paumari. De acordo com Kroemer (2009, p. 04), o peixe-boi é o *espírito ancestral com o qual se têm uma relação de respeito e admiração*; necessita-se, notadamente, de adestramento e paciência para se aproximar do animal, já que se deve ter em mente que, fazendo parte da dieta paumari, ele merece ser invocado por atitudes que dizem respeito ao mundo simbólico.

Sobre isto, lembro-me dos Paumari descrevendo sobre o comportamento que o peixe-boi pode ter quando ele não é respeitado em seu ambiente. Diferentemente do que descrevem os biólogos acerca da característica passiva e mansa deste animal, o peixe-boi assume, dependendo muito do contexto da pesca, uma atitude “agressiva” e “vingativa”, pois se os princípios que regulam a relação entre ambos os pólos – peixe-boi e um pescador Paumari -, não forem respeitadas, ele pode vingar-se do pescador, abraçando-o e o levando para a profundidade da água, onde ele habita. O pescador pode não ter a chance de retornar a terra e aos seus entes queridos, ficando preso na morada do peixe-boi. Assim, o sucesso ou não de uma pescaria de peixe-boi pode ser determinada por inúmeros fatores: má observação dos lagos, horário inapropriado ou pela quebra das regras que equilibram a relação.

Rememoramos aqui, o que Menendez (2010, p.93) assinala em sua tese, que por ora já foi mencionado no item anterior sobre o *abakihiriki* (do ficar panema), que é uma circunstância maléfica que foi produzida mediante a matança exacerbada de peixes-boi. E como resultado deste ato, o peixe-boi torna-se o representante, o dono da caça, o espírito de todos os animais, que se vinga de todos aqueles que pescaram abusivamente.

Este evento, por sua vez, assinala que o peixe-boi aparece como mediador e sujeito dos recursos disponíveis para a pesca, bem como para com o coletivo ao qual pertence, pois sendo o dono das águas, o mesmo deve assegurar a sobrevivência dos demais e zelar pelos seus. Lembremo-nos que o peixe-boi, enquanto *Dono das Águas*, foi quem distribuiu aos peixes a gordura que forma seus corpos, tornando-se assim, dono dos ambientes aquáticos e criador, em parte, dos corpos dos peixes, uma vez que ao roubar a gordura que estava sob o domínio

do poraquê, o peixe-boi a distribuiu aos peixes do rio, de acordo com a ordem de chegada de cada um dele. Sobre isto, contam os Paumari que foi a partir deste evento que os peixes assumiram suas características – aqueles que têm mais gordura, os que têm menos gordura, o formato do rosto etc.

Acerca disto, Fausto assinala que:

O dono está na origem daquilo que possui, pois o fabricou, seja este artefato pessoa ou coisa: na Amazônia, a noção de fabricação não se aplica apenas aos objetos, mas também aos corpos de parentes e de animais familiares (2008, p.332).

Além do mais, ao distribuir a gordura aos peixes, o peixe-boi produz e transforma o corpo de suas criações, deste modo, ele, enquanto realizador deste feito, têm a capacidade de produzir artefatos – os peixes – no ambiente aquático. Cabe-nos pensar também se a ação do peixe-boi não se insere no plano do poder político que um chefe e/ou patrão opera. Se ao ser designado como dono e patrão, o peixe-boi assume também, além das funções de prestígio e admiração, uma posição política que exige responsabilidade e soberania diante de sua criação. Esta idéia deverá ser analisada em um trabalho posterior.

Além do mais, os Paumari relatam que este mesmo peixe-boi é um barco grande cuja carne simboliza a mercadoria que está guardada no convés da embarcação, cujo produto será trocado por bens que necessitam em seu dia a dia. E consecutivamente, a comparação que se faz entre o peixe-boi e o barco que navega o rio Purus, remetem-nos a típica imagem dos barcos que comerciavam com os índios e que levavam produtos industrializados - *açúcar, café; sabão; bolacha; tecidos etc.* - para trocar por produtos da floresta - *carne de caça, bichos de cascos; peixes; castanha; seringa; salsa etc.*

Assim, as atitudes para com essas relações remetem a duas características importantes de sua vida social: 1) torná-las relações de cunho comercial e 2) constituírem-se como presas ou vítimas diante das relações com outrem e com os espíritos (Bonilla, 2005, p. 46, 47). E ainda de acordo com a autora, esses termos e relações são frequentemente empregados e atualizados pelos próprios Paumari, sendo que muita das vezes, como bem afirma Bonilla, essas categorias são empregadas para “*além da vida cotidiana: figuras como a do patrão e empregado encontram-se em vários níveis da cosmologia paumari: na cosmografia, nos relatos e nos rituais ihinika e amamajo*” (p. 29).

De tal modo, Bonilla assinala que a atitude Paumari se constitui como uma,

(...) tática para controlar a força do predador, transformando-o em domesticado e submetendo-se como presa familiarizável (freguês) ou animal doméstico (empregado). Assim, os Paumari se vêem como presas, sujeitas a constante captura, devoração ou familiarização por outros, sejam eles animais, espíritos ou outros povos. De tal modo, para os Paumari, a vida é considerada como uma perda reiterada da alma, constantemente sujeita à captura e à sujeição por outros.

Deste modo, conclui-se que os seres que povoam o cosmo Paumari - animais, plantas e objetos – tecem entre si uma relação idealizada a partir da sujeição e cuja dinâmica lembra a relação entre dono e mestre.

CAPÍTULO III

ETNOGRAFIA DE UMA PESCA

(...) dentre todos os pescados, aquele que, como um rei, se assenhoreia do das Amazonas, e o enche todo, desde seu começo até quando deságua no mar, é o peixe-boi, que pelo sabor já justifica o nome, pois não há quem o coma que não o tenha por boa carne. É do tamanho de bezerro de ano e meio, e na cabeça, por ter chifres e orelhas, não se distingue dele; por todo o corpo espalham-se alguns pelos, não muito longos, semelhantes a cerdas macias, e ele se move na água com dois braços curtos em forma de pás, que lhes servem de remos, e sob os quais a fêmea deixa à mostra as tetas com que amamenta as crias que pare. De seu couro que é muito grosso, depois de bem curtido, fazem os guerreiros adagas tão resistentes, que não as transpassava uma bala de arcabuz. Alimenta-se de ervas como o boi verdadeiro, razão pela qual sua carne adquire tão bom sabor e é de tanta substancia que uma pessoa mesmo a ingerindo em pequenas quantidades, fica satisfeita e fortalecida como se tivesse comido em dobro carne de carneiro. Debaxo da água tem pouco fôlego, e assim, onde quer que ande, põe amiúde a cabeça de fora para recobrar alento, expondo-se ao inimigo e à total destruição. Ao vê-lo, os índios o seguem em pequena canoas e aguardam que mostre a cabeça, quando então lhe cravam seus arpões, feitos de conchas, e lhe tiram a vida. (ACUNÃ, 1597-1675, pg.77/78)

1. O PEIXE-BOI: OUTRAS CONCEPÇÕES

É importante assinalar, embora não seja o objetivo desta pesquisa, que apesar de focar a relação dos Paumari com o peixe-boi, em seus mais variados aspectos, não deixamos de ponderar questões relacionadas às interdições existentes em torno da pesca do animal, entretanto, não a tornamos um tema fundamental para este estudo.

Apesar disso, procuramos considerar essas interdições, sem aprofundá-las, uma vez que elas passaram o contexto da pesquisa, em seus mais variados aspectos – institucional, trabalho de campo e, conversas informais. Toda vez que entravamos em contato com algumas Instituições ou pessoas ligadas às frentes de proteção da região do Purus, deparava-me sempre com o discurso da proteção, da vigilância e da ideia de que tínhamos que denunciar a pesca e a comercialização ilegal de peixe-boi.

De acordo com a *Lista Nacional de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (Da SILVA et. al., 2008 *apud* GUTERRES PAZIN, 2010, p. 01) e o *Livro Vermelho*

das Espécies Ameaçadas da Fauna e Flora (IUCN²⁹, 2007), é considerada como “vulnerável”, encontrando-se, sobretudo, na lista dos animais que estão ameaçados de extinção. Sobre isto, a IUCN adverte que a pesca esporádica, somada à baixa taxa reprodutiva da população da espécie, vêm contribuindo profundamente no declínio da população de peixes-boi na Amazônia, uma vez que o aumento da espécie vem sendo afetado pela caça indiscriminada e, principalmente, pelo valor comercial que o couro e a carne do animal possuem.

Diante da vulnerabilidade em que se encontra o peixe-boi, criou-se uma concepção de que ele deveria ser protegido e conservado, o que influenciou, sobretudo, a criação de prescrições jurídicas que aplicam penas judiciais para aqueles que são pegos pescando ou comercializando a carne de peixe-boi. Todo esse contexto, por sua vez, nos remete para algumas implicações sociais, já que se cria um único ponto de vista sobre o animal - o da proteção – excluindo, em seu interior, a dinâmica existente entre os peixes do rio e as populações (humanas) que deles dependem.

É certo que as diversas concepções que se tem sobre o peixe-boi entram em choque quando deparadas a outros modos de compreensão sobre o animal, bem como a prática de sua pesca. Assim que inicie esta pesquisa, resolvi passar alguns dias no Centro de Preservação e Pesquisa de Mamíferos Aquáticos – CPPMA³⁰, situado na Usina Hidrelétrica de Balbina, no município de Presidente Figueiredo. O que mais me chamou a atenção durante os dias que estive no CPPMA, foi à maneira como os pesquisadores percebiam o peixe-boi e de como ele era apresentado aos visitantes do centro, adultos e crianças.

O mais interessante neste processo são as formas pelas quais nós classificamos os animais e nos relacionamos com eles, e de como projetamos isso para outras sociedades. Deste modo, as diferentes concepções sobre o peixe-boi apontam para os modos pelas quais os Paumari se relacionam com a natureza, evidenciando, principalmente a interação existente entre o grupo e a paisagem que os cerca.

²⁹ União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais – IUCN.

³⁰ Para mais informações, conferir o site: <http://www.amigosdopeixe-boi.org.br/>

1.1 O PEIXE-BOI, O CHAVASCAL E OS INSTRUMENTOS DA PESCA: UMA BREVE DESCRIÇÃO

No cenário da pesca de peixe-boi, é importante que cada pescador conheça alguns dos elementos que compõem a paisagem dos lagos. Para além de um simples conhecer, esses espaços são vistos como lugares de aprendizagem do futuro pescador, que depois de alguns anos de treinamento e observação, vão aplicando, na prática, todo o conhecimento adquirido no decorrer de sua formação. Deste modo, antes de tecer qualquer análise sobre essa pesca, apresentemos os elementos que compõem o cenário onde ela é realizada, lembrando do que diz Cordell assinala que (1974, p.388 *apud* SAUTCHUK p.241, 242) “*a continuidade e a viabilidade da tradição de pesca depende da transferência bem sucedida deste saber ambiental para as novas gerações de pescadores*”.



Ilustração XII: O peixe-boi.

Fonte: arquivos do Jornal Acrítica, 2012.

O peixe-boi é um mamífero aquático exclusivamente herbívoro (BEST, 1981 *apud* GUTERREA PAZIN, 2010, pg.11), e é assim denominado por ter como principal característica o hábito de pastar plantas aquáticas e capins inundados pelas enchentes dos rios. Por se alimentar de uma vasta variedade de macrófitas, especialmente herbáceas aquáticas, em geral gramíneas como *Paspalum repens* e *Echinochloa polystachya*, ele acaba sendo um animal de grande importância na manutenção dos ecossistemas aquáticos. No entanto, sua

alimentação depende, em muitos casos, da disponibilidade de plantas aquáticas no ambiente em que vivem.

De acordo com Guterres Pazin (*op.cit.*, p. 20, 21) as águas ricas em nutrientes são locais favoráveis à maioria das macrófitas aquáticas flutuantes, processo inverso nas águas ácidas e pobres em nutrientes. No entanto, para sobreviver a essas variações ambientais, o peixe-boi migra constantemente, vivendo durante a época da cheia nas áreas de várzea, que são ricas em macrófitas aquáticas, e nos poços ou boiadores d'águas nos lagos de terra-firme ou nos canais do rio principal na época da seca; período em que a disponibilidade de alimento reduz consideravelmente.

Esses poços ou boiadores d'águas são conhecidos pelos Paumari como a cama do peixe-boi, cujo ambiente serve de recanto para os descansos matinais e noturnos do animal, que acontecem geralmente logo após a sua alimentação. Ao mesmo tempo, esses poços servem como lugar de refugio diante de qualquer perigo em que ele seja exposto.

Para os Deni do rio Cuniuá³¹, esses poços, são, sobretudo, tipos de aldeias onde os peixes-bois, cobras, onças d'águas etc., vivem. Já nos rios, são varadouros/caminhos, e quando esses animais aí estão, em suas aldeias, eles olham para cima vêem o céu, que é reflexo daquilo que a gente vê quando olha para a água, ou seja, o céu que nós vemos, é reflexo daquilo que está na água.

Os poços, na época da cheia, dificultam o acesso do pescador ao animal, pois vão ficando ainda mais profundos com a subida das águas. Neste processo, incide uma variação de ambiente, onde se formam aquilo que os Paumari denominam de *chavascais* ou áreas de *terras encharcadas*. Essas áreas, por sua vez, são pequenas extensões de terra firme circundadas de lagos na época do verão. No período em que as águas estão subindo (cheia), essas áreas começam a alagar, agrupando uma diversidade de plantas aquáticas que servem de alimento para os peixes-boi e outros animais.

No trabalho de campo na Terra Indígena Paumari do Lago Manissuã, registrei cerca de oito chavascais, sendo que existem muitos outros nos limites da Terra. Entre eles, está o Chavascal do Entupido, do Gavião, do Guarda-livros; do Frade; do Abraão; do Capanzinho; do Podre e Chavascal Grande.

³¹ Esses dados foram obtidos por meio de uma comunicação pessoal com Marcelo Florido, que vem desenvolvendo, atualmente, uma pesquisa de Doutorado com os Deni do Rio Cuniuá.



Ilustração XIII: Chavascal do Entupido

De acordo com os Paumari, os peixes-bois que se encontram nos chavascais do rio Tapauá são originários do rio Purus - pelo menos boa parte deles -, que no período da cheia não apresenta vegetação aquática suficiente, fazendo com que eles migrem para lugares abundantes em alimento. Nessas áreas, os peixes-boi alimentam-se, basicamente, de algumas macrófitas aquáticas, no entanto, os Paumari apontam que a planta preferida é a *taboquinha* (*Sorghastrum minarum* (Nees) Hitchc.); um pequeno e tenro capim que se encontra no fundo dos lagos. Além da taboquinha, o peixe-boi consome as plantas que são vulgarmente conhecidas como *Xibé*, *Capim d'água*, *Mureru* (*Eichhornia crassipe*), *Canarana* (*E. polystachya*), *Bolachinha*³² e *Capim Cominho*³³, todas, com exceção da taboquinha, são herbáceas aquáticas flutuantes.

³² A Canarana, Mureru e Bolachinha, são plantas oriundas do rio Purus, não compoendo a formação de vegetação dos chavascais dos lagos do rio Tapauá.

³³ Não foi possível identificar os nomes científicos das plantas *Xibé*, *Capim d'água*, *Bolachinha* e *Capim Cominho* devido à falta de descrição das mesmas. Algumas delas são conhecidas apenas pelo nome vulgar, o que tornou a busca pelos nomes científicos um pouco complexo.



Ilustração XIV: capim d'água, Chavascal do Entupido.

Ainda sobre esses ambientes, revelou-se uma curiosidade a respeito de um dos hábitos deste animal: de acordo com Zelino Paumari, existe um chavascal nas imediações da T.I onde o peixe-boi converte a noite em um recanto de beleza e harmonia; visto que ele, com toda sua sagacidade, deita-se sobre os capins flutuantes, até que eles lhe sirvam de cama, e aí passa a descansar e se alimentar sob a luz da lua cheia.

Contudo, o mesmo não informou o motivo deste hábito, mas afirmou que ele está associado à fase da lua. Além disso, ainda assegurou que eu deveria visitar o lugar para compreender o que ele estava descrevendo. No entanto, por seu meu último dia na aldeia, não tive a oportunidade de visitar o chavascal de que falava.

Eles sentem e ouvem

De acordo com os Paumari do Manissuã, os peixes-boi enxergam muito bem, podendo perceber a sombra do pescador e da canoa sobre a água. Seus ouvidos são bem pequenos, assemelhando-se ao furo de uma agulha, mas apesar da pequenez, os Paumari lembram que eles têm uma excelente audição, podendo ouvir os sons com muita precisão. Em janeiro de 2012, quando acompanhei uma primeira pesca de peixe-boi com o Snr. Evangelista Paumari, fui orientada a não fazer nenhum barulho, pois os peixes-boi, com seus ouvidos aguçados, ao sinal de qualquer barulho fogem e não voltam mais.

Além do mais, conforme Diego Paumari, jovem pescador de peixe-boi, este animal pode ouvir a longa distância, percebendo, sobretudo, caso o pescador seja inexperiente, os baques do remo na água, a respiração ofegante do pescador, bem como as batidas aceleradas de seu coração. Também, descreveu que quando saiu para pescar pela primeira vez, ficou nervoso e seu coração pulsava com muita rapidez, o que pode ter lhe ocasionando uma pesca mal sucedida, já que o controle sobre o corpo é fundamental no contexto da pesca de peixe-boi.

Os Paumari me mostraram os pêlos que recobrem o focinho do animal, descrevendo-os como receptores de movimentos nas águas, o que permite o animal adquirir sensibilidade tátil acerca do conjunto de paisagens que lhe cercam. Assim dotado, não escapam do peixe-boi os mínimos movimentos, aspectos ou sons suspeitos acima da água. Deste modo, é interessante notar o profundo conhecimento que os Paumari têm da ecologia do peixe-boi, como também de outros animais, discernindo, com muita precisão, as características biológicas dos seres da água, do ar e da terra.

A arpoeira, a haste, a corda os tornos

A arpoeira é um instrumento bastante antigo, sendo composto de uma pequena peça de ferro pontiaguda com uma ou duas bandarilhas laterais que servem de apoio na pesca, evitando o esquite do peixe. A arpoeira, de acordo com os Paumari, tem em média de 3/5 a 4 polegadas de comprimento, em cuja parte inferior tem um pequeno canal onde se introduz a hasta, que é feita a partir das madeiras de abiorana (*Lucuma Lasiocarpa.*), espécie encontrada apenas em terra firme ou pode também ser feita a partir da paracuuba (*Dimorphandra macrostachya*), que é encontrada nas margens do Purus.

A haste mede cerca de três metros de comprimento, pois o objetivo é manejar com facilidade a arpoada do animal (peixe-boi e pirarucu) que se encontra próximo à superfície d'água. A corda de nylon fica presa na parte superior do arpão sendo sustentada por um prego que tem a função de esticador da corda, cujo papel é possibilitar a extensão do percurso do animal quando alvejado. O comprimento da corda é um dos fatores que determinam quem vence ou não a pescaria; já que sua dimensão define o tamanho do percurso que o animal vai correr e o quanto de energia ele vai gastar até ficar cansado e se render ao pescador.

Geralmente, as cordas utilizadas na pesca de peixe-boi, devem ser de nylon, com espessura de cinco milímetros e pesar em média um quilo, o que equivale a quatro metros de comprimento.

Embora o tamanho da corda sirva como um recurso que auxilia na pesca, bem como sua função de cansar o animal, cabe assinalar que quando o peixe-boi não morre com a arpoada, outro mecanismo é acionado: a técnica de asfixia, onde empregam o uso de torniquetes de madeiras e pauladas na cabeça para matar o animal.

Os torniquetes são pequenas estacas feitas de galhos de madeira e que tem uma extremidade pontiaguda, fabricados, muitas das vezes, no momento em que o pescador percebe que o animal está resistindo à morte. Em outros casos, o pescador já leva consigo alguns tornos, evitando assim, o desperdício de tempo e a demora na pescaria.



Ilustração XV: arpão, cordas e tornos utilizados na pesca de peixe-boi.

2. ETNOGRAFIA DA PESCA

Inspecionando essas vegetações, observou o pescador folhas e grelos delas roídos. Não lhe permite a sua experiência o engano sobre quem as andou remoendo. Está achada a comédia do peixe-boi. Para ali vai com a sua breve montaria, o seu arpão mais pesado, o seu comprido cigarro. Vagarosamente, cautelosamente, a canoa ao capim ou, e melhor é, mete-a dentro dele passando-lhe por cima para evitar que a sombra sua e da canoa refletida n'água não ponha de sobreaviso o desconfiado cetáceo. (...) se ele tem a sagacidade, ele pescador tem a paciência da raça multiplicada pela que lhe deu a profissão.

Acolá, em minúscula clareira, aberta por algumas franças, ou folhas mais afastadas, vem lentamente aparecendo através da camada líquida a linha esbranquiçada do focinho do cetáceo. (...) visto ou simplesmente adivinhando, lança-lhe o pescador arpão. Atingindo, mal se lhe cravou a arma no rijo couro, arranca em desapoderada carreira, de preferência fugindo para o meio do rio ou lago, buscando águas profundas, em que salvar-se. (...) tem o peixe-boi a vida dura, e se não o apanhou bem o arpão, resiste longamente e vai longe antes que o pescador o possa trazer exausto, semimorto, a beira da canoa onde o acaba
José Veríssimo, **A pesca na Amazônia**, 1970, p.37.

Sete Bocas, 29 de Janeiro de 2013

São exatamente três da manhã; depois de uma noite cheia de preparativos, estou organizando meu material de campo – máquina fotográfica, caderno de campo, gravador e canetas -, pois daqui a algumas horas irei acompanhar uma pescaria de peixe-boi com Germano Cassiano, Calebe Cassiano, seu filho mais velho e Eligelson, sobrinho de Germano (...).

Germano e Calebe ainda estão dormindo, estando acordado apenas Eligelson, que, do outro lado do lago está fazendo café na casa de Dona Laurinda, e Luis, que é a liderança da aldeia Manissuã. Depois de alguns minutos, Germano se levanta e vai fazer café e pergunta se estou preparada para ver uma pesca de peixe-boi. Respondo que estou preparada, mas que não saberia minha reação ao ver o animal ser arpoado.

Enquanto isso, Eligelson grita para acordar Calebe.

O café está pronto! E Germano organiza o arpão, a corda e o facão na canoa. Nossa viagem está para começar, faltando apenas um detalhe: a gasolina para o motor. Depois de abastecido o motor e resolvido os últimos detalhes, Germano me informa que vamos em uma canoa pequena e que Calebe irá nos rebocar até a entrada do lago, pois só ele e Eligelson irão de motor rabeta até o lago.

Germano tem todo um cuidado com os instrumentos de pescas – arpoeira, cordas e facão -, conferindo a eles uma atenção e cuidado, vendo se a corda está posicionada corretamente e se não está faltando nenhum utensílio. Depois de concluído os preparativos, posso então entrar na canoa e esperar que a viagem comece (...).

Já são quatro e meia da manhã; estamos seguindo viagem pelo lago Sete Bocas, rumo ao Chavascal do Entupido, lugar onde o peixe-boi se alimenta e descansa. No meio da viagem, começa a chover; estamos todos molhados, e eu tremendo de frio. Ainda estamos um

pouco longe do Chavascal, e mal posso usar a capa de chuva, pois envolvi a câmara e os demais materiais que estou levando em seu interior, para que não molhassem e danificassem.

Aproximadamente quarenta minutos depois, chegamos ao Chavascal do Entupido; e assim que entramos no lago, Germano e Calebe começaram a entoar um som estranho³⁴, que para mim se assemelhava ao som de um macaco guariba. Eu perguntei que som era este e Germano só me respondeu que o lago em que estávamos tinha muitos jacarés. Logo, eu pensei que ele estivesse espantando o animal ou coisa semelhante, mas acabei deixando a curiosidade de lado, pois não era hora de fazer perguntas, e fiquei quieta em meu lugar, observando apenas os passos dos pescadores.

Germano seguia entoando o mesmo som; mas Calebe e Eligelson já estavam um pouco distante de nós. Então observei que Germano remava com placidez e bastante concentração. Sempre observava o ambiente, o caminho que estávamos percorrendo e a superfície da água. Achei que já estivéssemos no lugar da pescaria, e que ele já observava a água para ver se topava com o animal. No entanto, enganei-me; estávamos percorrendo o caminho de acesso ao Chavascal. Não demoramos muito para chegar ao lugar, pois se trata de uma área encharcada que abriga muita vegetação aquática.

Lá estávamos nós, no Chavascal do Entupido. Observando cada detalhe do ambiente, notei que toda comunicação é precisa e delicada, tudo deve comunicar-se entre si. Germano, remava lentamente, sempre nas proximidades da vegetação aquática; observando as plantas e o movimento das águas. Sua destreza me impressionava; e sucessivamente estava atento aos detalhes do lago. Sempre que passávamos por um conjunto de árvores e plantas aquáticas, onde pequenos ramos de folhas flutuavam, ele as recolhia com o objetivo de reconhecer a espécie da planta, pois assim saberia qual o animal a estava comendo debaixo d'água. Algumas vezes, ele parava de remar e observava as plantas; sempre em busca de uma comunicação que a água lhe pudesse transmitir - o movimento feito por algum animal.

³⁴ Em alguns momentos, esses sons eram fortes e bem altos, outras vezes eram lentos e suaves. No entanto, devido ao pouco tempo no campo, e por ter focado outras questões, não tive a oportunidade de trabalhar a questão dos sons para os Paumari. O leitor notará, ao longo de minha descrição, que o som tem um papel importante na pesca, ficando, portanto, como um aspecto que ainda merece ser estudado e melhor compreendido.



Ilustração XVI: Chavascal do Entupido.

Rondamos o Chavascal por várias vezes, penetrando sempre no mesmo lugar e por diversas vezes topamos com Calebe e Eligelson, ali parados, contidos em seu silêncio e atentos ao menor sinal de barulho na água e na vegetação. Em uma de nossas voltas, Eligelson nos fez um sinal e falou baixinho: - *até agora nada!*

Germano, com toda tranquilidade, me olhou e disse: - *tá difícil hoje patroa!* Eu ri silenciosamente, já que não podia emitir nenhum barulho. Mais a frente nos deparamos com Calebe, que estava parado próximo ao tronco de uma árvore. Germano lhe faz um sinal e Calebe responde. Então Germano me diz que ele estava observando um peixe-boi que estava comendo debaixo d'água. Porém, não paramos; seguimos nossa ronda pelo lago.

Visto que não encontrávamos nada, Germano decidiu ir para outro lago, o Chavascal do Gavião, que fica nas proximidades do Chavascal do Entupido, necessitando apenas atravessar um extenso lago.



Ilustração XVII: lago que dá acesso ao Chavascal do Gavião

Atravessamos o lago e entramos no chavascal. Novamente repetimos o mesmo processo: observamos a pastagem, a água e ficamos atentos aos sons, pois cada animal (pirarucu, peixe-boi, jacarés etc..) emitem um som diferente e os pescadores os reconhecem por isso e pelos movimentos que fazem na água.

Germano observava atentamente o lugar e sua paisagem, e sempre olhava no relógio. Continuamos a navegar pelo lago, mas sem nenhum sinal de peixe-boi, até que em um dado momento Germano percebeu uma movimentação na água, no entanto, eu não estava atenta, pois observava outras coisas. Ele fez uns sinais com as mãos, balançando-as sutilmente para baixo, indicando que eu deveria ficar quieta na popa da canoa. Logo percebi que ele chamava minha atenção; então tratei de me aquietar na popa da canoa. Então ficamos ali, parados no lago, próximos a uma árvore e uma pastagem. Germano observava aquele lugar, atento aos movimentos que via na água e lentamente foi colocando o arpão dentro d'água. Achei que íamos arpoar o animal, já que Germano estava pronto para arpoar, no entanto, o animal escafedeu-se, imergindo para as profundezas do lago.

No entanto, ficamos ali por alguns minutos, depois Germano tirou o arpão da água e disse: - *já foi, vamos voltar, não vamos conseguir pegar mais nada!*

Voltamos para o chavascal anterior e só encontramos Eligelson, que também não havia pescado nada. Não sabíamos onde estava Calebe, se ele ainda estava no mesmo lugar, observando o peixe-boi que comia debaixo d'água. Então decidimos ir embora, e talvez

retornássemos no período da tarde, para acompanhar o segundo momento em que o animal sai para se alimentar, entre das 15h e 18h.



Ilustração XVIII: Germano preparando o arpão.

Decididos que íamos embora, Germano e Eligelson começaram a dizer que a “culpa” era minha, pois eu havia “empanemado³⁵” o chavascal. O motivo da má sorte na pesca era associado as “ondas de azar que vivi até chegar à aldeia”. Isso foi motivo de risada durante toda a viagem, já que eu deveria tomar banho de sal grosso e espantar a panema. Para melhorar a minha situação, Eligelson ia nos rebocar até a casa de Germano, já que não levamos motor na canoa. Entretanto, logo que saímos do Chavascal, o motor de Eligelson ficou no “prego”, ou melhor, a gasolina havia acabado! Por conta disso, a ideia de que eu havia empanemado tudo começou a virar algo “sério”, pois nada (a viagem e a pescaria) estava dando certo!

Ficamos sem saber o que fazer; estávamos longe de casa e tínhamos apenas duas canoas, dois remos e um motor rabeta sem gasolina. Nossa única esperança era Calebe, mas não sabíamos se ele tinha ido embora ou se ainda estava no lago. Outra vez, para nossa sorte,

³⁵ O termo panema (empanemado) é traduzido como “má sorte” e “azar”, como aquilo que impede o indivíduo de realizar alguma atividade, pois ela não será bem sucedida. No contexto Amazônico, este termo pode ser compreendido, conforme as formulações de Galvão (1976) e Da Matta (1973), como a incapacidade de realizar atividades cotidianas, sobretudo, a caça e a pesca.

Calebe vem vindo do outro lado da margem do lago, e assim que nos vê, vai ao nosso encontro. Depois de arrumarmos as canoas, seguimos viagem.



Ilustração XIX: rebocados no retorno para casa.

Sete Bocas, 29 de Janeiro de 2012

O dia ainda não acabou, e daqui a pouco, por volta das três da tarde, vou acompanhar uma segunda pesca. Germano não quer que eu vá, pois disse que peguei muita chuva e que devo estar cansada e por isso devo ficar para descansar. Contudo, estou insistindo, mas desta vez só vão Germano e Calebe, já que Eligelson desistiu da pescaria, preferindo ir para o castanhal.

Por volta das três da tarde, Germano preparava a canoa para uma segunda pescaria. Sara, sua esposa, me pergunta se não vou tremer de medo na hora da arpoada, no que respondi que ia ficar tranquila, já que havia tomado banho com sal (risos).

Por mais uma vez, a chuva chega para nos receber no caminho da viagem. Desta vez ela está bem mais forte do que aquela que pegamos pela manhã. No decorrer do caminho começo a apavorar-me, pois a canoa de Germano era muito pequena e os banzeiros³⁶ eram muito altos

³⁶ Banzeiro é o agitar das águas, formando pequenas ou grandes ondas, que podem ser provocadas por uma embarcação em deslocamento.

e fortes, muita água começou a entrar na canoa e foi aí que me desesperei, pois estávamos longe e no meio do rio. Germano pediu que eu passasse para a canoa de Calebe, que era maior e mais segura. Fiz o que ele me pediu e seguimos viagem.

Depois de alguns minutos, chegamos ao Chavascal do Entupido; entramos e seguimos para o mesmo lugar, onde estávamos de manhã. Mas, dessa vez eu acompanhei Calebe e não mais Germano, que seguiu sozinho para outra direção.

Calebe seguiu o caminho para o chavascal, enquanto isso, eu observava a forma como remava, como observava o ambiente e como se relacionava com todo aquele conjunto de paisagens. Todo o processo que acompanhei pela parte da manhã, na companhia de Germano, foi também executado por Calebe. Ele observava atentamente a “pastagem”, verificava a planta que flutuava sobre a água, com o objetivo de verificar se era o mesmo capim que o peixe-boi comia debaixo d’água.

Calebe e eu ficamos por horas rondando pelo lago. Não encontramos nada, nenhum sinal do animal por ali. Perguntei a ele em que lado Germano estava, e ele me respondeu que seu pai estava no Chavascal do Gavião, mas que nós não iríamos para lá, pois o chavascal onde estávamos era o lugar onde os peixes-boi comiam com mais frequência.

As horas se passaram e nada do animal. Encontramos apenas alguns rastros de vegetação taboquinha sobre a superfície, mas não havia movimentação na água e nem nos arredores. Perguntei a ele se, por ocasião, Germano havia arpoado algum, ao que logo me respondeu: - *Não! Quando a gente arpoa o peixe-boi dá pra ouvir de longe, faz um barulhão, você ouve de longe e dá até medo.*

Enquanto procurávamos algum sinal do animal, comecei a fazer algumas perguntas para Calebe. Ele ia respondendo calmamente, mas sem deixar de observar a água e os movimentos que nela se faziam. Tirei as dúvidas que eu tinha sobre o animal e seus comportamentos, mas de repente Calebe parou; olhou para trás com uma cara de assustado e eu perguntei: - *é o animal?* Ele respondeu: - *Não! Papai arpoou um peixe-boi!*

Logo Calebe perguntou se eu não estava ouvindo, e eu não sabia do que se tratava, eu não conseguia ouvir nada. Eu lhe disse que não ouvia nada, não conseguia escutar o que ele estava ouvindo. Ele ficou ali; quieto e atento ao som que somente ele escutava, foi então que ele virou e disse:

- *Papai gritou três vezes, ele tá naquela direção!*

Eu não ouvia nada, e, então, comecei a ficar nervosa. Calebe remava com muita rapidez e sempre repetia a mesma frase: - *tá ouvindo? Ele gritou de novo!*

Calebe escutava tudo, e a cada novo grito remava com mais intensidade. Até que em um dado momento ele parou e disse: - *não o escuto mais!* Foi então que ele entoou o mesmo som que Germano fez ao entrarmos no lago pela parte da manhã. Calebe fez aquele barulho estranho por mais duas vezes e foi então que ouvi outro som semelhante, era Germano! Calebe então me explicou que este som estranho servia de comunicação entre ele e seu pai, o que lhes permitia saber a localização de cada um.

Ele seguia remando rápido, até que sua voz começou a falhar; já que havia entoado por diversas vezes aquele som de macaco guariba. Nós estávamos no lago que dava acesso ao Chavascal do Gavião, faltando pouco para alcançar Germano e conferir o que estava acontecendo. Calebe achava que seu pai já havia matado o animal e que ele estava precisando apenas de ajuda para colocá-lo na canoa. Depois de alguns minutos, chegamos ao local em que Germano estava e para nossa surpresa o animal ainda estava vivo, com o arpão cravado em sua costa e completamente debaixo d'água.

Ali estava Germano, em pé sobre a canoa: ele puxava a corda de nylon que estava engatada nos paus submersos. Enquanto ele tirava a corda, que media em torno de quatro metros, Calebe perguntava onde estava o animal, ao que Germano apontava para um lugar mais a frente de nós: Calebe remou na direção que seu pai assinalou, indagando: - *ainda tá pai?*

Ficamos ali, observando. Eu perguntava, ansiosa, onde estava o animal, ao que Calebe respondeu: - *ali!* Apontando na direção dos arbustos.

Germano fala alguma coisa e Calebe responde: - *ele tá aqui, nesse mato se balançando!* Ainda de pé sobre a canoa, Germano se aproxima de nós; puxa a corda e faz força para trazer o animal a superfície.

Ele puxa a corda com bastante força; as águas se movimentam sem parar. O animal está resistindo ao máximo. A força é tanta que o peixe-boi pode arrebentar a corda e fugir do pescador. Calebe conversa comigo, e fica observando seu pai puxar a corda, até que ele se levanta e vai ajudá-lo. A resistência do peixe-boi torna sua emersão um tanto difícil, exigindo assim, mais força do pescador. Para cansá-lo de uma vez, Calebe vai arpoá-lo novamente; e então Germano se senta na canoa, enquanto seu filho coloca o arpão dentro d'água e procura o animal para cravar-lhe mais uma vez.

Calebe não consegue encontrá-lo, então Germano puxa novamente a corda, o que lhe exige mais força. Então ele diz algo para seu filho, que logo lança uma segunda arpoada no peixe-boi. Calebe acertou o animal!

Ao arpoá-lo, eles começam a rir. De repente, o animal surge na superfície d'água, deixando a mostra seu focinho: logo começa o segundo tempo da batalha. O peixe-boi aparece por inúmeras vezes à superfície para buscar fôlego e retornar para debaixo d'água, tentando se livrar do arpão. O animal resiste; e a canoa se enche d'água, pois o rebojo que seu rabo faz, gerava um pequeno banzeiro na água.

Germano queria trazê-lo a superfície, agarrando-o pelo rabo. Mesmo diante de todo esse esforço, o peixe-boi resistiu. Por mais uma vez Germano se levantou, puxou a corda e mudou a estratégia e algo novo seria feito.

Ao lado da canoa, o peixe-boi submergia e emergia, sempre buscando fôlego, e vê-lo naquelas condições foi um tanto aterrorizador para mim. Enquanto isso, Calebe disse que o animal era teimoso, não se rendendo as duas arpoadas. Neste momento, Germano já havia puxado toda a corda, e Calebe segurava-a bem próximo ao arpão cravado no animal, e foi aí que seu pai começou a remar para próximo de uma árvore perto de nós. Ele pega o terçado e começa a tirar um pequeno galho da árvore. Ele sentou sobre a canoa e começou a dar forma para aquele galho, então pensei: ele estava fazendo um “torno”!³⁷

Eu mal poderia ver a cena, estava nervosa e com muito frio. Calebe segurava a corda, e o peixe-boi continuava tentando fugir, submergindo até alcançar alguma profundidade, pois é assim que ele escapa do pescador.

Calebe puxa a corda e o peixe-boi emerge novamente, e mais uma vez Germano se aproxima: ele pega a corda e traz o animal para próximo de si, segurando-o pelo focinho, acrescenta um dos tornos na narina do bicho, que é empurrado por três batidas de terçado. A presa aparenta estar fraca e abatida, pois não reage com a mesma resistência de antes, seu cansaço é visível.

O animal se aproxima, e com o focinho fora d'água, Germano lhe põe um segundo torno, batendo-lhe muitas vezes, pois o animal dificultava a entrada da pequena rolha. A vítima ficava cada minuto mais quieta, sem nenhuma resistência, realizando apenas pequenos

³⁷ Em meu campo anterior (Janeiro de 2012), aprendi com Germano que quando o peixe-boi não morre de cansaço pela arpoada, o pescador deve fazer dois tornos para as narinas do animal, o que acelera sua morte por asfixia.

movimentos. Para acelerar a asfixia, Germano segura o focinho do animal, pressionando os tornos contra as narinas do animal.

Germano começa a remar com uma de suas mãos, enquanto a outra segura os tornos do peixe-boi. A cada minuto que passa o animal vai ficando fraco, diminuindo seus movimentos. Depois de alguns minutos, o animal silencia e Germano solta-o, ele submerge. De repente, ele emerge; Germano o pega novamente pelo focinho, pressionando sua mão contra suas narinas. Com as próprias mãos ele bate nos tornos, e o faz por três vezes consecutivas. O animal começa a rebater-se sobre a água, lançando sobre a canoa um pequeno volume dela. Dessa vez, Calebe passa a segurar o focinho do peixe-boi, que novamente começa a debater-se sobre a água e a canoa. Germano puxa a corda, enrolado-a em sua mão. O animal continua se contorcendo e batendo-se dentro da canoa, até que ele morre.

Depois disso, Germano e Calebe saem remando em busca de um lugar seguro para encostar e alagar a canoa³⁸. Calebe aponta para uma árvore, cujos troncos ainda estão para fora d'água. Seu pai encosta a canoa sobre o tronco, enquanto seu filho segura a corda que prende o animal. Ele começa enchendo a canoa, e só aí, ele puxa o peixe-boi para dentro dela. Depois de posto o animal, Germano retirara água da canoa com uma garrafa de plástico.

³⁸ Alagar a canoa consiste em afundá-la parcialmente, cujo intuito é permitir que o animal seja colocado com facilidade e precisão no chão da canoa.



Ilustração XX: Processo de alagação da canoa.

Assim que o peixe-boi foi posto na canoa, arrumamos nossas coisas e seguimos viagem de volta para casa. O cansaço tomava conta de todos, mas Germano estava feliz; seguíamos rindo e observando a noite e as estrelas que povoam aquele lindo céu azul e fulgente.

3. ENTRANDO NO UNIVERSO DA PRÁTICA E DA OBSERVAÇÃO

Depois de ter acompanhado a pesca de peixe-boi, ficava a me perguntar sobre como iria entrar no campo conceitual da pesca Paumari, e de como as relações eram estabelecidas entre o pescador, a canoa, a água e o peixe-boi? No entanto, as inquietações não paravam de surgir; ao mesmo tempo em que escrevia sobre a pesca no caderno de campo, eu buscava, necessariamente, encontrar algum *insight*, uma porta de entrada que me possibilitasse fluir na conversa sobre a pesca de peixe-boi e que também me permitisse conhecer e entender todo o contexto que eu havia presenciado, pois o que vi não era uma simples pesca, mas como diria Ingold (2010) uma *manifestação de um conjunto de habilidades, de percepção e envolvimento com a paisagem* em questão³⁹. Era perceptível a íntima relação que os Paumari estabeleciam naquele lugar.

Enquanto eu pensava sobre essas coisas, passei a desenvolver uma atividade paralela: *auxiliar a construção do projeto de pesquisa dos professores Paumari* que participavam do curso de Formação Inicial para Magistério Indígena, do Projeto Piraywara. E por estar na casa de Germano e Sara, ambos professores da aldeia Manissuã, decidimos organizar a estrutura de seus projetos, já que haviam recolhido todos os dados necessários para a construção de suas respectivas pesquisas. No decorrer dessa construção, lembrei-me de um livro que levei para a aldeia: **A pesca na Amazônia**, de José Veríssimo, de 1970.

Mostrei o livro a Germano, que ficou muito interessado. Indiquei-lhe, sobretudo, a parte que relatava sobre a pesca de peixe-boi, pois minha intenção era suscitar alguma conversa sobre o tema, e para minha surpresa, ao começar a lê-lo, ele pôe-se a fazer inúmeras correções, retificando, muita das vezes, o que o viajante relatava sobre o animal e sua pesca na Amazônia.

Além de corrigir a própria descrição do autor, Germano e sua família, que estavam próximos à mesa onde trabalhávamos, começaram a apontar os defeitos no desenho que

³⁹ Esses termos são empregados de acordo com a conceituação que Ingold faz em seu texto “Da transmissão de representações à educação da atenção”, (2010). Cabe também registrar que o termo “ambiente”, utilizado anteriormente no capítulo II, foi aqui substituído pelo termo “paisagem”, para conferir melhor adequação ao contexto etnográfico que está sendo descrito. Esta mudança se faz necessária, uma vez que Ingold define este termo como um conceito cujas identidades e capacidades de seus habitantes humanos e não humanos, não são impostas sobre um substrato material, mas que emerge como condensações e cristalizações da atividade dentro de um campo relacional. Desta maneira, as paisagens são tecidas dentro da vida e as vidas são tecidas dentro da paisagem, num processo contínuo de fluxo e contrafluxo de materiais que nunca tem fim (INGOLD, 2011, p. 47).

mostrava uma pesca de peixe-boi. Para eles, o animal desenhado parecia-se mais com uma foca do que com um peixe-boi. Eles corrigiam o formato do corpo do bicho, a posição dos pelos sobre o focinho, a cauda que estava pontiaguda, não se parecendo em nada com a cauda oval do animal. Além disso, perguntavam se o viajante que descreveu e desenhou a pesca de peixe-boi tinha realmente acompanhado os pescadores, pois havia alguns erros na descrição do bicho e na própria descrição da pesca.

Mais adiante, eles começaram a falar dos pescadores, já que o desenhista mostrou quatro indivíduos dentro de uma mesma canoa; motivo de muitas risadas entre eles, pois este número de pessoas comprometeria a pesca de peixe-boi. Para os Paumari, a pesca deve ser realizada individualmente, tendo, às vezes, apenas a companhia de um menino na popa da canoa, cuja presença é necessária para que aprenda sobre a pesca, os lagos, a vegetação e o hábito do animal. Enfim, como concluiu Germano: *é impossível realizar uma pesca de peixe-boi com quatro pessoas na canoa!*

Diante dos erros encontrados na figura, Germano e os demais resolveram desenhar, por cima da própria imagem do livro, como deveria ser uma verdadeira pesca; corrigindo, sobretudo, a maneira correta de o pescador segurar a corda, que estava disposta de forma errada, pois de acordo com os Paumari, o pescador não a segurou em sua outra mão, o que causaria a fuga do animal quando ele o arpoasse. A corda deve estar enrolada na mão do pescador, o que lhe permitirá ter controle sobre o arpão e a força do animal.

Em seguida, Germano leu o capítulo a respeito da pesca de pirarucu, que também está no livro de Veríssimo. Da mesma maneira, eles corrigiram o formato do corpo do pirarucu e as descrições a respeito de sua pesca. No decorrer da leitura, Veríssimo reproduz uma passagem sobre a construção da canoa, que, aliás, é o tema escolhido por Germano para sua pesquisa no âmbito do Projeto Piraywara. De acordo com Germano, o autor, por mais uma vez, cometeu equívocos, afirmando, principalmente, que ele confundiu a popa da canoa com a proa, e que sua descrição se assemelhava mais a um navio do que uma canoa usada na Amazônia.

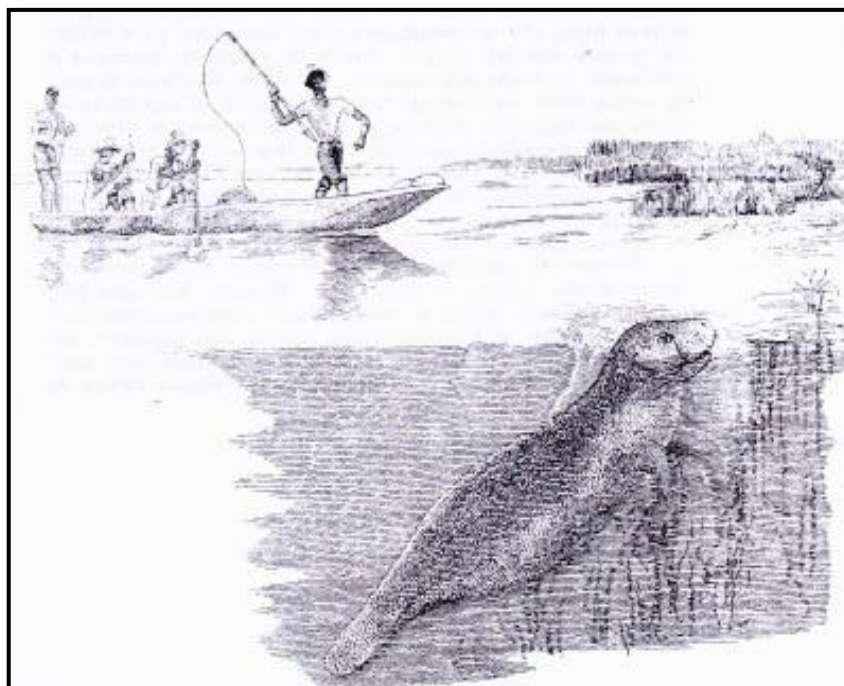


Ilustração XXI: Ilustração do livro **A pesca na Amazônia.**
Fonte: José Veríssimo, 1870, pg. 39.

Foi a partir da leitura desses textos e da experiência vivenciada que eu pude então conversar sobre a pesca do peixe-boi e assim tentar compreender as construções que se faz sobre a relação com o animal, de que maneira eles passam a conhecer o ambiente, com quem eles aprenderam e como isso é passado para as futuras gerações. No entanto, antes da conversa começar a fluir e de alguns contextos “serem revelados”, outra situação marcou profundamente minha pesquisa de campo: a tese de Carlos Emanuel Sautchuk - **O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá).**

A tese de Sautchuk (2007) proporcionou vários exemplos comparativos entre os próprios Paumari, o que ocasionou uma reflexão acerca das atividades por eles desenvolvidas e das habilidades exercidas no cotidiano. Eles comparavam-se entre si e com outros. A análise que Sautchuk faz em relação aos pescadores e laguistas do lago Sucuriju, suscitou uma reflexão a respeito do morar na aldeia e na cidade, de como esses dois conjuntos possuem um elo comum, mas que vistos e acompanhados individualmente, revelam inúmeras diferenças, percepções e modos distintos de se conceber as relações com as paisagens a sua volta.

A leitura que Germano faz desses dois trabalhos, me possibilitaram, de certa forma, acessar “alguns princípios epistemológicos” que norteiam a pesca entre os Paumari. Sem esta inserção, acredito que eu ainda estaria mergulhada nas inúmeras inquietações e dilemas que surgiram no decorrer do trabalho de campo.

Conhecer os mecanismos e procedimentos de uma pesca não é tão simples, tal como eu imaginava, pois pescar peixe-boi requer destreza, silêncio absoluto, paciência e muita agilidade na hora de arpoar o animal. Não se pode conversar na hora da pesca, visto que o pescador deve estar atento ao conjunto de paisagem a que estamos sujeitos, atentando sempre para a vegetação aquática e os movimentos na água. Em razão disso, a pesca acaba sendo complexa, onde é difícil captar as ações, os termos que fazem parte desse conjunto e todo um contexto que pode revelar a sagacidade do pescador nessa atividade.

É, portanto, a partir da discussão suscitada pelos trabalhos etnográficos de Veríssimo (1970) e Sautchuk (2007) que pude compreender alguns conceitos utilizados pelos Paumari na prática da pesca de peixe-boi como também das habilidades que são tecidas a partir dos ensinamentos que são passados as gerações futuras.

4. “NÃO SEI TE EXPLICAR, MAS SEI NA PRÁTICA”!

Esta frase - *não sei te explicar, mas sei na prática* - condensou toda uma concepção Paumari sobre o sentido da pesca, da construção de canoa, da produção de artesanato, fabricação de rapé, pesca de pirarucu e peixes menores, no cotidiano do grupo. Sempre que desenvolvíamos alguma conversa e/ou atividade, esta frase era mencionada, contudo, não entendia seu propósito e seu alcance para os Paumari. E para entender o contexto da pesca, eu precisava compreendê-la em seu sentido pleno, observando atentamente o que eles queriam dizer quando repetiam; *não sei como te explicar, mas sei te mostrar na prática!*

Neste sentido, pode-se dizer que a prática pressupõe a observação e o treino; e quando os Paumari me diziam que não sabiam explicar algo, eles sempre me chamavam para perto daquilo que eles queriam me mostrar e ensinar, sempre me fazendo observar e treinar aquilo que eu havia observado. Era constante a prática da observação em que eu era submetida, para depois praticar, provavelmente, em algum momento da minha estadia na aldeia. Exemplo disso foi o acompanhamento que fiz sobre os diversos tipos de canoas que os Paumari fabricam, bem como sobre as diversas técnicas que eles usam.

Seu Luiz, liderança da aldeia Manissuã, sentou-se junto a Germano e começou a descrever os tipos de canoa Paumari, desde os primeiros modelos (ubá) até as mais atuais (canoa e ubada). No decorrer da aprendizagem, chamavam-me para observar o que era uma

forquilha, o que eles chamavam de *casco*, de *ponteiro*, e quais eram os processos de fabricação dessas canoas.

Depois que seu Luiz falou sobre as canoas, perguntei ao Germano com quem que ele havia aprendido a pescar peixe-boi, o que me respondeu que aprendeu observando o pai na popa da canoa. A partir daí, passou a relatar que seu pai, Agostinho Cassiano, é um grande pescador de peixe-boi e que até hoje, com os seus 78 anos, ainda tem força para pescar o animal. Foi ele quem ensinou os filhos, levando-os para o Chavascal e colocando-os para observar a pesca. Contou também que seu irmão mais velho, André, que conheci depois de uns dias, era conhecido por todos como um excelente pescador de peixe-boi e quelônios e um ótimo caçador.

A habilidade que eles adquiriram é explicada, tendo como alicerce a observação, por meio do extensivo cumprimento das atividades cotidianas. Os filhos acompanham o pai e observam o que ele faz. Recebem instruções de como executar uma atividade, de como proceder diante de certos ofícios cotidianos, pois quando precisarem fazê-lo sozinho, os filhos saberão como proceder, uma vez que se colocará em prática toda uma observação treinada e adquirida ao longo do tempo, cujo fim resulta num estrito conhecimento acerca da pesca e da produção de habilidades. Além disso, Germano descreve que seus irmãos, quando estão reunidos, promovem “competições” entre si, para saber quem é o mais habilidoso na pesca de peixe-boi, pirarucu e quelônios.

Lembro-me, pois, do relato de um dos pescadores com quem conversei em meu primeiro período de campo (Janeiro de 2012), em que descrevia que na primeira vez que foi pescar peixe-boi, ficou com medo e temia errar o alvo no lançamento do arpão. Contou ainda que seu medo pudesse prejudicar a pesca, já que o animal tem uma sensibilidade aguçada.

Podemos então notar, nas palavras desse jovem, o desdobramento de uma atividade não tão bem realizada, cujas falhas podem acarretar em uma pescaria mal sucedida. Este mesmo jovem demonstra ter conhecimento da atenção, do cuidado e precisão que requer uma pesca de peixe-boi. Logo, cabe aos pescadores, por meio da prática, aperfeiçoar suas técnicas e seu mecanismo de comunicação com o ambiente que lhes cercam e/ou envolvem.

Entre os Paumari, notamos inúmeras habilidades; alguns são considerados ilustres pescadores, outros caçadores, aqueles que usam com destreza o arco e flecha; as mulheres que tecem com beleza e refinada estética os balaios; aquelas que fabricam os melhores fogões de barro, panelas e bichos de barro. Todo esse conjunto nos chama a atenção para o modo como

eles desenvolveram tais habilidades, que muitas vezes estão associadas à observação que se faz de outrem.

Lembro-me de mais uma frase: - “*alguns Paumari não sabem fazer canoa, fazem tudo troncho, a madeira racha, fica toda feia*”! Esta passagem, portanto, assinala que a habilidade tem um lugar de destaque e importância para os Paumari, pois eles chegam a distinguir, entre si, quais pessoas não demonstram habilidades em atividades que são consideradas fundamentais pra eles, tais como: fabricação de canoa, balaio e, principalmente, a prática da pesca. Logo, a “não habilidade” se transforma, muitas vezes, como “zombaria” em relação ao outro que não realiza certas atividades com perfeição.

Tudo isso nos remete diretamente para aquilo que estamos chamando a atenção: a prática e o conhecimento como fruto da observação. Neste sentido, Tim Ingold (2010), assinala que a cultura pode ser vista como um mecanismo de habilidades que são geradas a partir de uma *educação pela atenção*, onde o conhecimento está sujeito, sobretudo, à participação dos indivíduos na tessitura dos fenômenos que compõem o seu mundo. Deste modo, Ingold, que preocupado com o processo de transmissão de conhecimentos de uma geração a outra, reformula algumas questões sobre a transmissão de conhecimento e propõe que é por meio de um processo de habilitação e não de enculturação que cada geração se desenvolve dentro e além da sabedoria de seus predecessores. É importante assinalar que o conceito de habilidade (*skill*) é proposto como ferramenta analítica de processos cotidianos, tais como: a maneira de comer, caminhar, andar, bem como a maneira de falar e de se comportar em determinadas situações.

Além disso, o conceito de *habilidade* não deve ser entendido como uma noção que diz respeito somente ao uso e aplicação de instrumentos, sejam eles quaisquer que forem, ou de habilidades que competem às formas de uso do corpo, mas deve, sobretudo, ser compreendida como *um mecanismo de retorno às condições existente no entorno do indivíduo*, ou seja, é o modo pela qual os indivíduos conseguem se relacionar com o meio que os envolve, considerando, sobretudo, as diferentes formas de socialização e convivência com outrem. Assim sendo, o autor afirma que o conhecimento consiste, especialmente, em:

(...) habilidades, que são adquiridas na prática e não em informações que são passadas de geração a geração. Assim, a contribuição de uma geração às suas sucessoras se dá fundamentalmente por meio da educação da atenção. (INGOLD, 2010, p. 18, 19).

Deste modo, o autor menciona que a cognoscibilidade humana está baseada não em alguma combinação de capacidades inatas e competências adquiridas, mas em *habilidade* [*skill*]. Dessa forma, pode-se dizer que através de uma observação situada e localizada é que os Paumari aprendem e compreendem na prática as habilidades que lhes são conferidas no decorrer da realização de certas atividades. Assim, o saber é um saber incorporado, que é adquirido por meio do acompanhamento de “indivíduos mais experientes”, onde os processos de aprendizagem se dão na prática, logo, pode-se dizer, principalmente, que para os Paumari todo o conhecimento adquirido é fruto de um processo intrínseco da relação que se estabelece com a paisagem. Estar atento ao ambiente, às coisas que competem ao campo dos sentidos, é estar conectado com tudo que os cerca, desenvolvendo e aperfeiçoando a audição, a visão e o tato.

Por conseguinte, significa dizer que conhecer os movimentos, os detalhes, os sons dos bichos, das rabetas, o boiar de cada animal na água etc. significa, sobretudo, reconhecer a capacidade de se desenvolver uma habilidade que os permite “comunicar-se” na floresta e nos rios. Assim, a relação estabelecida com esses ambientes, evidencia, de modo geral, um íntimo conhecimento que é adquirido, como bem diria Ingold (2010, p.19) por meio de uma *educação pela atenção*, cujo saber não é tratado como uma ação que é executada “*dentro de um sacrário mental interior, protegido das múltiplas esferas da vida prática, mas em um mundo real de pessoas, objetos e relacionamentos*”. Deste modo, pode-se dizer que não é a partir da observação das reproduções mentais ou da crítica de planos conceituais e epistemológicos que apreendemos os processos de (re) produção do conhecimento, mas que é a partir da habilidade em desenvolver uma sensibilidade sobre os mecanismos perceptivos, é que temos a possibilidade de captar seus processos de produção e elaboração, bem como de seu aperfeiçoamento.

Para Andy Clark (1997, p.53 *apud* INGOLD): “*a mente é um ‘órgão incontinente’ que não admite ficar confinado dentro do crânio, mas que se mistura despidoradamente com o corpo e o mundo no conduto de suas operações*”. Logo, para Ingold, o “*ambiente, então, não é meramente uma fonte de problemas e de desafios adaptativos a serem resolvidos; ele se torna parte dos meios de lidar com isso*” (*op.cit, loc.cit.*).

Nessa perspectiva, a transmissão de conhecimento, as formas de sociabilidade com o ambiente, a participação dos membros da aldeia na atividade da pesca, como também nas demais atividades, traduz-se como mecanismos que operam na dinâmica social das

populações ameríndias, onde o engajamento na prática requer um olhar atento e treinado nas atividades a serem ensinadas pelos membros da comunidade aldeã.

4.1 EDUCANDO PELA OBSERVAÇÃO

Ao partir da ideia de uma *educação* que acontece pela via da *atenção*, pode-se dizer, por conseguinte, que para os Paumari, a educação, referindo-se, pois, sobre a pesca de peixe-boi, acontece primeiramente quando o menino acompanha o pai nas pescarias cotidianas, e isso vale para toda e qualquer atividade – a caça, a pesca de pirarucu, fabricação de canoa etc. Deste modo, o menino, sentado na popa da canoa, passa a acompanhar seu pai, observando, principalmente, as indicações que este lhe faz.

Neste sentido, poderíamos dizer que o contínuo exercício da observação aponta para a produção de percepções acerca dos elementos que compõem o universo da pesca Paumari (peixe-boi, pirarucu, quelônios etc.). Assim, as informações que o pescador passa para seu filho, que desde cedo o acompanha nas pescarias e caçadas, recebe não apenas informações, mas o caminho pela qual passa a praticar e descobrir suas próprias habilidades e competências. Além do pai, o jovem pescador pode acompanhar outros membros de sua família; o que aconteceu com Calebe, que acompanhava seu pai nas pescarias, mas também seus tios André, Silas e Gilmar, irmãos de seu pai, que por sua vez, foram ensinados por Agostinho Cassiano, seu avó.

Assim, é a partir da experiência vivida pelo seu pai que o jovem pescador há de encontrar seu caminho no mundo das percepções e habilidades. E seguindo esta linha, Ingold assinala para uma construção bem interessante, apontando que existe uma diferença entre informação e produção de conhecimento, resguardando sempre que apesar de ambos serem distintos, são acima de tudo complementares; uma vez que a informação é o caminho para a produção de conhecimento, e o elo que os conecta está no caminho percorrido pelo aprendiz.

Assim, a informação no livro de receitas, em si mesma, não é conhecimento. Seria mais correto dizer que ela abre caminho para o conhecimento, por estar dentro de uma tarefa até certo ponto já familiar em virtude da experiência anterior. Apenas quando é colocada no contexto das habilidades adquiridas através desta experiência anterior, a informação especifica uma rota compreensível, que pode ser seguida na prática, e apenas uma rota assim especificada pode levar ao conhecimento. É neste sentido que todo conhecimento está baseado em habilidade.

E acrescenta:

Não se trata de conhecimento que me foi comunicado; trata-se de conhecimento que eu mesmo construí seguindo os mesmos caminhos dos meus predecessores e orientado por eles. Em suma, o aumento do conhecimento na história de vida de uma pessoa não é um resultado de transmissão de informação, mas sim de redescoberta orientada (INGOLD, 2010, p. 19).

Ao analisar a pesca por *laguistas* de pirarucu e de *pescadores* que atuam na região costeira, pescando guriuba, Sautchuk (2007) chega a propor que ela é o modo pela qual se constrói o corpo, revelando, sobretudo, as habilidades e modos de socialidade diferentes. Assim, para além de um potencial produtivo ou meramente econômico, a pesca configura-se como um engajamento em atividades que imprimem particularidades nos indivíduos que atuam nela. Deste modo, como bem assinala Ingold, *trata-se antes de perceber ativamente o movimento de outros e alinhar essa atenção com a orientação prática própria a cada um em relação com o ambiente* (op. cit., 2000, p. 37).

É importante distinguir que o jovem será instruído em ações que são fundamentais para a realização da pesca de peixe-boi, aprendendo, sobretudo, acerca da vegetação que o animal se alimenta, seus hábitos diurnos e noturnos; o horário em que ele sai para comer e descansar; qual movimento que ele faz na água e como reconhecê-lo dentro da paisagem do lago, bem como discernir sua presença na vegetação aquática. Oferecida essas informações, o pescador, ao inspecionar a vegetação do chavascal, terá sensibilidade para perceber as folhas corroídas, o focinho branco do animal que surge sobre a superfície da água, as bolhas que içam sobre a água, denunciando que o animal está comendo debaixo d'água, etc.

Outra percepção é aquela de reconhecer quando o animal está bravo ou manso, que acontece através do som da respiração do peixe-boi. De acordo com os pescadores Paumari, quando o peixe-boi ele está manso, pode-se ouvir sua respiração de longe; ela faz um *barulhão*, assemelhando-se ao som da respiração dos botos, dizem, no entanto, que quando ele está bravo, seu comportamento é o oposto do primeiro, sendo impossível ouvir sua respiração, que fica lenta e, imperceptível aos ouvidos do pescador, que se não estiver atento ao comportamento do animal pode perdê-lo de vista e espantá-lo para outro lugar.

Aqui, como em outros casos, nos deparamos com a exteriorização da informação (por parte do pescador) e o treinamento da observação, que proporcionará ao jovem pescador, um caminho que lhe possibilitará praticar a informação adquirida, transformando-a em

conhecimento a partir da habilidade adquirida. Entretanto, não basta observar somente uma vez, é necessário que ela seja contínua, pois só assim o jovem pescador há de internalizar os ensinamentos (informações) necessários para a pesca, tais como: conhecer o lago, a vegetação, os animais; as técnicas que devem ser utilizadas etc.

Esses ensinamentos, por sua vez, não devem ser tratados como simples instruções, mas de acordo com os Paumari, são fundamentais para a realização de uma “boa pesca”. Neste sentido, é necessário que o pescador tenha desenvoltura sobre a canoa, uma vez que existe uma excepcional comunicação entre o pescador, a canoa e a água, pois todo e qualquer movimento impreciso pode levar a pescaria ao fracasso. É preciso, portanto, destreza, atenção e conhecimento sobre o lago e os hábitos do animal, para que a pesca seja bem sucedida e o pescador tenha “sorte” em sua concretização.

Cada ensinamento é muito preciso, requerendo de ambos, intensa contensão e comunicação com o ambiente do lago. É preciso, pois estar atento aos perigos que podem surgir no decorrer da pescaria, tais como: cobras na árvore, jacaré e raias na água. Além do mais, a comunicação fica limitada aos poucos sinais que se faz, uma vez que a fala pode também prejudicar a pesca.

Neste sentido, Gatewood, (*apud* INGOLD, 2010, p. 21), assinala que:

(...) O iniciante olha, sente ou ouve os movimentos do especialista e procura, através de tentativas repetidas, igualar seus próprios movimentos corporais àqueles de sua atenção, a fim de alcançar o tipo de ajuste rítmico de percepção e ação que está na essência do desempenho fluente.

Outro item se sobressai na formação do pescador de peixe-boi; constituindo-se como um mecanismo importante para os Paumari, mas que foi deixado de lado, sendo repassado apenas pelos mais antigos e atribuídos a poucas famílias. O contexto de que falamos, refere-se a um princípio que tem sua raiz ancorada nos ensinamentos dos antigos Paumari; que proibiam os futuros pescadores de *flecharem o rabo do calango*. Caso os pescadores não obedecem a este ensinamento, eles teriam danos futuros e péssimas pescarias.

Neste sentido, a proibição é um elemento constitutivo na formação do pescador enquanto um forte arpoador de peixe-boi, pois sua força vai depender da regra a qual é submetido. Deste modo, para os Paumari, se o pescador, que ainda pequeno, brincasse de flechar o rabo do calango e o acertasse, sucederia sobre ele um desfeito que nenhum pescador anseia: ter sua haste quebrada. Isto significa dizer que ao arpoar o peixe-boi, sua haste ficaria

mole e quebraria com muita facilidade, já que a invalidação da regra faz com que a força do calango seja transmitida para o peixe-boi.

Assim, notamos que o processo de aprendizagem de um pescador não diz respeito apenas ao engajamento nas atividades cotidianas, mas trata-se, também, de uma construção da pessoa, do indivíduo que pesca. Pensando desta maneira, podemos propor que a pesca de peixe-boi para os Paumari, bem como de seu aprendizado neste ofício, configura-se como uma formação do estilo do pescador, incluindo suas atitudes em relação a si mesmo e suas interpretações da experiência. Portanto, nota-se que a habilidade do pescador Paumari se dá pelos modos de engajamento na realização das atividades, que são apreendidas a partir do conhecimento da observação e percepção da paisagem com que interagem.

Este contexto nos remete à perspectiva apontada por Sautchuk (2007, p.264), para quem:

(...) a compreensão das aprendizagens das técnicas não deve ser entendida de modo utilitário – simples meios para alcançar um fim -, mas como uma realidade que tem um sentido em si mesmo, que encerra características próprias a um dado sistema cultural. Isto é, a forma do aprendizado – o modo e o contexto de interação entre o neófito e os humanos, os objetos e o ambiente em geral – não é apenas uma maneira de dotá-lo de algum conhecimento ou capacidade, mas está ligado ao papel do desenvolvimento e das capacidades técnicas para uma sociedade particular.

A interação existente neste contexto nos remete para o debate sobre os tipos de técnicas do corpo que Marcel Mauss (1934, p. 221) faz em seu artigo sobre as “**Técnicas Corporais**”, uma vez que o autor propõe quatro tipos de técnicas do corpo, que dentre elas, destacamos a *transmissão das formas de técnicas*, que se traduz, especialmente, como a técnica é apreendida por meio da observação de coisas inobservadas, visto que a observação compõe a educação física dos indivíduos. Deste modo, o autor assinala que não basta apenas saber e/ou perguntar sobre o porquê daquele gesto e não aquele outro, porém, se faz necessário conhecer e perceber as *tradições que impuseram* aqueles atos aos indivíduos.

Deste modo, Mauss assinala que:

Antes das técnicas com instrumentos, há o conjunto de técnicas corporais. Não exagero a importância desse gênero de trabalho, trabalho de taxonomia psico-sociológica. Mas ele é alguma coisa: a ordem posta em certas ideias, onde não havia ordem alguma. Mesmo no interior desse agrupamento de fatos, o princípio permitia uma classificação precisa. Esta adaptação

constante a um fim físico, mecânico e químico (por exemplo, quando bebemos) é perseguida em uma série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele mesmo, mas toda a sua educação, por toda a sociedade da qual ele faz parte, no lugar que ele nela ocupa.

(...) Convém estudar todos os modos de treinamento, de imitação e, em particular, essas maneiras fundamentais que podemos chamar de modo de vida, o *modus*, o *tônus*, a “matéria”, as “maneiras”, o “jeito” (MAUSS, 1934, p. 218, 221).

Isto nos leva a crer que a técnica corporal, expressa no contexto da pesca de peixe-boi entre os Paumari, surge como um procedimento inspirador e de grande relevância para a formação do pescador de peixe-boi, uma vez que os próprios Paumari assinalam para a anatomia corpórea ao longo da pesca. Deste modo, o pescador Paumari está sujeito a um conjunto de elementos que interagem entre si, prescrevendo-lhes todo um sistema de ações e percepções do animal que estão pescando, do momento em que devem lançar mão do arpão, bem como de sua posição na canoa para que a mesma possa lhe permitir uma comunicação entre o fundo e a superfície da água.

5. O PESCADOR, A SUPERFÍCIE E O *BOAIR*⁴⁰

No conjunto de técnicas e habilidades desenvolvidas pelo pescador, nota-se uma particularidade essencial: a relação estabelecida entre ele, à canoa e a água. Entre eles, pode-se notar a existência de uma interação que os conecta aos diferentes contextos do lago; que revela uma comunicação existente entre o pescador, o *boiar* do animal e o movimento que a água denuncia ao pescador.

Neste contexto, o pescador não faz nenhum tipo de movimentação brusca, estando atento ao seu corpo e a forma como se senta na proa da canoa, uma vez que qualquer movimento ríspido pode denunciá-lo ao animal. Além do mais, esta interação se configura, se assim podemos dizer, como um mecanismo de informação mútua do pescador para o animal. Este, por sua vez, também precisa estar atento aos movimentos do seu perseguidor e qualquer que seja o movimento que se faz na água, também ele se denuncia ao pescador. Assim, o

⁴⁰ O termo *boiar* é aqui empregado conforme as explicações de Germano Paumari, que o traduz como o estado do animal na superfície da água – boiando –, como também diz respeito ao momento em que ele foge, escapam do pescador. Quando o animal foge do pescador, é comum dizer: o bicho boiou para o fundo. Ainda de acordo com Germano, muitos usam o termo *buiar*, contudo, ele diz que o termo correto é boiar.

fundo e a superfície d'água são os dois extratos que possibilitam o deslocamento e captura do pescador em relação ao animal e vice-versa. Caso o pescador venha a perceber o animal, este o persegue até que o capture, contudo, se o animal percebe a presença de seu perseguidor, este fica bravo e foge diante da ameaça constatada.

É nesse jogo de interações que se percebe um dado importante: o boiar e a siriringa dos animais aquáticos como o limiar que determina a comunicação entre o fundo e a superfície da água. De acordo com os Paumari, a siriringa⁴¹ (*Siririki*, na língua Paumari) é um leve caminho que o animal faz na água, perceptível ao pescador que está a sua espreita. Neste sentido, podemos assinalar que a água está na fronteira da comunicação entre o animal e o pescador, pois tudo depende da comunicação entre ambos os sujeitos e de como eles operam no ato da pesca.

Equivale dizer, portanto, que os Paumari, ao realizarem a pesca de peixe-boi, traçam uma interação que os conecta em um ciclo de movimentos e ações que envolvem não apenas o pescador, mas também os seres aquáticos, as árvores, o tempo, o fundo e a superfície da água, isto é: há uma relação dialógica entre o pescador, a superfície d'água, o animal e o fundo, cujo ritmo é para os Paumari, como mecanismos que determinam a pescaria. Assim, tudo depende do esforço do pescador, do equilíbrio de seu corpo e da destreza em seu silêncio, uma vez que estas ações determinam uma pesca bem sucedida, e demonstram a habilidade e destreza do pescador. Deste modo, pode-se dizer que para os Paumari, há uma relevância significativa quanto à capacidade de se mobilizar com habilidade e perfeição no ato de uma pesca, seja ela de peixe-boi, pirarucu ou tracajá.

Germano me descreveu as “disputas” que ele, seu pai e seus irmãos, realizavam em algumas ocasiões em que a família estava reunida. Essas competições serviam para determinar quem detinha o título de “melhor pescador” de peixe-boi e/ou quelônios, que acontece, geralmente, no início da cheia e final da vazante. Todos saíam para pescar, prontamente a competição começava e cada um, demarcando seu espaço no lago, busca mostrar suas habilidades e técnicas. O que estava em jogo para aquele grupo não é o fato de pegar mais peixes-boi ou quelônios, mas antes, a habilidade adquirida no ofício da pesca, da capacidade de cada um em capturar peixe-boi com rapidez e sagacidade.

⁴¹ A siriringa pode ser traduzida como um leve banzeiro que o animal faz na superfície da água. Ainda de acordo com os Paumari, a siriringa diz respeito somente ao peixe-boi e ao pirarucu, sendo que para o tracajá o caminho ou rastro deixado é diferente, sendo denominado de *Saraharo Jonakaki*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, como também no processo da escrita deste trabalho, algumas questões foram formuladas e outras foram deixadas de lado, mas não plenamente, pois pretendo rever tais questões em um futuro trabalho sobre os Paumari. Outros, por sua vez, foram apenas mencionados, já que minha permanência no campo não me possibilitou investigar a fundo tais questões. Entre os diversos assuntos observados durante o trabalho de campo, posso dizer que os sons representam uma potencialidade de comunicação entre pessoas, animais e coisas. O ouvir, assim como o estar atento, são aspectos que saltam no cotidiano Paumari, e que merecem, futuramente, um estudo aprofundamento sobre as formas de comunicação existente entre as atividades exercidas pelos homens e pelas mulheres, bem como da relação que esses sons assumem no contexto de uma caça ou pescaria.

Outro aspecto, também de grande relevância, é a presença das mulheres no contexto da pesca, de como elas são percebidas pelo universo masculino e qual sua função no contexto das habilidades, das percepções adquiridas e da relação com os peixes pescados por seus maridos. Por fim, às diferentes técnicas e habilidades apreendidas em outras modalidades de pescaria – pirarucu e quelônios – me chamaram a atenção, pois surgiram como temas relevantes para o (re) conhecimento dos Paumari para si e sobre si. Deste modo, esses temas, perpassaram o contexto desta pesquisa, sendo percebidos, mas não compreendidos a fundo.

No entanto, apesar das lacunas que ficam em aberto, posso dizer que a pesca de peixe-boi, revelou, entre outras coisas, que a relação dos Paumari com o universo aquático se dá a partir da construção de relações e dinâmicas que perpassam toda uma concepção do ambiente com o qual estes índios interagem, cujas percepções - cosmológicas, sociais, econômicas e políticas - estão de acordo com as experiências vivenciadas pelo grupo. Deste modo, o peixe-boi é, no contexto da pesca, um dos elementos com quem os Paumari estão interagindo.

Em outras palavras, cabe dizer que a dinâmica entre o pescador e a paisagem do lago, não representa apenas uma forma distinta de pensar a natureza (o ambiente), mais revela, sobretudo, meios que expressam regimes de interações diversas. Além disso, o próprio processo de habilidade e apropriação do conhecimento pelo viés da observação é um dos elementos que compõem a prática da pesca entre os Paumari.

A construção de um pescador Paumari é fruto de um conjunto de elementos que molda seu conhecimento, suas habilidades e agencialidades com o contexto da pesca,

proporcionando assim, interações particulares, que são únicas e exclusivas de cada pescador. Deste modo, podemos dizer que há um intrínseco conhecimento acerca do lugar onde vivem, dos ambientes da floresta, rios e lagos, evidenciando a sensibilidade dos sentidos cognitivos bem como o profundo saber acerca das características ecológicas dos animais com quem se relacionam.

Tais percepções revelam a íntima relação dos Paumari com a paisagem a sua volta, adotando aqui, mais uma vez, a concepção de paisagem utilizada por Tim Ingold, como um espaço de interações conjuntas que se relacionam como um todo, como um conjunto que opera de forma dinâmica com as demais esferas cotidianas Paumari. Assim, destacamos que o ambiente aquático, pensado a partir do contexto da pesca de peixe-boi, é imanente ao universo Paumari e não a sua transcendência, e que os peixes, para além das espécies, não são apenas fonte de alimento, antes, fazem parte de um *cosmos* que conduz e organiza a vida social dos índios Paumari. Portanto, a água inspira, fala e conta as histórias deste povo.

Por fim, consideramos que esta pesquisa abre um leque de possibilidades para novos estudos acerca das maneiras pelas quais os Paumari pensam e classificam seu ambiente a partir de uma lógica que interage com a natureza e com as demais esferas que permeiam seu mundo social, apontando, principalmente para a importância da dinâmica com a paisagem que os cercam – sejam elas sociais ou cosmológicas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A cidade de Manaus e o País da Seringueira. Recordação da Exposição Columbiana, Chicago, 1893. Manaus: **Associação Comercial do Amazonas**/ Fundo Editorial, 1988. (Coleção “Hiléia Amazônica”. Série documentos fotográficos. Vol. 1).

ACUNÃ, Cristóbal de. 1597-1675. **Novo descobrimento do grande rio das Amazonas**. Tradução de Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994. 180 pg.

ANDRELLO, Geraldo. 2006. **Cidade do Índio**. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI. 447 pp.

Arquivos do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) – **Inspetoria do Amazonas e Acre**. Relatórios e Microfilmes, 1910-1967.

BONILLA, Oiara. 2005. Cosmologia e organização social dos Paumari do Médio Purus (Amazonas). **Revista de Estudos e Pesquisas CCDOC/FUNAI** v.2,1 julho.

_____. 2005. O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na cosmologia paumari. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, 11(1): 41-66.

_____. 2007. **Des proies si desirables**: soumission et prédation pour les Paumari d’Amazonie brésilienne, Tese de Doutorado em Antropologia Social, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.

BONILLA, Oiara, & SCHRÖDER, P. 2011. Paumari. **Verbete da Enciclopédia dos Povos Indígenas do Brasil** - ISA. 2011. Versão eletrônica, acessado em 25/07/2012, disponível na página: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/paumari/print>.

CHANDLESS, William. 1949 [1864]. Notas sobre o rio Purus, lidas perante a Real Sociedade Geográfica de Londres, em 26 de novembro de 1868. **Separatas dos Arquivos da Associação do Comércio do Amazonas**, 9 (3), 21-29; 10 (3), 29-40.

COHL, Clarice. 2005. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

COUTINHO, João Martins da Silva. 1863. Relatório da exploração do rio Purús. In: **Relatório da Repartição dos Negócios da Agricultura Commercio e Obras Públicas** (1864), apresentado à Assembléia Geral Legislativa na 3ª sessão da 12ª Legislatura, em 15 de maio de 1865. Anexo 0:5-96.

CUNHA, Euclides Da. 1960 [1906]. **O rio Purus**. Rio de Janeiro: SPVEA. Coleção Pedro Teixeira. 95p.

DESCOLA, Philippe. 1986. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Revista Mana**, vol.4, n.1, Rio de Janeiro, 04/1998.

_____. **La Selva Culta: Symbolismo y Praxis** em la Ecologia de los Achuar. Paris: Abya Yala, 1989 (1986).

_____. Ecologia e Cosmologia. In: EDNA CASTRO e FLORENCE PINTON (orgs.). **Faces do Trópico Úmido: Conceitos e Questões sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Belém: Editora Cejup, 1997. p. 140-163.

EHRENREICH, Paul. 1948 [1888]. Contribuição para a etnologia do Brasil. **Revista do Museu Paulista** (Nova Série) 2.

_____. 1905. Sobre alguns antigos retratos dos índios sul-americanos. Traduzido por M. de Oliveira Lima. **Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco**. Vol. XII, Junho de 1905, ano de nº 65.

FAUSTO, Carlos. 2008. Donos demais: Maestria e domínio na Amazônia. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, 14 (2):329-366.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. **Os índios Paumari**. Relatório Técnico. (S/D).

GUTERRES PAZIN, Michelli Gil. 2010. 62 f. Ecologia alimentar do peixe-boi da Amazônia (*Trichechus inunguis*) (Sirenia, Trichechidae) nas reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia – INPA. Manaus, Amazonas.

GORDON, Flávio. **Os Kulina do Sudoeste Amazônico: Historia e Socialidade**. 2006. 154 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

INGOLD, Tim. 2010. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr.

_____. 2011. **Being alive: essays on movement, knowledge and description** / Tim Ingold. Londres: Routledge.

KROEMER, Gunter. **Cuxiuara, o Purus dos indígenas: ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do Médio Purus**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

_____. **Paumari: o Povo das Águas**. 2009.

LABRE, Antonio Rodrigues Pereira. 1872. **Rio Purús**. Notícia. Maranhão: Typ. Do Paiz, M.F.V. Pires.

LEONARDI, Victor. 1996. **Entre árvores e esquecimentos**. Brasília: Paralelo 15 editores.

LEVI-STRAUSS, C. **Totemismo hoje**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

LIMA, Tânia Stolze. 2005. **Um Peixe Olhou Para Mim**. O povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: UNESP/ ISA/ NUTI. 400 pp.

LOUREIRO, Antonio. 1989. **O Amazonas na época Imperial**. Edição comemorativa 45°. Aniversário de T. Loureiro Ltda. Manaus, 1989, 288 f.

NUNES, Pereira, M. 1944. O peixe-boi da Amazônia. **Boletim do Ministério da Agricultura** (3): 21:95.

MENENDEZ, Larissa Lacerda. **A alma vestida**: estudo sobre a cestaria paumari. 2010. 163 f. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PAMOARI **Athini Hida**: histórias na língua paumari. Porto Velho: SIL, 1993. 73 p. (Livro de Leitura, 3). Circulação restrita.

PISCOLI, Jacó Cezar. 1993. **Sociedades tribais e expansão da economia da borracha na área Juruá-Purus**. 530 p. Tese Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

POHL, Luciene. Procedimento Administrativo de Demarcação de T.I. Relativo ao processo FUNAI/BSB/1631/88. Terra Indígena Paumari e Apurinã. Manaus: **FUNAI**, 1998.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. 1994. **Os Jamamadi e as armadilhas do tempo histórico**. 211 f. Tese de Doutorado em Antropologia apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RIVET, Paul et TASTEVIN, Constantin, 1938. Les langues arawak du Purús et du Juruá (groupe arauá). Paris: **Journal de la Société des Américanistes**, n.9 : 30 (2) : 235-288.

SAUTCHUK, Emanuel Carlos. 2007. **O arpão e o anzol**: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriçu, Amapá). 402f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Distrito Federal.

SCHULTZ, H. e CHIARA, Wilma. Informações sobre os índios do Alto Rio Purus. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v.9, 1955.

SCHRÖEDER, Peter. Levantamentos etnoecológicos: experiência na região do médio Purus. In: Gramkow, Márcia M. (Org.). **Demarcando terras indígenas II. Experiências e desafios de um projeto de parceria**. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2002, p. 223-239.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO. 1930. Microfilme 001, fotograma de N°. 1.610, 1930, Inspeção do Amazonas.

SMITH, Nigel J. H. **A pesca no rio Amazonas**. Manaus: CNPq/INPA, 1979.

SPIX, J. B. Von & MARTIUS, C.F. Von. 1981. [1823]. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**, 3ª ed. São Paulo. Itatiaia.

STEERE, Joseph Beal. 1949. Tribos do Purus. São Paulo. Sociologia. **Revista didática e científica**. Vol. XI, ano nº1:64-78 e 212 a 222.

VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia**. Pará: Universidade Federal do Pará, 1970.

VIEIRA, Angélica Maia. 2009. Os índios Paumari e o Sistema de Aviamento no Médio Purus. **Relatório do Programa de Bolsas de Iniciação Científica**, Universidade Federal do Amazonas, 2009. 62 pg.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, 2 (2): 115-143.

_____. 2007. A natureza em Pessoa: Sobre outras práticas de conhecimento. **Encontro Visões do Rio Babel**. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro. Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica. Manaus, 22 a 25 de Maio de 2007

WALLACE, Alfred Russell. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. 2004. Notas de Basílio de Magalhães, Brasília. Senado Federal, Conselho Editorial. 630 p (Edições do Senado Federal, v. 17).

ANEXOS I

Registro Iconográfico da pesca de peixe-boi



Universidade Federal do Amazonas

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações



**CONTEÚDO INDISPONÍVEL
PARTE DA PUBLICAÇÃO NÃO AUTORIZADA PELO AUTOR**

ANEXOS II

Tabela sinóptica dos Viajantes e etnografias a respeito dos Paumari

Registros sobre o uso do ambiente fluvial e terrestre

Ano	Autor	Obra	Descrição Etnográfica sobre a Água	Descrição Etnográfica Terra firme
1817 a 1820	Spix e Martius	Viagem pelo Brasil	“Os Purupurus têm o costume de fugir então para fora das brumosas, úmidas espessuras, mudando-se para o próprio rio, e estabelece-se sobre a madeira flutuante que arriba e se amontoa nas enseadas em enormes pilhas, oferecendo uma base vacilante para suas miseráveis choças. (...) Deve-se procurar sua origem na vida quase anfíbia (...)”.	
1862	Silva Coutinho	Relatório de Exploração do Rio Purus	“Eles não abandonam as águas pela terra, e passam pouco tempo em terra durante a estação chuvosa.”	
1862	Gustav Wallis		“Os Paumari, exímios remadores, pescam, colhem frutos silvestres, caçam tartarugas e cultivam pequenas hortas, fazendo farinha de raízes e tubérculos. Não são agricultores, mas, ciganos nômades nos rios e lagos do Purus.”	?
1864	Willian Chandless	Notas sobre o Rio Purus	“Os Paumari são pacíficos e alegres, dedicando-se muito ao canto. É um povo aquático, dando-se pouco à agricultura. São bons pescadores e atiradores de flecha, com a qual matavam peixes e tartarugas, mas, são maus caçadores (...)”.	(...) dão-se pouco à agricultura, plantando somente bananeiras, aipim e mandioca (...).
1873 a 1901	Joseph Steere	Tribus do Purus	“(…) Entre as tribus do Purus, os Paumari são os mais conhecidos. São principalmente índios ribeirinhos, hábeis nadadores e barqueiros, vivendo quase que exclusivamente de peixes e tartarugas.”	

1872	Antonio Labre		Vivem nos rios e lagos, alimentam-se especialmente de peixe e tartaruga; suas cabanas são feitas nos lagos em jangadas ou balsas, pelo que suas habitações são flutuantes. São destros remadores, entregando-se ao trabalho do mar; são verdadeiros canoeiros: suas pequenas montarias (cascos ou escaller) são feitas por elles, e tem o nome de ubá, sendo quase cones ambas as extremidades. (...) são os selvagens mais conhecidos por não arredarem-se das margens dos rios e lagos (...).	
1893	Associação Comercial do Amazonas/	A Cidade de Manaus e o País da Seringueira: Recordação da Exposição Columbiana, Chicago, 1893.	“Os Pamari ou Paumari habitavam inicialmente o baixo rio Purus, próximo a sua foz. Adaptando-se a região alagada, tornaram-se exímios remeiros, nadadores e pescadores, capazes de pegar peixes e jacarés, com as mãos, após um mergulho. (...) no mês de agosto, eles descem para a margem do rio, na procura de ovos de tartaruga. (...) Os Paumari foram os criadores das casas flutuantes da Amazônia, construídas nos lagos, sobre jangadas ou balsas.”	
1921	Rivet e Tastevin	Les Tribus indiennes des bassins du Purús, du Juruá et des regions limitrophes	“Ces sont des indiens fluviaux qui habitent exclusivement lês ilês et lagunes du moyen Purús em amont du jacaré(...”	
1930	Santana de Barros - SPI	Uma visita aos índios do rio Tapauá	“Paumary- essa tribu errante e decadente, conforme vimos pelo numero de menores na estatística acima, sempre habitou o baixo rio Purús, morando nas praias durante a secca e em jangadas no tempo da cheia. (...) Os mesmos índios falam bom o portuguez, sabem contar e, sendo <u>equitiophagos</u> , são exímios pescadores. Usam ubás.”	
1949 [1864]	Willian Chandless	Notas sobre o Rio Purus	“Os Paumari são pacíficos e alegres, dedicando-se muito ao canto. É um povo aquático, dando-se pouco à agricultura. São bons pescadores e atiradores de flecha, com a qual matavam peixes e tartarugas, mas, são maus caçadores (...)”	

1948 [1888]	Paul Ehrenreich	Contribuições para a etnologia do Brasil.	“Os Paumari habitam exclusivamente as margens baixas dos próprios rios e lagos que os acompanham, com o intuito de se entregarem à pesca e à caça de tartarugas (...). E trata-se de um povinho predominantemente ictiófago.”	
1960 [1904]	Euclides da Cunha	O Rio Purus	“(…) Da foz do jacaré a huitanaã, espalhavam-se os Paumarís e Juberís, sob o nome geral de Purupurus. Habilíssimos fabricantes de ubás e incomparáveis remadores vivem exclusivamente da pesca de tartarugas e de piraras.”	
1981	Frei Ricardo Cornwall	Levantamento sobre a situação anual das populações indígenas do Brasil	“(…) Vivem espalhados pela foz do Tapauá e Cunhuã, sobretudo até o meio curso destes dois rios (...). Eles hábitam uma área que inclui uma grande vazante”.	
1985	Gunter Kroemer	Cuxiuara, o Purus dos indígenas: ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do Médio Purus.	“(…) Os Paumari são índios fluviais que habitam exclusivamente as margens baixas dos rios e lagos, com o intuito de se entregarem à pesca e à caça de tartarugas, não se dedicando á agricultura (...)”.	Desde os tempos de Martius, em que não plantavam quase nenhuma lavoura, esta prática se desenvolveu um pouco, mas em alguns lugares já começava novamente a diminuir, enquanto os seringueiros, vindos dos estados do Nordeste, poucos respeitavam as propriedades dos índios. Não cultivavam mandioca, mas preparavam farinha de uma leguminosa e de um tubérculo. Os ranchos simples, de folha de palmeira, em forma semicilíndrica, que os Paumari construíam nas praias arenosas, na época das águas baixas, não ofereciam nenhum

				interesse especial.
2005	Oiara Bonilla	Cosmologia e organização social dos Paumari do Médio Purus (Amazonas)	“Antigamente, os Paumari viviam ao longo de todo o curso do Purus, ocupando as praias no verão e os lagos e a terra firme durante o inverno amazônico. Construíam habitações flutuantes que eram atracadas nas beiras dos lagos. Hoje em dia, ainda existem algumas casas flutuantes, mas elas são construídas segundo o padrão regional, retangular, assim como a maioria das casas atuais que são erguidas em terra sobre palafitas.	
2002	Peter Schröder	Levantamentos etnoecológicos: experiência na região do Médio Purus.	“A região atualmente pelos Paumari é exclusivamente a bacia do Médio Purus com seus afluentes. São conhecidos por sua orientação aquática, que se manifesta nos habitat tradicionalmente preferido (várzea, rios e lagos).”	Praticam a agricultura na várzea e/ou na terra firme. Além de agricultores, são também cultivadores de diversas fruteiras, leguminosas e plantas medicinais. Coletam diversas frutas silvestres que lhes servem tanto para seu consumo quanto como matéria-prima.
2009	Peter Schröder	Levantamentos etnoecológicos em terras indígenas: Reflexões metodológicas sobre uma experiência no contexto de um projeto de cooperação internacional	“A territorialidade Paumari esta voltada principalmente para as várzeas (...). Os Paumari são os que ocupam de maneira mais intensa o conjunto de paisagens contidas nas planícies de inundação do Purus e Ituxi.”	
			“A característica mais marcante dos Paumari, é sua afinidade com as águas. Habitam normalmente as margens baixas dos rios e lagos, adquirindo grande habilidade como pescadores. São exímios caçadores de tartarugas, e mergulham de 30 a 40 palmos de profundidade a fim de trazerem a presa à superfície.”	

S/D	FUNAI	Os índios Paumari	“Os Paumari são índios fluviais, que habitam exclusivamente as ilhas e lagos do médio Purus ate o jacaré (...). Exímios pescadores, os Paumari habitam exclusivamente as margens baixas dos rios e lagos.”	
------------	-------	-------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

